

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

JOSÉ DE SOUSA CAMPOS JÚNIOR

**“À SOMBRA DA GAMELEIRA”: LITERATURA CONTEMPORÂNEA E OS
RUMOS DA PRODUÇÃO FEMININA NA PARAÍBA**

Campina Grande – PB

2015

JOSÉ DE SOUSA CAMPOS JÚNIOR

**“À SOMBRA DA GAMELEIRA”: LITERATURA CONTEMPORÂNEA E OS
RUMOS DA PRODUÇÃO FEMININA NA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva

Campina Grande – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C198s Campos Júnior, José de Sousa
"À Sombra da Gameleira" [manuscrito] : literatura contemporânea e os rumos da produção feminina na Paraíba / José de Sousa Campos Júnior. - 2015.
239 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura 2. Literatura Feminina 3. Historiografia Literária 4. Literatura Paraibana I. Título.

21. ed. CDD 809.8

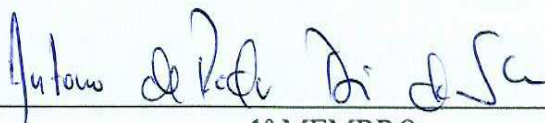
JOSÉ DE SOUSA CAMPOS JÚNIOR

**“À SOMBRA DA GAMELEIRA”: LITERATURA CONTEMPORÂNEA E OS
RUMOS DA PRODUÇÃO FEMININA NA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Aprovada em 09/04/2015

BANCA EXAMINADORA




1º MEMBRO

(Orientador Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva - UEPB)



2º MEMBRO

(Examinador Dr. Diógenes André Vieira Maciel - UEPB)



3º MEMBRO

(Examinadora Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira - UFCG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, Maria e José, por tornarem possível minha caminhada até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, pela paciência, dedicação e orientação desta pesquisa; pelas lições acadêmicas e de vida proporcionadas, pelas conversas enriquecedoras e pelo incentivo em buscar sempre algo mais.

À banca da qualificação (professores Dr. Diógenes André Vieira Maciel e Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega) pela apreciação crítica e sugestões de leitura.

Aos membros da comissão examinadora, os professores Dr. Diógenes André Vieira Maciel e Dr. Kyara Maria de Almeida Vieira, pela disponibilidade, leitura e colaboração.

Às professoras suplentes da banca examinadora: Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega e Dra. Eronides Câmara.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Às secretarias municipais e aos órgãos e bibliotecas públicas pelo acesso às informações requeridas por mim.

Às autoras paraibanas integrantes desta pesquisa. Algumas delas eu tive o prazer de conhecer.

Aos colegas de turma, pelas conversas inteligentes e engraçadas.

Aos amigos descobertos durante o mestrado.

Às minhas colegas de trabalho que se tornaram amigas, principalmente Liliana e Edilma.

À minha família, pelo apoio de sempre.

Aos meus amigos, descobertos na graduação, pelo apoio, incentivo, por acreditarem em mim sempre, e por suportarem meus surtos. Eles me fazem acreditar que amizade verdadeira existe e que, uma vez conquistada, torna-se uma espécie de laço familiar.

“A vida é um conto desprovido de fim.
Fim delimita. Quero a continuidade
oportunista de todos os pontos de vista”.
(Letícia Palmeira)

RESUMO

Embora ainda precise de divulgação e valorização, a literatura feminina está atingindo âmbitos de discussão acadêmica não alcançados há décadas atrás. A democratização e ampliação do mercado literário são fundamentais para que tais obras alcancem um público cada vez maior, fazendo com que escritoras de lugares afastados de grandes centros urbanos também tenham chance de publicação. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre os pressupostos historiográficos e literários que colocam a produção feminina em segundo plano em relação à produção masculina, sobretudo no âmbito do estado da Paraíba. Como objetivos específicos, refletiremos acerca do espaço ocupado pela produção feminina na historiografia literária local; analisaremos os pressupostos teóricos dos principais manuais de história da literatura brasileira, questionando-os e propondo novas formas de organização da história literária; discutiremos a respeito da natureza da literatura para chegarmos a uma conceituação de obra e historiografia literárias adotadas nesta pesquisa; a construção de um catálogo de escritoras paraibanas a partir dos dados coletados no período de execução desta pesquisa, organizando, para isso, um conceito de escritora paraibana; e apontaremos as tendências da literatura de autoria feminina na Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina. Historiografia literária. Literatura paraibana. Cânone.

ABSTRACT

Although it still needs dissemination and exploitation, female literature is reaching areas in academic discussion not achieved in decades ago. The democratization and expansion of the literary market are essential for such works to reach a growing audience, causing writers of places away from large urban centers to also have a chance of publication. Thus, the main objective of this paper is to discuss the historiographical and literary assumptions that put women's production in a secondary place in relation to male production, especially in the state of Paraíba. As specific objectives, we will: reflect on the space occupied by the female production in the local literary historiography; analyze the theoretical assumptions of the main history books of Brazilian literature, questioning them and proposing new forms of organization of literary history; discuss about the nature of literature in order to reach a conceptualization of work and literary historiography adopted in this research; the construction of a book of the writers of Paraíba from the data collected in this research implementation period, organizing, for that construction, a concept of female Paraíba writer; and point out the trends of female authors of literature in Paraíba.

KEY-WORDS: Female Authorship Literature. Literary Historiography. Paraíba literature. Canon.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| GRÁFICO 1 Solicitações realizadas via telefone e/ou e-mail (de um total de 223 cidades paraibanas)..... | 23 |
| GRÁFICO 2 Municípios que responderam à solicitação (através ou não de ofício, de um total de 89 cidades)..... | 24 |
| GRÁFICO 3 Meio pelo qual as 21 cidades responderam às solicitações quanto à existência de escritoras paraibanas..... | 25 |
| GRÁFICO 4 Naturalidade das autoras | 26 |
| GRÁFICO 5 Dados biográficos das autoras catalogadas | 27 |
| GRÁFICO 6 Data de publicação das obras (organizada em décadas, de um total de 386 obras) | 28 |
| GRÁFICO 7 Local de publicação | 29 |
| GRÁFICO 8 Profissão das escritoras | 30 |
| GRÁFICO 9 Década de nascimento das escritoras (41 datas conhecidas) | 31 |
| GRÁFICO 10 Forma de publicação das obras | 32 |
| GRÁFICO 11 Publicação em coletâneas..... | 33 |
| GRÁFICO 12 Formas literárias | 34 |
| GRÁFICO 13 Gêneros literários | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 ESCRITORAS PARAIBANAS: aspectos metodológicos | 15 |
| 2 HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E ESCRITORAS PARAIBANAS: aspectos teórico-conceituais | 38 |
| 3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA..... | 38 |
| 3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA LITERATURA..... | 50 |
| 3.2.1 HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E QUESTÕES DO CÂNONE | 50 |
| 3.2.2 NOVA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA | 64 |
| 3.3 “ESCRITORA PARAIBANA”: caracterização e definição | 67 |
| 3 CATÁLOGO DE ESCRITORAS PARAIBANAS | 79 |
| 4 TENDÊNCIAS DA LITERATURA PARAIBANA DE AUTORIA FEMININA | 181 |
| 4.1 TENDÊNCIA FILÓSOFICA | 185 |
| 4.2 TENDÊNCIA LÍRICA | 189 |
| 4.3 TENDÊNCIA MEMORIALISTA | 194 |
| 4.4 TENDÊNCIA REGIONALISTA | 198 |
| 4.5 TENDÊNCIA SACRO-PROFANA | 202 |
| 4.6 TENDÊNCIA INTERDISCURSIVA | 208 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 214 |
| REFERÊNCIAS | 218 |
| APÊNDICES | 224 |
| ANEXOS | 228 |

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre a literatura produzida no estado da Paraíba o foco recai, na maioria das vezes, sobre os autores do gênero masculino, sobretudo aqueles que se encontram já pertencentes a uma tradição literária ou que estão entrando na lista de autores canônicos. A produção feminina, dessa forma, ganha pouco destaque na Paraíba, principalmente no âmbito acadêmico, ficando na sombra dos escritores paraibanos, como indicado pelo título deste trabalho¹. No entanto, constatamos que há uma grande e frutífera produção de autoria feminina na referida unidade federativa, e essa literatura é pouco explorada.

É necessário que mais pesquisas sejam direcionadas a essa produção para que haja um aumento gradativo de estudos nessa área, tanto no que diz respeito à pesquisa acadêmica quanto ao interesse da crítica literária. Novos locais produtores de literatura surgem e demandam por uma nova conjuntura literária, mais ampla e democrática. E isso aponta para uma urgente reflexão em torno do cânone literário. O lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os pressupostos historiográficos que regem a literatura brasileira e paraibana, atentando para as formas de obscurecimento da literatura de autoria feminina, sobretudo a produzida fora dos grandes centros econômicos do país, neste caso a Paraíba. Como objetivos específicos temos: catalogar as escritoras paraibanas a fim de traçar um panorama dessa produção, elaborando um perfil das autoras paraibanas e sua produção considerando aspectos como data de publicação, gênero literário, se em obra individual ou coletânea, local de publicação, editoras, entres outras variáveis que ajudem a pensar sobre as condições de

¹A expressão “à sombra da gameleira”, citada no título deste trabalho, faz referência direta ao livro de mesmo nome, de autoria de Ezilda Milanez Barreto. Apropriamo-nos do título para indicar que as escritoras estão na sombra dos escritores, pois esta dificulta o avanço das autoras numa caminhada igualitária, alocando-as atrás deles, na sombra. Não se trata, portanto, de uma caminhada lado a lado, mas sim um percurso no qual os homens estariam em primeiro plano e as mulheres estariam posicionadas atrás do grupo masculino, ficando à sombra deste grupo. Esta autora, ao dar esse título à sua obra, baseia-se no mito que povoa o imaginário da população da cidade de Areia: havia uma árvore (gameleira) no centro de Areia. Acreditava-se que nela moravam espíritos os quais atraíam acontecimentos auspiciosos à cidade. Porém, o prefeito Jaime de Almeida mandou derrubar a gameleira. A partir desse momento Areia começou a passar por problemas de ordem diversa, fazendo seus habitantes acreditarem que a derrubada da árvore trouxesse azar ao local, já que sua guardiã havia sido colocada a baixo aos golpes de machado.

produção e circulação da literatura feminina paraibana; refletir sobre os conceitos de literatura e historiografia literária verificados nos principais autores de teoria e de manuais literários, enfatizando os pressupostos teóricos que dificultam a divulgação, a circulação, a valorização e uma possível legitimação da referida produção paraibana, bem como evidenciar o conceito de literatura e historiografia adotados nesta pesquisa; conceituar o que chamaremos de “escritora paraibana”; e apontar as tendências da literatura de autoria feminina paraibana, sistematizando-a para proporcionar uma maior valorização.

A relevância desta pesquisa reside no fato de refletir sobre uma produção literária (a saber, a literatura de autoria feminina produzida no estado da Paraíba) sobre a qual não há, até o momento, nenhum trabalho dessa abrangência dedicado à reflexão sobre essa produção. Assim, com o enfoque na análise e crítica desses textos há um maior respaldo para se pensar no lugar da mulher na história literária, evidenciando que o espaço que lhe fora dado não é compatível com a importância de suas obras. Além disso, a literatura paraibana passará a ter uma maior divulgação, podendo ser mais valorizada, sobretudo pelos paraibanos, uma vez que utilizaremos como base para o estudo dessa literatura um catálogo elaborado em pesquisa anterior, cujas informações servem para ampliar o conhecimento sobre essas autoras. Com a investigação das referidas tendências haverá uma maior sistematização da produção feminina, podendo servir de base para trabalhos posteriores.

Não se trata de tentar equiparar as obras, afirmando que essa produção proveniente de fora dos centros de poder merecem a inserção no cânone tanto quanto as obras de autores pertencentes às ilhas culturais. Trata-se da defesa de que a produção literária de grupos que não fazem parte destes centros também é literatura, a qual requer novos modos de reflexão em torno de seus aspectos fundantes e artísticos e de seus modos próprios de organização estética que mobilizam novas formas de definição do que é literatura. Ou seja,

“desconsiderando os modelos de valoração estética nascidos da apreciação das ‘grandes obras’ e partindo para um questionamento do nosso conceito de literatura. Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 12).

A literatura de autoria feminina não necessita da autorização do cânone masculino (e de nenhum outro) para que possa ganhar notoriedade. Há uma tendência em avaliar uma obra ainda não conhecida levando-se em consideração comentários já feitos por críticos literários ou outros autores conhecidos nacionalmente. No caso de uma obra de autoria feminina geralmente espera-se que ela vem acompanhada por um elogio de algum crítico reconhecido no meio acadêmico e literário, ou se for o comentário de uma mulher, ela é interpretada como uma representante do cânone masculino: “o campo literário (...) reforça essa situação, por meio de suas formas de consagração e de seus aparatos de leitura crítica e interpretação” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20). São práticas que reforçam o poder canônico e revela a frequente colaboração de sujeitos que estão à margem dele. Isso não significa, porém, que a obra de uma autora ainda desconhecida não possa trazer em seu bojo um comentário dessa natureza. A obra só não pode ser avaliada tomando-se esse critério como superior a seu próprio teor estético. O comentário de uma figura reconhecida nacionalmente não deve ser o principal nem o único fator indicador da qualidade da obra. Isso se configura como um aspecto redutor da obra no sentido de que tal texto precisa da autorização da voz de outro sujeito considerado superior para que haja a legitimação de sua obra.

Novos locais produtores de literatura surgem e demandam por uma nova conjuntura literária, mais ampla e democrática. E isso aponta para uma urgente reflexão em torno do cânone literário. O lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística. Nesse sentido, a historiografia literária costuma adotar modelos de interpretação que, de acordo com Kothe (1997, p. 11), atende interesses de classes dominantes, fazendo com que não se perceba mais, com a repetição e o estabelecimento do cânone, a diferença entre os fatos havidos e a narrativa desses fatos, entre a interpretação institucionalizante e a natureza do objeto. Isto significa que há uma distância entre o que realmente existe em termos de manifestações literárias e o que é interpretado como literatura, uma vez que essa interpretação segue pressupostos patriarcais, políticos e econômicos, excluindo conseqüentemente aqueles que não se encaixam nesse perfil.

Mesmo quando há nomes de mulheres que ganham destaque, geralmente pertencem às regiões mais ricas do Brasil. Isso revela a dificuldade de reconhecimento

de autoras que orbitam fora dos grandes centros. É o caso da literatura paraibana de autoria feminina. Trata-se de uma literatura produzida em um dos estados da região Nordeste do país (região esta considerada a mais pobre e com o maior índice de analfabetismo), que dentre os estados desta região é um dos menos populosos e com menos destaque da região (comparado ao que a grande mídia transmite dos outros estados); e uma literatura produzida por sujeitos (as mulheres) que, embora venham ocorrendo mudanças, ainda sofrem discriminação e têm que concorrer com a forte tradição literária masculina, de matriz heterossexual.

1. ESCRITORAS PARAIBANAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa pode ser caracterizada de diversas maneiras, dependendo dos aspectos que a envolvem, tais como objetivos e tipos de procedimentos adotados pelo pesquisador. Geralmente estes dois aspectos são interdependentes, uma vez que, na maioria dos casos, os objetivos determinam quais procedimentos metodológicos o estudioso deve adotar, e vice-versa. Portanto, toda proposta de definição de pesquisa sugerida por vários estudiosos de redação científica é passível de alterações e de adaptações. Nesse caso, o pesquisador precisa conhecer e refletir a respeito dos fundamentos metodológicos de uma pesquisa científica; necessita filtrar os métodos que lhe serão úteis e não ficar preso a eles, fazendo dialogar, muitas vezes, vários encaminhamentos metodológicos em uma mesma pesquisa.

Dessa forma, levando em consideração o objetivo deste trabalho, faz-se necessária uma abordagem qualitativa, uma vez que a catalogação, os números e resultados da primeira etapa da pesquisa, que serão analisados posteriormente, são usados para fins qualitativos: avaliar o cenário da produção literária de autoria feminina no estado da Paraíba. Nesse sentido,

“a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79).

Dessa forma, o aspecto quantitativo é tomado como ponto de partida para uma abordagem mais ampla. O objetivo dos dados materializáveis é proporcionar a crítica ao estudo feito. Ou seja, se a pesquisa “reconhece a relevância dos objetos materiais e privilegia a necessidade de encontrar a frequência e constância das ocorrências, será necessário recorrer aos recursos quantitativos (mensuráveis) para comprovar a frequência das incidências a partir das quais será possível estabelecer as leis e aventar uma teoria explicativa” (CHIZZOTTI, 2008, p. 27). Os gráficos expostos no final deste capítulo são fundamentais para compreendermos o cenário da produção feminina no estado da Paraíba.

Isso aponta para o fato de que os métodos nas ciências humanas e sociais não são rígidos e mecânicos como aqueles utilizados nas ciências da natureza, dadas as suas especificidades. Assim, o pesquisador pode analisar qual o melhor caminho metodológico a seguir para alcançar seus objetivos. Uma vez que as pesquisas qualitativas “não tem um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos” (CHIZZOTTI, 2008, p. 26). Logo, o uso de recursos como gráficos e tabelas não determina que esta seja uma pesquisa quantitativa, ao contrário, os objetivos da exposição destes dados é que determinam o tipo de pesquisa aqui realizada. Ou seja,

“se (...) o pesquisador supõe que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato com a realidade nas diferentes interações humanas e sociais, será necessário encontrar fundamentos para uma análise e para a *interpretação* do fato que revele o significado atribuído a esses fatos pelas pessoas que partilham dele. Tais pesquisas serão designadas como *qualitativas*, termo genérico para designar pesquisas que, usando, ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem” (CHIZZOTTI, 2008, p. 27-28).

A interpretação e análise desses recursos quantitativos pretendem analisar a situação das mulheres no que se refere ao contexto literário local. O que permitirá também teorizações sobre os fundamentos da historiografia literária, na tentativa de explicitação do não reconhecimento da fecundidade da literatura de autoria feminina.

Assim, o levantamento dos nomes das escritoras paraibanas seguiu orientações metodológicas que foram planejadas em função dos objetivos deste trabalho. Primeiramente, não houve uma determinação prévia de um recorte temporal. A intenção foi catalogar o máximo possível de autoras, independente da época em que publicaram suas obras e do gênero literário em que se expressaram. Não estabelecemos nenhum recorte temporal que precisasse um período ou interstício que servisse de baliza para a pesquisa feita, porém delimitamos o ano de 2013 como data limite da catalogação, independentemente de os textos encontrados fazerem referência a quaisquer temporalidades. Assim, vamos ter registradas obras de 2013 e outras das primeiras décadas do século XX, a exemplo do livro de poemas “Cirrus e nimbus”, publicado em 1924 em João Pessoa, de autoria de Eudésia Vieira, configurando-se, nesta pesquisa, como a obra catalogada mais antiga publicada por uma paraibana. O segundo critério foi

o fato de terem livros publicados, individualmente ou fazendo parte de coletâneas, com ou sem o Número Internacional Padronizado para Livros cuja sigla ISBN obedece à escrita da mesma expressão em língua inglesa: International Standard Book Number. Não consideramos aqui publicações em formato de pequenos livretos (que tenham menos de 49 páginas), bem como em revistas e jornais, uma vez que estes três suportes não se configuram tecnicamente como livros. Para a Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, considera-se, no Brasil, livro, quanto à extensão, aquela publicação que apresenta o mínimo de 49 páginas; os textos (poemas, crônicas, contos, ou outros) publicados em livros e revistas não podem ser inclusos na pesquisa porque, pela efemeridade dos suportes (revistas e livros têm um curto período de vida, de influência entre leitores), não nos serve como baliza para a pesquisa que empreendemos.

Isso não significa subestimar uma produção literária ou escrita de autoria feminina, apenas considerar critérios que possam corresponder ao impacto da pesquisa que queremos dar, quando da catalogação e sistematização dos dados coletados, possíveis de serem encontrados por um público leitor. Enveredar por uma catalogação acriteriosa poderia tornar a pesquisa superficial e demorada: se há memória de jornais e revistas que tragam textos de autoria feminina, sabemos que demandaria um tempo que uma pesquisa de mestrado não suportaria. Também porque, por este âmbito, é provável (e isto soa apenas como hipótese dentro deste trabalho) que haja textos que foram a primeira e única produção de autoria feminina registrada em um ou nos dois suportes aqui considerados e isto provocaria outra discussão: a escrita e publicação de um poema, de uma crônica, de um único conto em um jornal ou revista faz da pessoa que escreve um Autor? Autor, sim, no sentido atribuído por Foucault (2010): alguém que, por intermédio de sua escrita, modifica, transforma ou impacta a geração de autores de sua época e de épocas posteriores pelo modo como o pensamento é plasmado no texto .

Dessa forma, o conceito de obra literária aqui adotado é baseado na concepção tradicional² que leva em consideração o número de páginas e o tipo de formato físico da obra, centrado no modelo de livro impresso. É evidente que e-books, por exemplo, poesia audiovisual e outras modalidades de literatura também performáticas, se é que podemos assim nos expressar, por não atenderem ao critério de *livro impresso*, não

²Em razão da natureza metodológica deste trabalho tivemos que adotar essa concepção para chegarmos a um aspecto delimitador da pesquisa e não incorreremos na tarefa de catalogar todos os suportes físicos que contivessem textos de autoras paraibanas, pois o nosso objetivo não é abarcar tudo que já foi escrito por alguma autora paraibana, tarefa que seria inviável em termos práticos e exploratórios.

serão catalogadas por nós; também não obtivemos posição afirmativa, até o presente momento, de que autoras paraibanas publicaram títulos que estivessem dentro desta perspectiva.

Ainda quanto à extensão, em havendo títulos incluídos neste processo de catalogação, o gênero *Literatura infantil*, na perspectiva dada por Peter Hunt (2010), será considerado livro, mesmo que o número de páginas seja inferior a 49, porque o gênero, por assim dizer, apesar da discordância de muitos, é bastante peculiar quanto à paginação (número reduzido), quanto à linguagem (adequada para crianças em diversas faixas etárias), quanto ao enredo (geralmente entrelaçado pela modalidade verbal e imagética do modo de contar as histórias), pela autoria (quase sempre, quando o livro é ilustrado, o texto é obra de um autor e de um ilustrador). Desta forma, consideramos livro esta produção que pertence ao gênero *Literatura infantil*.

Como terceiro critério, consideramos “escritora paraibana”, neste trabalho, as mulheres que vivem no estado da Paraíba, isto é, aquelas que têm como contexto de produção o território paraibano. Em sua maioria são mulheres que também nasceram neste estado, todavia, há também aquelas que são radicadas no referido estado, ou seja, aquelas que nasceram em outro estado, mas que constituíram suas vivências em território paraibano já há muitos anos, ou seja, são pessoas radicadas na Paraíba. Nesses casos, são interpretadas como paraibanas porque suas vivências pessoais têm como cenário o espaço físico paraibano. Assim, todas as escritoras que são chamadas aqui de ‘paraibanas’ tiveram sua personalidade intrinsecamente marcada pela socialização no território paraibano. Fato que pode interferir, em algum momento da escrita, como fator afirmativo ou revelador de contextos de pertença ou de discussão de pertencas, como por exemplo, a representação de espaços tipicamente nordestinos, visto que, como espaço formador do sujeito escritor, pode evidentemente influenciar o modo de construção dos textos. Portanto, as autoras radicadas aqui podem ter obras nas quais encontremos representações literárias que explicitem esse pertencimento ao território da unidade federativa em questão. Não adotamos o critério de nascimento porque há autoras que nasceram na Paraíba, mas vivem em outros estados do país. Assim, uma escritora que tenha nascido aqui, mas que viva atualmente em outro estado do território brasileiro, vai ser interpretada, pelo mesmo critério aqui adotado, como pertencente à literatura desse outro espaço, uma vez que defendemos neste trabalho que seu lugar de produção determina ao qual grupo literário este sujeito faz parte.

Com relação ao conteúdo das obras, não determinamos se os cenários, ambientes ou espaços físicos nelas plasmadas devem estar associados exclusivamente à Paraíba, ou ao Nordeste, configurando a obra como “regionalista”. Os textos podem ou não ter como cenários a região local, o que significa dizer que não podemos generalizar e afirmar que tudo que se produz na Paraíba seja considerado de cunho “regionalista”. O regionalismo a nível estadual, assim como a nível nacional, é uma tendência dentre as diversas verificadas no âmbito da literatura, e não uma regra geral de tendência a ser seguida por todos os autores, ou seja, o regionalismo é um “fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento (...) quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores” (CHIAPPINI, 1995, p. 153-154). Queremos entender, aqui, as marcas estilísticas de um regionalismo na obra como fazendo parte do “estilo autoral”, ou seja, não é o fato de se pertencer a um local ou região que vai determinar uma produção literária como regional. Mas o estilo utilizado, desenvolvido em texto específico para cumprir determinada intenção, surtir determinado efeito, isso, sim, problematiza a questão do local/regional, segundo definimos aqui.

Categorizar uma obra literária de “regionalista”, de acordo com a interpretação de alguns críticos literários, traz em si um caráter redutor, uma vez que se a obra não atingiu dimensões universais ela é enquadrada como uma obra de cunho regionalista. Quando esta obra atinge dimensões universais, ela ascende a novos patamares estéticos e críticos. Portanto, esta é uma “tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à ‘grande literatura’, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore” (CHIAPPINI, 1995, p. 156). Assim, essa classificação carrega um preconceito estético. Deste modo, os críticos literários herdeiros desse pensamento consideram a obra regionalista inferior às outras que não são, pois aquelas seriam de menor valor estético, uma vez que se limitam ao “beco”, não ultrapassando as fronteiras do localismo. Entretanto, o regionalismo foi uma forma de consolidação da identidade nacional, “um fator decisivo de autonomia literária e importante contrapeso realista, uma vez que implicava esforço pessoal de estilização e grande quota de observação” (ARAÚJO, 2008, p. 122). No entanto, ao se tentar consolidar a identidade nacional, coloca-se em tensão a região, visto que a nação pressupõe uma unidade nacional, buscando sempre um tipo representativo, e a região implica em diversidade. Mesmo a

noção de “região” desestabilizando a “nação”, é através da figura humana do interior, de ambientes afastados que se buscou representar a nação.

Portanto, ao falarmos em “literatura paraibana” há uma associação, num primeiro momento, a uma base estética regionalista. Porém, este tipo de pensamento é herdeiro justamente dessa crítica literária tradicional, o que termina por criar estereótipos e ‘pré-conceitos’ em relação a uma obra de uma autora que viva num dos estados da região Nordeste. A questão da pertença ao contexto local, a saber, o contexto nordestino, pode ou não influenciar uma escritora a produzir algum escrito na linha regionalista, ou seja, a vivência em solo paraibano constitui-se como um suporte para uma possível representação literária desse ambiente, considerando seus aspectos sociais, econômicos, naturais e culturais. Porém, vale lembrar que isso não é uma regra geral que deve ser seguida obrigatoriamente por todas as autoras que vivem ou viveram em território paraibano. Escrever obras desta natureza depende de fatores diversos, tais como intenção da autora, estilo adotado, gênero literário, momento histórico, ou até mesmo gosto pessoal.

Deste modo, retomando quais procedimentos metodológicos foram aqui utilizados, uma das formas de estudo que melhor atende às necessidades desta pesquisa é a descrição, ou seja, descrever o objeto de pesquisa; procurar descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 84). Aqui vale salientar a distinção entre fato e fenômeno: o primeiro é verificável na realidade, independente de conhecermos ou não; já o segundo diz respeito à percepção que o observador tem de determinado fato. Logo,

“pessoas diversas podem observar no mesmo fato fenômenos diferentes, dependendo de seu paradigma que, de uma ou de outra forma, acaba por servir de base para a formulação de concepções e referenciais sobre as relações do homem com o mundo e sobre a existência humana percebida em sua dinâmica internacional de mútua e constante transformação. Assim, a possibilidade de propor determinadas teorias e critérios para a aceitação ou não de determinados procedimentos na e para a produção científica reflete aspectos mais gerais e fundamentais do próprio método” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 67).

Outra forma de estudo que atende as nossas finalidades é o procedimento exploratório, uma vez que foram realizadas catalogações *in loco* com as visitas a sebos, bibliotecas e espaços públicos com a intenção de recolher dados e encontrar os objetos

(livros) com os quais a pesquisa lida diretamente. Nesse sentido, “as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 69). A exploração de espacialidades permite um contato próximo do pesquisador com seu(s) objeto(s) de estudo(s), diferente de uma atitude observatória, por exemplo, onde o sujeito pesquisador participa do cotidiano de determinados sujeitos para que formule conclusões e hipóteses a partir do ato de observá-los. Na pesquisa exploratória os ambientes são explorados a fim de que dados importantes para determinado estudo sejam encontrados, os quais possibilitam a formulação de problemas mais precisos (como por exemplo, a disponibilidade de livros de autoras paraibanas nas bibliotecas; a existência de algum tipo de instituição cujo objetivo seja promover essa produção).

Dessa forma, as discussões aqui levantadas tomaram como parâmetro os fenômenos interpretados a partir da leitura dos fatos verificados através dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica, por meio da exploração e da busca em sites, bibliotecas, sebos, secretarias de cultura e instituições literárias. Este contato direto com estes lugares, entretanto, deve ser controlado e guiado por objetivos previamente estabelecidos, mas é essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa, uma vez que leva à inserção no contexto das manifestações que investiga, ajudando assim na análise e síntese dos fenômenos verificados. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica também é um dos itens adotados no procedimento exploratório.

A pesquisa bibliográfica ocorreu buscando-se informações em livros de crítica literária paraibana, coletâneas literárias, revistas de associações de escritores (como a da Academia Campinense de Letras), e as obras literárias propriamente ditas. Quanto a estas, buscamos em sebos de Campina Grande e de João Pessoa o máximo possível de livros de escritoras locais. Nessa busca constatamos certa desorganização por parte desses estabelecimentos, uma vez que não há uma catalogação do acervo levando em consideração o critério de literatura paraibana; há sim uma parte das estantes que comportam esse material, mas que não é um apoio suficiente para o cliente que quer um livro específico. Para isso tem-se que fazer uma busca on-line em todo o acervo. O que também se mostra ineficiente, visto que os sites não possuem um sistema de busca completo, outros nem sequer disponibilizam essa ferramenta, mostrando uma falta de interesse ou técnica quanto aos modos de exibir, vender, chamar a atenção e proporcionar buscas para o leitor ou interessado. Tudo isso contribui para uma

“desvalorização” da produção local. Existem sebos de menor porte que nem sequer fazem essa separação. Isso porque estes estabelecimentos não possuem estrutura logística e/ou até mesmo física para tal empreendimento. Além disso, eles não sentem a necessidade dessa reestruturação para atender às demandas de parte dos clientes. Por serem sebos de menor porte, não há maiores esforços dos proprietários nesse sentido. Assim, a busca nos sebos não atendeu às expectativas iniciais, reforçando nossa proposição de que o mercado livresco, e por relação direta o mercado editorial, ainda é deficiente no que se refere à valorização e divulgação da literatura paraibana, sobretudo aquela escrita por mulheres.

Também foram investigados nomes de autoras em sites de editoras (Editora Ideia; EDUEPB – Editora da Universidade Estadual da Paraíba; EDUFCG – Editora da Universidade Federal de Campina Grande; EDUFPB – Editora da Universidade Federal da Paraíba); no site do Sebo Cultural de João Pessoa; nos sites das associações e academias de escritores (Academia Paraibana de Letras; Academia Campinense de Letras; Associação Boqueirãoense de Escritores; Academia de Letras de Areia; União Brasileira de Escritores-Seccional Paraíba); além de buscas em redes sociais e em sites que noticiam acontecimentos da cultura paraibana. Algumas editoras não possuem site, como no caso da Editora Manufatura, Sal da Terra e A união, e não têm um registro dos livros de literatura paraibana que já foram publicados. Este fato aponta para o descaso quanto ao mercado editorial paraibano, impossibilitando uma busca por títulos ou autores por exemplo. Isso mostra que precisa haver uma mudança nesse sentido para que as obras possam ser encontradas mais facilmente na internet, e assim haja uma rede de divulgação da cultura literária do estado.

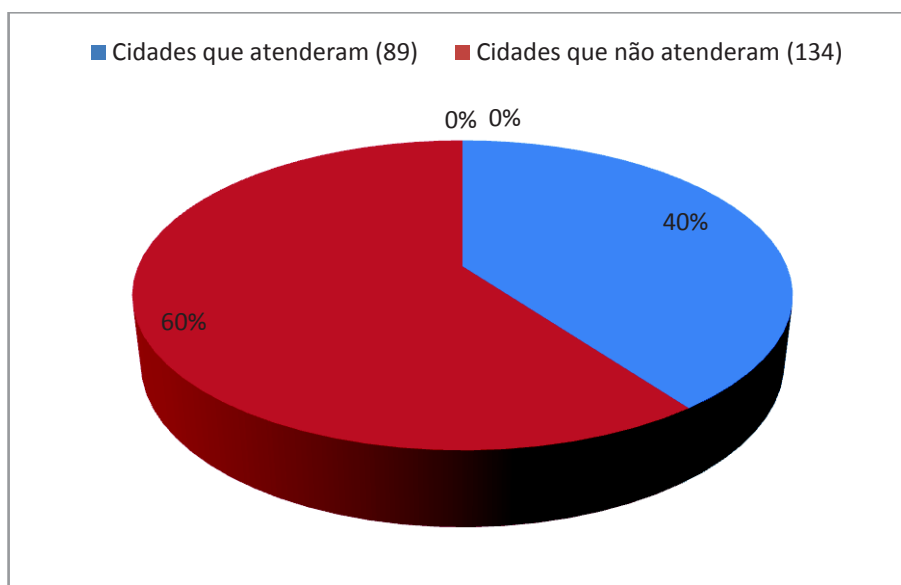
O Prêmio Novos Autores Paraibanos, organizado e concedido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), revelou diversos nomes, embora a maioria dos ganhadores seja do gênero masculino. Os ganhadores das edições realizadas desse prêmio tiveram seus livros publicados. Esse fato é de fundamental importância para que se incentive a produção literária local e se divulgue o trabalho desses autores para que sejam valorizados.

Sendo assim, a interpretação dos dados desta pesquisa se dará através da utilização de tabelas e gráficos, que auxiliarão na organização das variáveis possíveis. Ainda na interpretação dos dados, devemos respeitar dois aspectos: “a) construção de tipos, modelos e esquemas (...) b) ligação com a teoria. Esse problema aparece desde o

momento inicial da escolha do tema; é a ordem metodológica e pressupões uma definição em relação às alternativas disponíveis da interpretação da realidade social”. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 152). Portanto, é necessário que se tenha sempre em mente os objetivos expostos no início de qualquer estudo para que os dados sejam analisados de forma coerente com a proposta inicial de sua pesquisa.

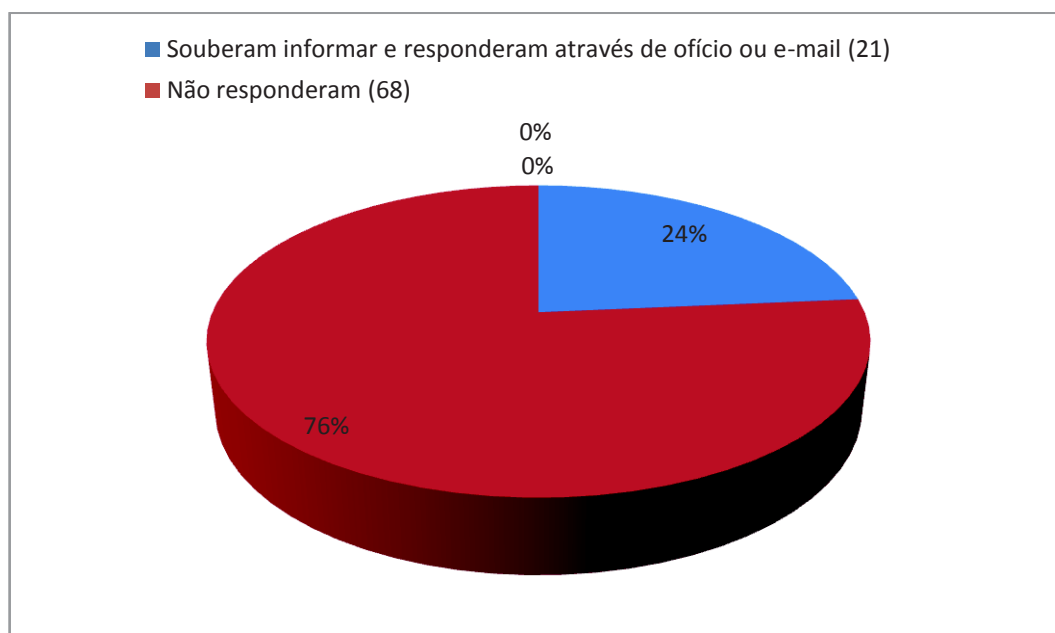
Outro meio de busca foi através de cartas enviadas às prefeituras dos 223 municípios do estado da Paraíba, durante o mês de agosto de 2013. O documento explicava o objetivo desta pesquisa e solicitava as seguintes informações: ‘existe alguma escritora, da atualidade ou do passado, natural do seu município? Se existe, gostaria que fosse informado: 1 – nome da escritora, data de nascimento (e morte, se for o caso); 2 – título de sua(s) obra(s); 3 – Se existem exemplares dos livros em seu município; 4 – e alguns dados da vida da escritora’ (Vide Apêndice 1). Com essa solicitação obtive 13 respostas, através de e-mail (vide Anexo 1) e ofício (Vide anexo 2): 6 cidades forneceram nomes de escritoras; 4 responderam que não tem nenhuma autora; e 3 forneceram nomes de historiadoras. Em razão de o número de respostas ter sido bem pequeno, decidimos entrar em contato por e-mail e por telefone com os municípios que faltavam dar uma resposta a nossa solicitação. Dessa forma, nomês de novembro de 2013 iniciamos essa tarefa, concluindo em meados de dezembro do mesmo ano. A seguir está o gráfico ilustrando a porcentagem das secretarias com as quais conseguimos entrar em contato com seus funcionários:

Gráfico1: Solicitações realizadas via telefone e/ou e-mail (de um total de 223 cidades paraibanas)



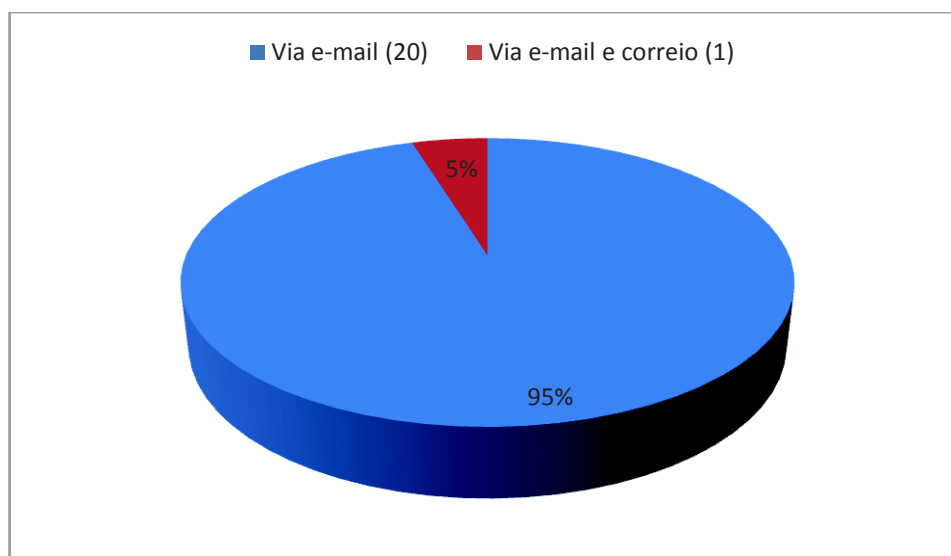
O principal motivo que impediu o contato com a maioria das cidades diz respeito ao precário sistema telefônico presente nestes locais. Geralmente, o número do telefone disponibilizado era incorreto, inexistente ou simplesmente ninguém atendia. Até mesmo o sistema de endereços eletrônicos dos órgãos administrativos destas cidades é ineficiente, pois as solicitações via e-mail também não surtiu o efeito desejado. Apesar do expressivo número de municípios com os quais falamos com o secretário de cultura ou de educação e das inúmeras promessas de respostas feitas por estes funcionários, não houve o retorno prometido dentro do prazo estabelecido. Muitas vezes, os funcionários das secretarias não sabiam responder aos nossos questionamentos; outras vezes, se dispunham a pesquisar sobre o solicitado, mas não mostravam resultados. Abaixo, temos a representação gráfica do número de secretários que forneceram informações sobre possíveis escritoras naturais de seu município:

Gráfico 2: Municípios que responderam à solicitação (através ou não de ofício, de um total de 89 cidades):



No total das 89 cidades contactadas por meio de telefone e e-mail, apenas 21 responderam à nossa solicitação quanto à existência de escritoras naturais da Paraíba. Algumas respostas foram em forma de ofício (num total de 8 ofícios enviados por e-mail), ao passo que a maioria respondeu somente por e-mail, não enviando ofício (ofícios estão em anexo), como podemos verificar no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Meio pelo qual as 21 cidades responderam às solicitações quanto à existência de escritoras paraibanas:



Apenas a prefeitura de João Pessoa respondeu por e-mail e também via correio. Todas as outras mandaram as informações exclusivamente via e-mail. O que chamou a atenção e merece ser destacado é o comprometimento dos secretários e funcionários municipais com os quais entramos em contato. Diante de poucas solicitações atendidas fica evidente o desconhecimento por parte desses atendentes quanto a aspectos próprios da cultura local em que estão inseridos. Nos números resultantes dessas etapas do levantamento consideramos as variáveis existentes:

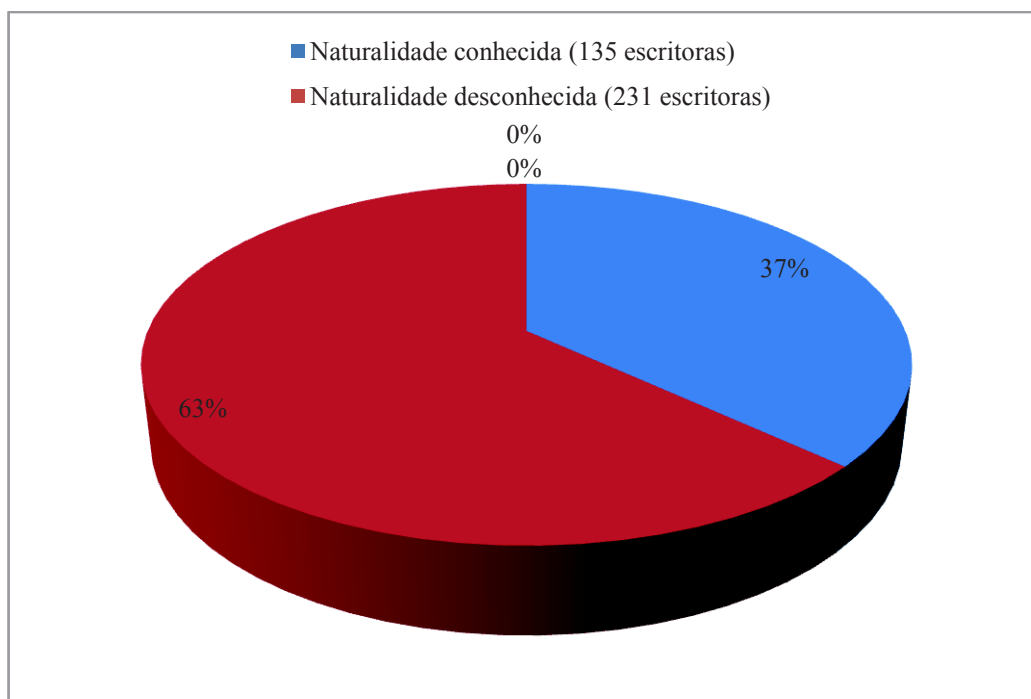
“variável” é todo aquele elemento ou característica que varia em determinado fenômeno. Esse elemento pode ser observado, registrado, e mensurado. As variáveis são, portanto, aspectos observáveis de um fenômeno, os quais podem apresentar variações, mudanças e diferentes valores em relação a dado fenômeno e entre fenômenos” (BARROS; LEHFELD, 2007, p.98).

Neste caso, a intenção não é estabelecer uma classificação hierarquizada, mas sim separar os dados obtidos de acordo com as categorias aqui consideradas relevantes para o embasamento das considerações sobre a literatura paraibana. Logo, organizamos os dados obtidos nas seguintes categorias de análise ou variáveis: naturalidade; idade; profissão; perfil social; gêneros literários mais produzidos; quantidade de autoras das quais temos dados biográficos; suporte no qual publicaram.

Após estas etapas, partiremos para a análise e interpretação, em outro capítulo, desses dados (já iniciado com os gráficos acima). Nesta fase deve-se seguir alguns passos: classificação, codificação e tabulação. Na classificação há “a divisão dos

dados em partes, dando-lhes ordem, colocando um em seu lugar (...), é baseado em determinado critério ou fundamento que orienta a divisão de um todo em partes, classes ou categorias” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 110). Já a codificação é uma associação entre as informações recolhidas e símbolos a fim de uma organização eficiente. E por último temos a tabulação: “processo pelo qual se apresentam os dados obtidos da categorização em tabelas. A disposição dos dados graficamente auxilia a interpretação da análise e facilita o processo de inter-relação deles e também com as hipóteses de estudo” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 110). Assim, os seguintes gráficos abaixo representam as variáveis aqui consideradas. A primeira variável é referente à naturalidade das escritoras:

Gráfico 4: **Naturalidade das autoras:**

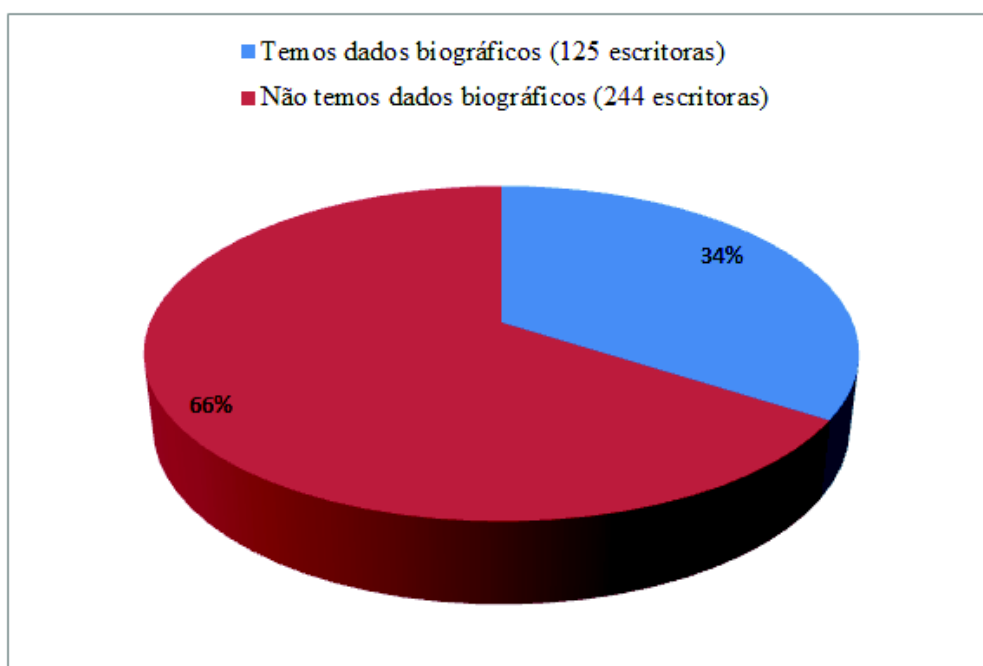


Aqui vale ressaltar que mesmo não sabendo qual o município no qual determinada escritora nasceu, sabemos que ela nasceu ou é radicada no estado da Paraíba. Tivemos acesso a essas informações por meio das próprias obras (apesar de algumas não trazerem dados biográficos nas orelhas ou na contracapa e em nenhuma parte de seu interior), de informações enviadas pelas secretarias, de pesquisas na internet e através das redes sociais. Quanto à utilização destas ferramentas de

comunicação e interação virtual, criamos uma fanpage (página criada a partir de conta na rede Facebook – vide Apêndice 2) e um blog (vide Apêndice 3), cujos nomes são “Paraibanas”, a fim de contribuir para a presente pesquisa. Na página virtual há a publicação de trechos de textos literários ou versos de poemas de obras de autoras paraibanas; compartilha-se também, entre outras informações, sobre eventos culturais, exposições e lançamentos de livros. No blog são encontradas principalmente resenhas, notícias, pequenas coberturas de eventos literários e perfis de escritoras. Dessa forma, o objetivo de ambas as páginas virtuais é fazer com que a literatura paraibana seja percebida e possa ganhar espaço na mídia digital, bem como ser meio de busca de informação, pois as pessoas que entram em contato com as páginas, de alguma forma, podem colaborar com informações ainda não coletadas por nós.

Outra variável aqui detalhada diz respeito à quantidade de escritoras das quais temos dados biográficos:

Gráfico 5: Dados biográficos das autoras catalogadas:

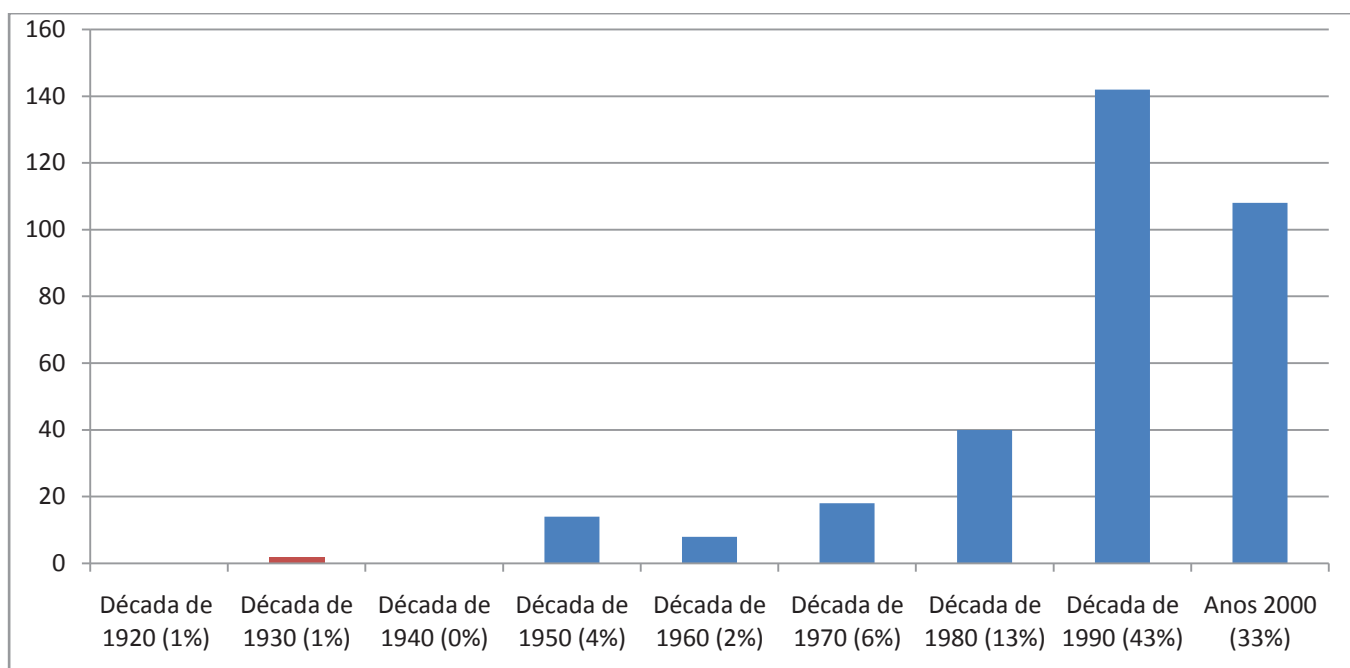


Os dados que serviram de base para este gráfico foram coletados nos próprios livros, em pesquisas em sites, e com o auxílio das redes sociais, entrando em contato diretamente com algumas escritoras que utilizam ferramentas virtuais deste tipo. Vale

salientar que nem todos os livros publicados trazem informações biográficas, é uma prática que está deixando de ser frequente.

Em seguida, temos a distribuição das obras catalogadas nesta pesquisa de acordo com a década em que foram publicadas:

Gráfico 6: Data de publicação das obras (organizada em décadas, de um total de 386 obras):

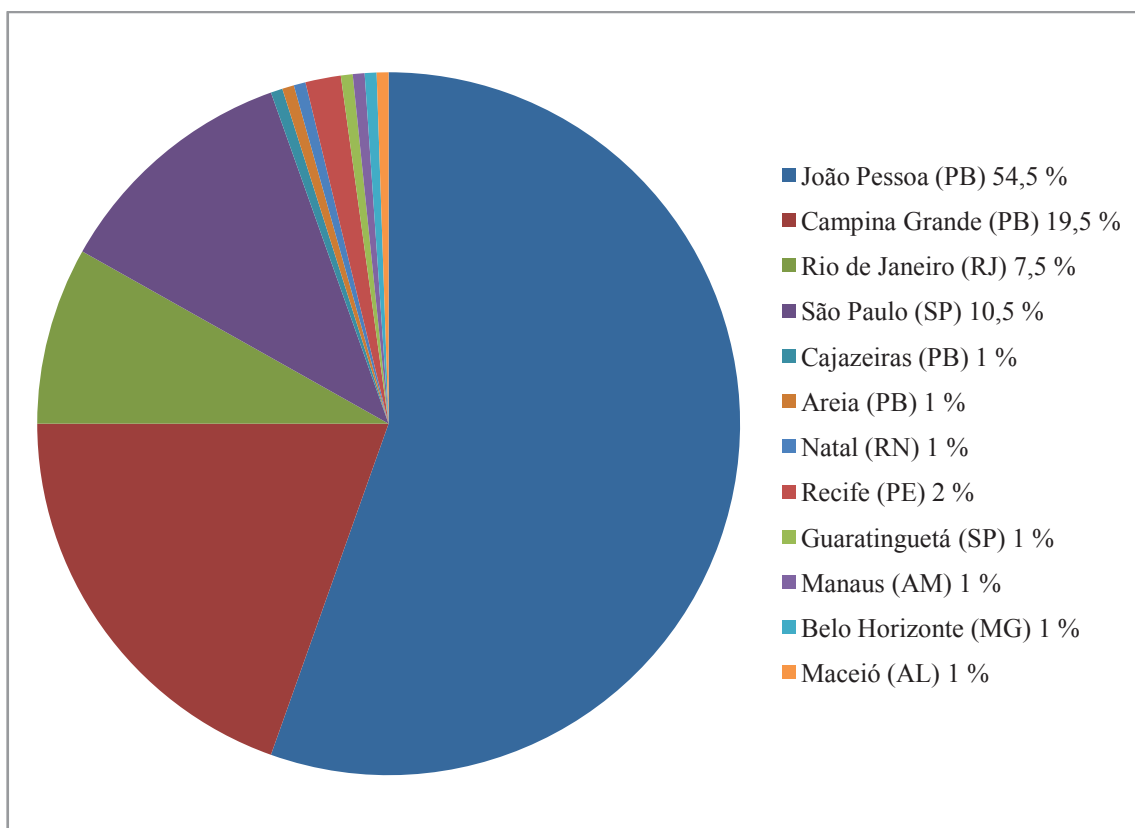


Não registramos obras anteriores à década de 1920. Assim, há o surgimento de obras de autoria feminina na Paraíba a partir desta data, havendo um maior número de publicações com o passar do tempo, considerando aqui o intervalo de décadas. Esse fato está ligado a fatores de ordem histórica e econômica, visto que há uma relação direta deste aumento com o desenvolvimento dos equipamentos editoriais, e também a aspectos socioculturais. No começo do século XX a sociedade era baseada em outros pilares e valores, os quais impediam o acesso das mulheres à educação, e conseqüentemente à cultura e à produção bens culturais. O pensamento machista da época colocava a mulher à margem da produção cultural. Dessa forma, dificilmente uma mulher conseguiria publicar no século XIX, devido aos valores daquela época. Com o passar das décadas essas barreiras foram sendo gradativamente quebradas e mais mulheres produzem literatura. Na década de 1990 há um expressivo número de obras

publicadas em razão da circulação das coletâneas “Autores Campinenses” e “Autores Parahybanos”, ambas iniciativas do Núcleo Cultural Português e da Editora Caravela.

Outra variável aqui considerada diz respeito às cidades nas quais as obras em questão foram publicadas:

Gráfico 7: Local de publicação:

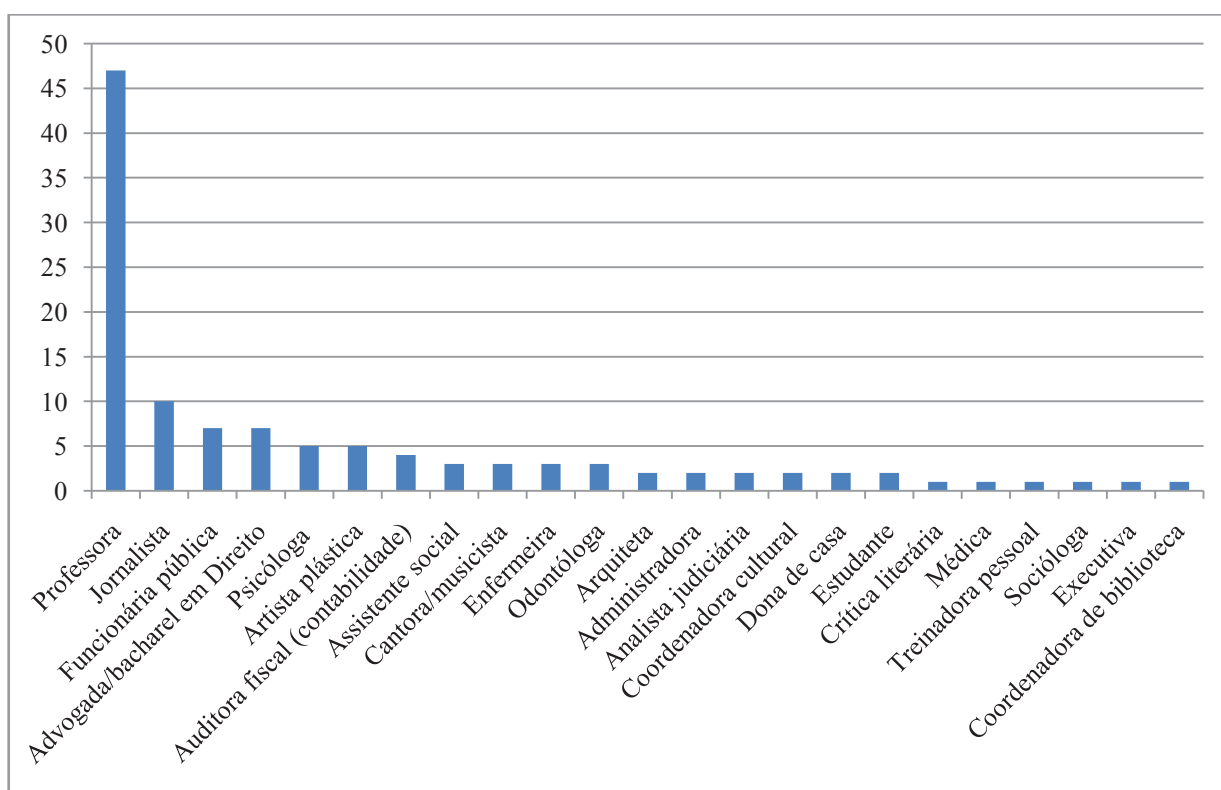


Estes números mostram que o mercado editorial da Paraíba vem se consolidando nos últimos anos, apesar de ainda precisar aumentar sua produtividade. As editoras das cidades paraibanas mostradas no quadro acima (João Pessoa, Campina Grande, Areia, Cajazeiras) são responsáveis por mais de 70 % das publicações catalogadas. Vale salientar, no entanto, que há obras catalogadas das quais não descobrimos em qual cidade ocorreu sua publicação, esses aspectos relativos às poucas informações encontradas nas próprias obras e até mesmo em outros veículos, como blogs, sites e editoras, serão discutidas mais detidamente em outro capítulo. Logo, este gráfico considera os dados conhecidos referentes ao local de publicação. As principais editoras do estado são a Editora Universitária/UFPB e a Editora União, ambas de João Pessoa.

Os grandes centros urbanos sediam as principais editoras em razão de seu maior poder econômico. Há uma evidente relação direta entre o poder econômico e o poder cultural, uma vez que o primeiro cria condições para a consolidação do segundo, que, por sua vez, pode gerar lucro para esses centros de poder na maioria das vezes. Assim, há uma relação mútua entre economia e cultura, que afeta o mercado editorial.

No quadro a seguir, trazemos a profissão das autoras que fazem parte desta pesquisa:

Gráfico 8: Profissão das escritoras:

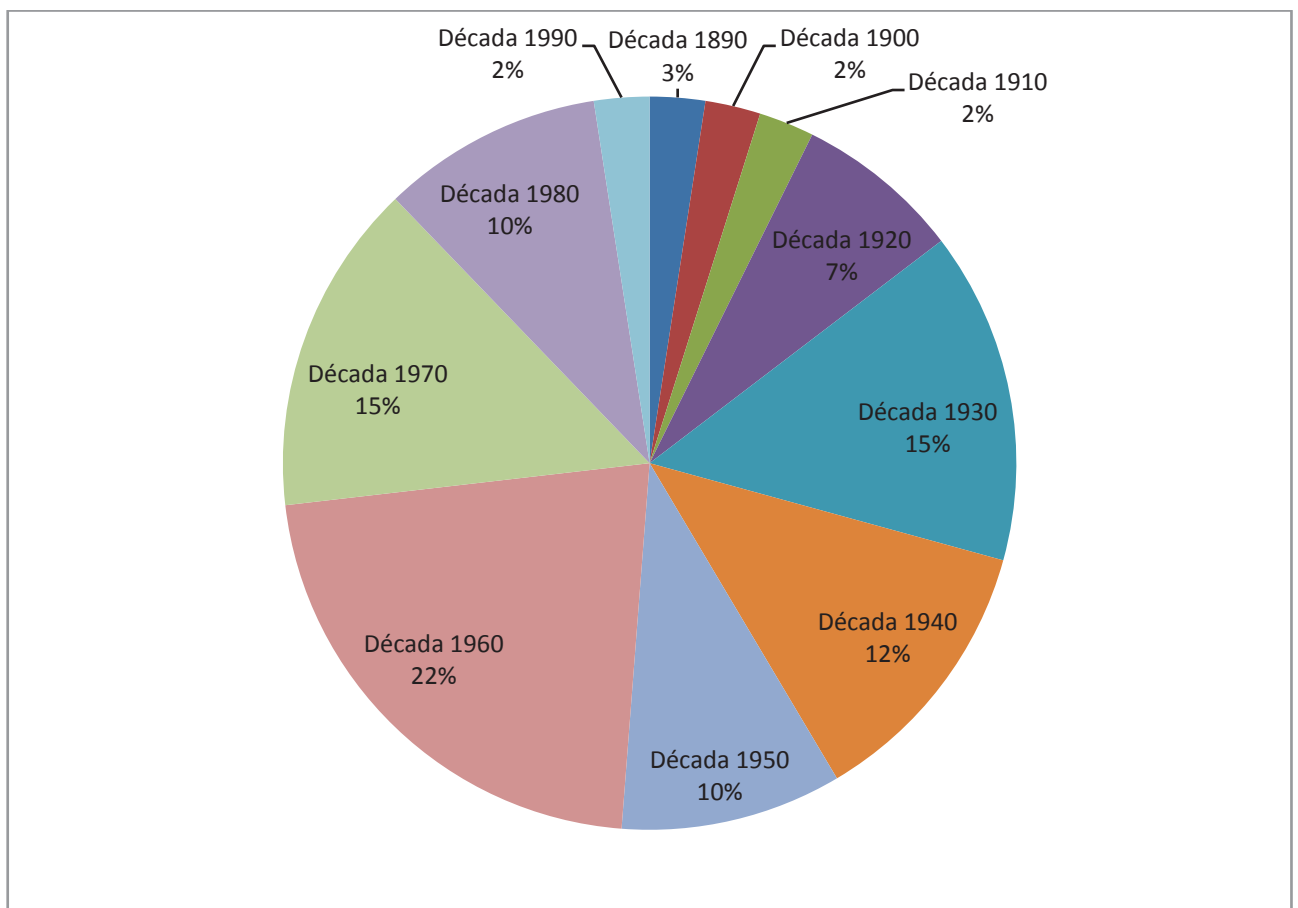


Mais uma vez lembramos que este “Gráfico 8” foi elaborado com base nos dados obtidos, o que significa que não há dados profissionais de todas as envolvidas na catalogação. Como podemos perceber, quase metade das escritoras são professoras. Isso mostra que há uma relação direta entre o frequente hábito de leitura e escrita e o incentivo à escrita literária. Essa proximidade com a leitura e com a escrita leva estas mulheres a escolherem um curso superior que mantenha essa relação de intimidade com o texto. Mesmo sendo professoras de disciplinas variadas, as leituras que realizaram impulsionam a busca por uma escrita própria, e a profissão ajuda a manter esta proximidade, tornando-se uma fonte de sustento e caminho para a busca do prazer

literário. Do mesmo modo acontece com as jornalistas, que, por meio da prática da escrita profissional, são motivadas à adoção da escrita literária.

Outra questão envolvida na relação magistério/escritora se refere às relações humanas travadas em seu meio profissional e o valor atribuído ao outro sujeito, no caso, o aluno. Acreditamos que profissionais dessa área confiam no valor da educação, consequentemente no poder da leitura como agente transformador, pois este hábito melhora o aprendizado do aluno e contribui até em seu crescimento pessoal.

Gráfico 9: Década de nascimento das escritoras (41 datas conhecidas):



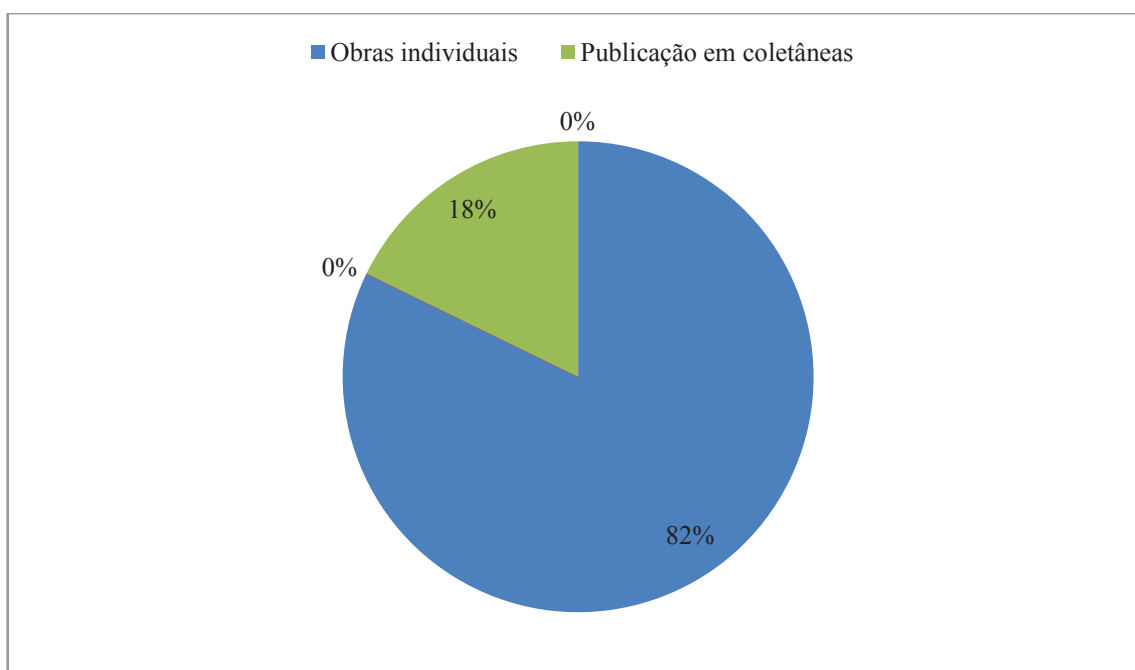
A idade das escritoras acompanha o processo de desenvolvimento do pensamento social, uma vez que as mulheres não tinham participação social até o início do século XX. À medida que a sociedade foi evoluindo na questão da valorização e reconhecimento do sujeito feminino os setores da sociedade foram se tornando flexíveis e incluindo também esta parcela da população, antes colocada à margem do que era produzido no âmbito geral da cultura humana. Em razão disso, a partir de 1940

verificamos um maior percentual de datas de nascimento, o que significa que começaram a publicar depois dos anos 1960, justamente depois das lutas empreendidas pelas feministas nesta mesma década, inclusive a revolução sexual. Estes acontecimentos foram de extrema importância para estes sujeitos conquistarem espaço na sociedade, inclusive na literatura, pois, a partir destes fatos houve a divulgação e posterior consolidação da crítica literária feminista, bem como a solidificação da literatura de autoria feminina.

A data de nascimento mais antiga registrada é do final da última década do século XIX, especificamente 1899, ano de nascimento de Vespertina Melo Ribeiro; e a data mais recente é 1997, de Aline Pereira. Entretanto, a primeira publicação de Vespertina ocorre bem mais tarde, entre a década de 1980 e 1990, o que indica provavelmente uma publicação póstuma. Já a segunda conseguiu publicar seu primeiro (e até agora único livro) em 2011, então com 14 anos. Isto significa que, atualmente, as mulheres conseguem publicar livros ainda jovens, o que é reflexo do desenvolvimento do pensamento social, comentado acima.

Verificaremos no gráfico abaixo, se as autoras publicaram por meio de obras individuais ou se participaram de coletâneas:

Gráfico 10: Forma de publicação das obras:

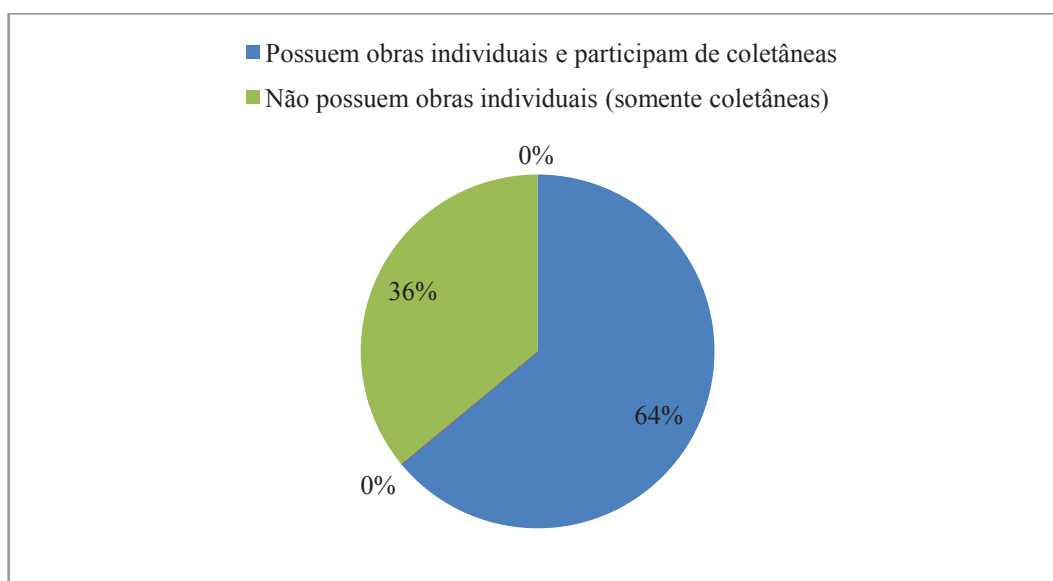


As principais coletâneas anotadas foram de iniciativa do Núcleo Cultural Português e da Editora Caravela: “Autores Campinenses” e “Autores Parahybanos”,

publicada pela Edições Caravela. A cada ano eles publicavam a coletânea referente aquele período de tempo, sendo que circularam no final dos anos 1980 e por toda a década de 1990. Hoje já não existem mais essas publicações. Duas autoras aparecem em coletâneas de maior circulação comercial: Marília Arnaud e Maria Valéria Rezende, que tem seus nomes incluídos no livro *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, organizado por Luiz Ruffato. Outra coletânea local de grande importância, apesar de ter havido somente uma edição, é a *Pingos Literários*, que também circulou nos anos 1990 e foi editada em Campina Grande. Atualmente, surgem poucas coletâneas, se compararmos com a época mencionada anteriormente, indicando que as autoras conseguem publicar, de maneira mais acessível, uma obra individual.

Da porcentagem de autoras que publicaram em coletâneas exposta no “Gráfico 10”, vejamos quantas publicaram somente em coletâneas:

Gráfico 11: Publicação em coletâneas:

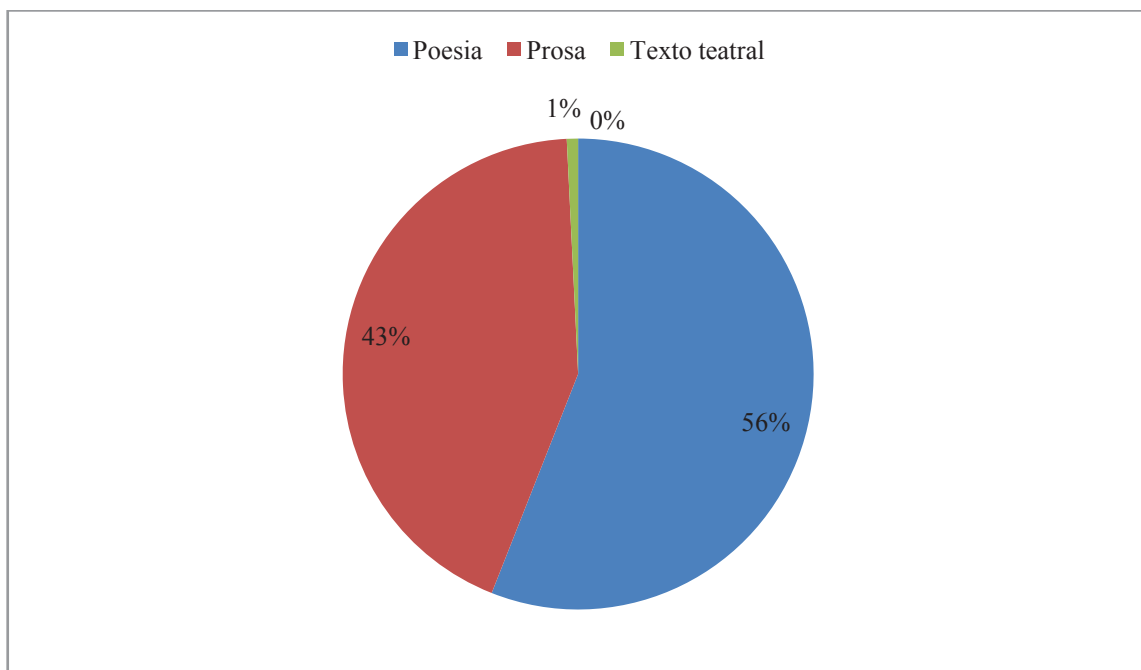


A maioria dessas escritoras que aparecem somente em coletâneas publicou justamente nas coletâneas citadas acima, das Edições Caravela. A organização de uma coletânea nessa época era mais viável que a edição de obras individuais. Por duas razões principais: primeiro, a produção de uma obra coletiva tinha menos custo financeiro, e o mercado editorial ainda caminhava lentamente no estado da Paraíba; segundo, é que, nessa época (anos 1990), não era fácil para uma mulher conseguir publicar um livro, em

razão das limitações do mercado editorial no estado em questão e da própria dificuldade que elas ainda tinham em adentrar em espaços de produção cultural predominantemente masculinos. Outro aspecto a ser considerado é o fato de muitas dessas autoras não possuírem, na época, uma produção literária sistematizada, uma produção em número suficiente para a organização de uma obra individual. Dessa forma, esse dado instiga a reflexão sobre a questão da autoria: uma autora que não possui publicações individuais, mas somente em coletâneas, deve ser considerada uma escritora? A questão do número de textos publicados, ou se a autora só publicou em revistas literárias a caracteriza como uma escritora? Essas questões, e outras advindas dessa discussão sobre o que é um autor, por questões teórico-metodológicas, serão melhor problematizadas e discutidas em outro momento desta pesquisa.

Agora, verificaremos no gráfico seguinte a distribuição das obras quanto às formas literárias, se estão em poesia, prosa ou texto teatral:

Gráfico 12: Formas literárias:

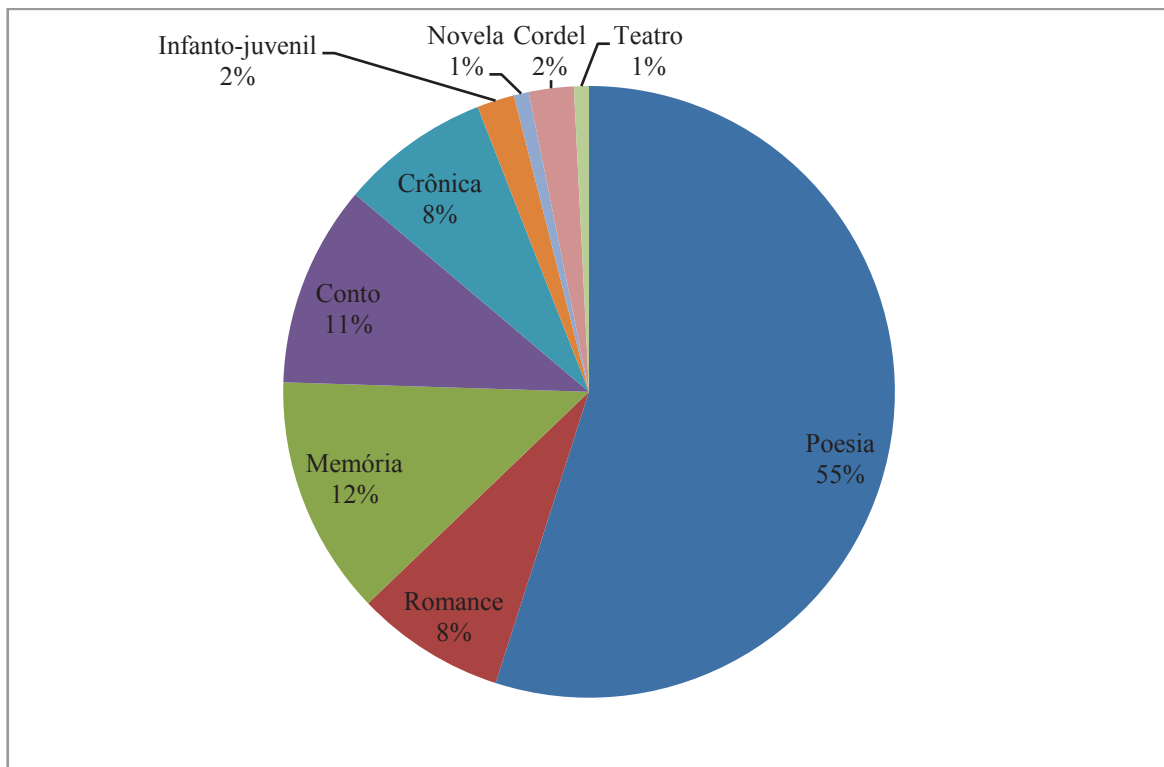


A presença de autoras é mais forte na poesia. E a temática dominante nesta poesia escrita por mulheres é justamente o amor romântico. Outra questão interessante em relação à escrita de poesia diz respeito ao fato de a maioria das escritoras mais velhas mostrarem uma afinidade maior com este gênero. Ao passo que as mais jovens mostram habilidade com diversos gêneros, como conto, crônica e poesia. Como

mencionado, em razão da maior afinidade do sujeito feminino com a poesia, esta foi a porta de entrada delas no mundo da literatura paraibana.

O gênero teatral, por sua vez, foi pouco produzido, houve uma produção ínfima deste gênero por parte das escritoras catalogadas. Há o destaque para Maria de Lourdes Ramalho, que é reconhecida na Paraíba e em outros estados pela encenação de seus textos teatrais. Este gênero literário, no geral, é colocado à margem da própria literatura, pois é tratado de maneira rápida nos manuais de literatura e os estudos que lhes são dedicados precisam de mais espaço no âmbito da teoria e crítica literária; isso contribui para o não interesse por este tipo de escrita. Abaixo, temos a distribuição detalhada dos gêneros literários adotados pelas autoras da Paraíba:

Gráfico 13: Gêneros literários:



É interessante ressaltar o destaque do texto memorialista (considerado aqui em termos de temática, tom e dicção) como uma das tendências de produção literária feminina. Entretanto, estes textos de cunho memorialista estão presentes muito mais em coletâneas que em obras individuais, o que quer dizer que, em números absolutos, há um maior número de obras individuais de contos e crônicas que de memória. Este tipo de escrita (conto e crônica) também é mais recorrente na obra de autoras mais velhas, o

que mostra uma maior afinidade desse segmento de escritoras, as quais já se dedicaram a outros gêneros anteriormente e decidiram diversificar sua produção. Há uma tímida investida nos gêneros romance, novela, cordel e texto teatral, bem como no texto infanto-juvenil. Poesia, neste trabalho, é definida como aquele texto no qual há um maior arranjo linguístico na organização da mensagem, pois recorre-se a recursos sonoros, sintáticos e a figuras de linguagem para criar imagens através das palavras ou para evocar a poeticidade necessária para o texto, e que geralmente é dividido em versos; cordel se configura como uma espécie de poesia publicada em folhetos e colocados à venda pendurados em cordão, daí a origem do nome, e é produzido principalmente na região Nordeste do Brasil seguindo métricas fixas. Os demais conceitos dos gêneros literários aqui considerados são os seguintes (o conceito de texto memorialista se encontra no início deste parágrafo e o de literatura infanto-juvenil está no início do capítulo):

Conto: narrativa curta, que condensa conflito, tempo, espaço e reduz o número de personagens, ou seja, tem os mesmos elementos do romance, mas elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita o tempo e o espaço; já crônica é definido texto híbrido, curto leve, que aborda temas do cotidiano; romance, por sua vez, se caracteriza como uma narrativa longa, que envolve um número considerável de personagens, de conflitos, e tempo e espaço mais dilatados; novela se define como um romance mais curto, tem um número menor de personagens, conflitos e espaços; texto teatral: narrativa em forma de diálogo, sem a presença de narrador, possui características estruturais que marcam quem fala, onde a cena acontece e indicação de características físicas e psicológicas (GANCHO, p. X).

Essa maior diversificação dos gêneros literários é um sintoma do processo da própria escrita feminina no contexto nacional, uma vez que, com o passar dos anos, as mulheres foram ousando mais e se deram ao direito de experimentar novos modos de estruturação da escrita. Este processo histórico-literário permite que, hoje, a produção feminina leve à reflexão dos próprios limites dos gêneros literários e do que pode ser considerado 'literatura'. A escrita feminina está fazendo vir à tona questões nunca antes verificadas na história da literatura.

Vale ressaltar que os dados expostos neste tópico estão baseados nos dados gerais coletados, ou seja, tomam como ponto de partida todo o universo total de nomes e títulos encontrados no período destinado à catalogação. Entretanto, esses dados serão reorganizados e reconsiderados no momento da constituição do catálogo final, cujo

resultado será exposto em outro capítulo deste trabalho, uma vez que obedecerá aos critérios aqui adotados de inclusão das autoras e suas respectivas obras. Desse modo, como já apontado anteriormente, as problemáticas que serão tratadas adiante, advindas da interpretação e análise dos dados da catalogação, atuam diretamente no estabelecimento de critérios de inclusão de autoras e na consequente reflexão em torno dos conceitos de literatura, história literária e ‘escritora paraibana’, os quais serão tratados no capítulo seguinte.

3. HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E ESCRITORAS PARAIBANAS: ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

As noções de literatura e história literária sempre foram alvos de muita reflexão por parte dos estudiosos da área. São conceitos complexos e instáveis, uma vez que mudam e evoluem com o passar do tempo e com os avanços da teoria literária. Assim, este capítulo tem o objetivo de discutir, refletir e problematizar tais conceitos, posicionando-nos quanto aos seus aspectos teóricos uma vez que servirão como baliza para as considerações propostas neste trabalho sobre a história da literatura e sobre a noção de “escritora paraibana”.

No primeiro tópico faremos uma espécie de revisão da literatura, procurando localizar o conceito de literatura em autores que publicaram há algumas décadas e já estão fora da cena teórica em relação ao entendimento do que seja literatura; ao mesmo tempo focaremos em autores contemporâneos, com recentes publicações na área, que discutem tal conceito à luz de obras lançadas hoje como literárias. Na segunda parte nos deteremos nas concepções de história da literatura adotada pelos autores dos manuais literários mais conhecidos, a fim de chegar a um caminho teórico de abordagem da história da literatura que seja capaz de dar conta das múltiplas manifestações advindas de diversos grupos sociais. No último tópico refletiremos sobre o que consideramos “escritora paraibana” nesta pesquisa.

Também constará, nesta pesquisa, um quarto capítulo, o qual consistirá em uma análise dos dados obtidos com a catalogação das autoras paraibanas a fim de refletir sobre a questão da autoria feminina, bem como construir um perfil (ou perfis) das escritoras paraibanas.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA

A definição de ‘literatura’ é sempre uma atividade teórica polêmica e complexa, dada à dificuldade de delimitação do seu campo de abrangência. Uma rápida pesquisa sobre esta questão nos leva mais a uma abordagem descritiva (literatura é Machado de Assis; é um livro de contos ou um romance) que propriamente teórica. Essa discussão tem seu início na Antiguidade grega com os escritos de Platão e Aristóteles e vem se

estendendo com a contribuição das teorias formuladas ao longo dos séculos, até chegar às atuais reflexões em torno do conceito de literatura.

Aristóteles definia Poética, em obra de mesmo título, como a “parte da ciência da literatura que tenta captar a essência da Poesia e das obras de arte poéticas” (KAISER, 1985, p. 11). A arte literária se referia basicamente à poesia. Literatura, nessa época, não tinha o sentido que lhe atribuímos atualmente. Não existia um único termo, para cada gênero havia uma designação diferente: tragédia, epopeia, novela. Aristóteles defendia que a poesia é mais filosófica que a história porque esta narra coisas que aconteceram e a poesia faz referência a coisas que podem acontecer, também porque a poesia geralmente conta o geral, e a história o particular. Essa afirmação aponta para o fato de que a “história, tal como a literatura, parece ser uma disciplina vaga e mal definida, e que a ciência constitui a sua impressionante rival, pretende-se sustentar que a literatura traz um conhecimento daquelas particularidades que não são de conta da ciência nem da filosofia” (WELLEK; WARREN, 1983, p. 35). Outras disciplinas e áreas de estudo são utilizadas para uma melhor compreensão do fato literário. O próprio objeto resultante dessa arte traz consigo essa necessidade em recorrermos a outras disciplinas que expliquem de forma mais completa os seus sentidos. Não devemos forçar uma obra a se enquadrar em determinada teoria, nem impor um aspecto teórico a se encaixar em um texto específico. A obra literária é que determina quais conceitos teóricos e de quais áreas do conhecimento humano o crítico ou analista deve utilizar para uma interpretação plausível de suas entrelinhas.

Mesmo nos séculos seguintes o conceito aqui discutido continuou ligado ao âmbito da retórica, da instrução, à arte de escrever e ler, ou ainda significando erudição. O caráter normativo aristotélico influenciou, a partir de então, outros estudiosos a buscarem respostas para a pergunta “o que é literatura?”. Cronologicamente, na Idade Média, os esforços teóricos se concentraram em duas disciplinas: Retórica e Gramática, que estabeleciam normas fixas a serem seguidas pelos poetas. Por isso estas três noções (literatura, retórica e gramática) pertenciam ao mesmo campo semântico. Desta forma, esses sentidos acima mencionados para o termo literatura perduraram, e “somente a partir dos fins do século XVIII, a palavra ‘literatura’ despojou-se da identificação com a ‘gramática’, assumindo o sentido especial que, em nossos dias, apresenta” (TAVARES, 1974, p. 29).

Uma das primeiras questões a ser investigada diz respeito à diferença entre a linguagem literária e a não literária. A partir desta distinção os estudiosos podiam categorizar de forma mais precisa o que seria uma obra literária e o que seria outra forma de expressão linguística. Dessa forma, o que mais se destaca da linguagem literária é seu caráter ficcional e o arranjo linguístico. Segundo Aguiar e Silva (1976), a linguagem literária é “plurissignificativa ou pluri-isotópica, porquena o signo linguístico, os sintagmas, as frases e as sequências transfrásicas são portadores de múltiplas dimensões semânticas” (1976, p. 51). Vários outros caracteres são realçados como componentes diferenciadores desta linguagem: conotação; escrita criativa ou imaginativa; mimeses. Quanto a este último aspecto é importante ressaltar que a linguagem literária “não referencia diretamente esse mundo (o real): ela institui uma objetualidade peculiar, um heterocosmo com estrutura e funções específicas” (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 45-46). A noção de objectualidade foi postulada pelo teórico Kaiser (1985, p. 6), que assim a definiu: a objectualidade é uma realidade evocada pela linguagem poética. Assim, a obra literária não tem obrigação de imitar de forma fidedigna a realidade. A categoria “verossimilhança interna” trata justamente desse aspecto, relativizando o conceito de mimese proveniente dos filósofos gregos Platão e Aristóteles. Em relação ao fato de ser uma escrita imaginativa (ficção), Eagleton (1997, p. 2) afirma que esse argumento não procede, uma vez que implicaria o fato de a história, a filosofia e as ciências naturais não serem criativas e destituídas de imaginação. Logo, também não é pacífico o estabelecimento desta distinção aqui tratada.

Costuma-se distinguir três usos da linguagem: uso literário, uso diário e uso científico. No primeiro uso há um maior trabalho em relação à organização das palavras atingindo outros níveis de significação e de efeito catártico sobre o leitor. Assim, literatura, de acordo com Culler, é “linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa” (1999, p. 36). Em razão dessa complexidade linguística há essa dificuldade dos estudiosos em postular características que não sejam ampliadas ou até combatidas por outros teóricos. Ainda de acordo com Culler,

não é que as relações entre diferentes níveis de linguagem sejam relevantes apenas na literatura mas que, na literatura, é mais provável que procuremos e exploremos as relações entre forma e sentido ou tema e gramática e, tentando entender a contribuição que cada

elemento traz para o efeito do todo, encontremos integração, harmonia, tensão ou dissonância (1999, p. 37).

Sendo assim, “a maneira mais simples de resolver o problema é a de pôr em evidência o modo particular de utilização da linguagem na literatura” (WELLEK; WARREN, 1983, p. 24). Entretanto, há situações nas quais ocorre um hibridismo, uma mistura capaz de dificultar uma distinção mais clara entre linguagem literária e não literária, ou até mesmo impossibilitar essa separação. Sobre isso, Freedman e Miller (1994, p. 254), comentam que maioria dos textos possui as duas dimensões (a literária e a não literária), tornando difícil a caracterização prática de um texto como predominantemente literário ou não literário, ou isolar tais elementos caracterizadores dentro de um texto. Existem diversas propostas de diferenciação destas modalidades da linguagem. Eagleton afirma que a linguagem literária é um “conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência linguística (...), um tipo de escrita altamente valorizada” (1997, p. 6-14). Essa valorização provém de determinados grupos sociais, como os críticos literários, o meio acadêmico e a parcela da população considerada mais letrada. Cada autor justifica sua posição com base em algum aspecto caracterizador da obra literária. No entanto, com o passar do tempo, esses enfoques vão sendo alterados à medida que a linguagem literária se modifica, abandonando alguns caracteres para adquirir outros.

No século XX, sobretudo, a partir do Modernismo surgiram diversas formas de composição literária nas quais os autores combinavam características de textos não literários com formas típicas da arte literária. Isso diferencia a arte literária das outras artes: ao passo que a matéria prima da escultura é a pedra ou metais e da pintura são as tintas, a matéria prima da literatura é a linguagem, e esta “já é em si própria uma criação do homem e, como tal, pejada da herança cultural de um grupo linguístico” (WELLEK; WARREN, 1983, p. 24). A linguagem é um “organismo vivo e dinâmico” e, por isso, torna complexas todas essas relações e conceitos aqui discutidos.

A função da literatura também é outro importante alvo de teorização. Sobre isso, vale ressaltar, na época renascentista, os esforços de Horácio em estabelecer esta função. Para ele, a poesia é útil e doce: “‘útil’ é equivalente a ‘não perda de tempo’ e não uma forma de ‘passar o tempo’: é qualquer coisa que merece se lhe dedique atenção séria. ‘Doce’ é equivalente a ‘não maçador’, ‘não imposto pelo dever’, algo que é prêmio de si próprio” (WELLEK; WARREN, 1983, p. 33). Ou seja, proporciona prazer

e possui um efeito catártico, mas é também instrução, sentidos opostos que se complementam à medida que se fundem em uma obra literária. Assim como a busca por uma definição da literatura gera muitas discussões, reflexões e novos posicionamentos sobre a questão, a teorização em torno da função da literatura também provoca muitos debates. A primeira indagação que vem à tona é se ela tem uma ou várias funções. Seguindo o exemplo de Horácio, diversos estudiosos postularam funções para a literatura, considerando sua natureza complexa: “uma obra de arte literária não é um simples objeto, mas antes uma organização altamente complexa, de caráter estratificado, com múltiplos significados e relações” (WELLEK; WARREN, 1983, p. 30). Justamente em razão dessa complexidade em relação à organização e linguagem empregada é que decorre a dificuldade da adoção de um conceito comum entre os estudiosos da área. Cada autor formula sua própria definição baseado em seus princípios metodológicos e teóricos. Essa discordância agrava ainda mais a busca por uma compreensão do fenômeno literário em seus múltiplos aspectos. No século XX, Raul Castagnino, por sua vez, sugere cinco funções básicas que se complementam:

1. Literatura é sinfronismo: coincidência espiritual de estilo entre o homem de uma época e o de outra época.
2. Literatura: função lúdica do espírito, ideia de arte como jogo.
3. Literatura como evasão, fuga, êxtase.
4. Literatura é compromisso, pois é engajada com o seu tempo, com o contexto social de cada época.
5. Literatura como ânsia de imortalidade, sobrevivência da arte através do tempo. (TAVARES, 1974, p. 36-40)

Estas funções trazem consigo uma visão clássica da arte em foco, que consideram o autor um ser iluminado capaz de se tornar imortal em razão de sua produção artística. Essa percepção do autor vai sendo transformada ao longo do tempo, perdendo esse status de “escolhido”, o que influencia também nas concepções de literatura.

Voltando à questão da função da literatura, Kant e outros teóricos consideram que os objetos estéticos têm “uma finalidade sem fim”. Isto significa que “há uma finalidade em sua construção: são feitos de modo que suas partes operem conjuntamente para algum fim. Mas o fim é a própria obra de arte, o prazer na obra ou o prazer ocasionado pela obra, não algum propósito externo” (CULLER, 1999, p. 40). Contemporaneamente, observamos que a obra literária se reveste de outras funções: atribuição de status intelectual; garantia de notoriedade pública; e, em alguns casos, o

indivíduo se torna mais um agenciador do que propriamente um escritor, com interesse maior em desenvolver técnicas de vendagem e de promoção de suas obras.

A considerável quantidade de diferentes teorizações a respeito do que venha a ser literatura se explica em razão de cada postulação estar devidamente situada num determinado momento histórico. Isto significa que o momento no qual o estudioso está localizado historicamente atua diretamente na formulação de suas ideias. Assim, as diversas correntes científico-filosóficas da história do pensamento ocidental decidiram, cada uma em sua determinada época, o tipo de concepção e de definição do termo ‘literatura’. Esse desenvolvimento histórico deste termo encontra no século XIX um período de grande desenvolvimento. Por isso, conforme afirma Eagleton (1997, p. 17) classificar algo como literatura é totalmente instável. Isso acontece tanto em razão da inserção do estudioso no seu momento histórico, como por influência dos juízos de valor estabelecidos pelos críticos em relação às manifestações literárias, uma vez que os julgamentos de valores afetam a definição desta arte aqui discutida. O julgamento literário é diretamente influenciado por nossa ideologia, por nosso modo de sentir e perceber os fenômenos literários e sociais e por nossos preconceitos e crenças. Outro fator a ser considerado diz respeito à resistência à teoria verificada na literatura (FREADMAN; MILLER, 1994, p. 259). Todos esses fatores são decisivos para uma formulação de uma concepção ou de uma teoria.

Até o surgimento do movimento romântico no século XIX, o termo ‘literatura’ possuiu diferentes significados:

“a) Conjunto da produção literária de uma época (...) ou de uma região (...); b) conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção (...); c) bibliografia existente acerca de um determinado assunto (...); d) retórica, expressão artificial (...); e) por elipse, emprega-se simplesmente ‘literatura’ em vez de *história da literatura*; f) por metonímia, ‘literatura’ significa também *manual de história da literatura*; g) ‘literatura’ pode significar ainda conhecimento organizado do fenômeno literário. Trata-se de um sentido caracteristicamente universitário da palavra e manifesta-se em expressões como literatura comparada, literatura geral, etc.” (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 24-25).

Alguns destes sentidos perduraram após o romantismo, ao passo que outros se tornaram obsoletos e houve o surgimento de novas acepções para o vocábulo e novos desafios para a distinção entre o que é literário e o que não o é. Foi no século XIX, na época do Romantismo, que ocorreu um grande desenvolvimento das ciências em geral.

Em se tratando da teoria literária, as contribuições deste período ocasionaram uma considerável sistematização acerca do conceito aqui em foco. Nesse período surgem as primeiras literaturas nacionais com suas respectivas histórias literárias. Deste modo, a ideia de literatura como arte particular da forma como a conhecemos hoje começou a ser formulada no século XVIII, mas obteve grande aperfeiçoamento no século seguinte: “por volta do da penúltima década do século XVIII, a palavra ‘literatura’ conhece um novo e importante matiz semântico, passando a designar o fenômeno literário em geral e já não circunscrito a uma literatura nacional, em particular” (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 23). As teorias científicas surgidas no século XIX, como o determinismo e positivismo, e amplamente disseminadas pelo mundo ocidental, influenciando também as artes, impulsionam a literatura a fixar o status de ciência: o conjunto das questões teóricas, o seu sistema, constitui a ciência da literatura (KAISER, 1985, p. 10). Influenciados por essas correntes filosófico-científicas, os teóricos dessa época se preocupavam com o estabelecimento de métodos científicos que fossem capazes de explicar a obra enquanto um conjunto estruturado de frases, apreendendo problemas teóricos advindos destas relações.

A história da literatura ganha força e chega a ser confundida com ciência da literatura. Influenciaram nisso as novas noções teóricas sobre a obra literária e sobre a figura do poeta postuladas nesse período: Toda obra tem um ‘significado’ próprio e uma ‘essência’; A obra é a ‘expressão’ de um criador, do qual o poeta é o protótipo; Reconhecimento de individualidades criadoras no ‘espírito da época e do povo’; A obra é um documento histórico (KAISER, 1985, p. 15-16). Nesse sentido, o “Positivismo limitava o trabalho prático, sobretudo, a três sectores: edição crítica dos textos, investigação das fontes e gênese das obras e, finalmente, estudo minucioso e tanto quanto possível completo das circunstâncias da vida do poeta” (KAISER, 1985, p. 16). Estes três setores de investigação fizeram com que a história da literatura atingisse resultados nunca antes registrados. No entanto, o Positivismo foi sendo ultrapassado por novos métodos de trabalho cujas ideias criaram impasses e entrechoques teóricos ocasionando a crise da história da literatura. Estes novos sentidos, juntos com outros que já circulavam com grande aceitação, garantem a conquista do status de ciência à literatura:

“Essas tentativas de definição da literatura, entretanto, continuam e, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, ganham novo tom, pois busca-se definir literatura enquanto dado

objetivo, concreto, observável. Surgem, nesse momento, propostas de definição da literatura como conjunto de textos portadores de características que corresponderiam à sua literariedade. Nessas propostas, observa-se a ideia de que os textos literários teriam certas características estruturais ou textuais muito peculiares, as quais os tornariam diferentes dos demais textos, considerados, portanto, não literários. Trata-se de uma tentativa de trazer a discussão sobre o que é literatura para um campo mais objetivo, utilizando métodos que se distanciavam da subjetividade que permeava a definição do termo até então. A defesa dessa especificidade objetiva como marca dos textos literários era feita com base em métodos e processos de análise também objetivos. Essa concepção objetiva de literatura disseminou-se fortemente nos estudos literários nas primeiras décadas do século XX através do *Formalismo Russo*, do *New Criticism* e da *Estilística*” (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2005, p. 22).

Dessa forma, esses novos modos de pensar o fenômeno literário focam o texto como uma estrutura capaz de revelar em suas marcas textuais certos caracteres que configuram a literariedade, elemento responsável por diferenciar textos literários de textos não literários. O contexto histórico-social não é considerado pelos analistas e críticos literários que seguem essas tendências teóricas. Eles privilegiam a imanência textual, ou seja, as qualidades internas de uma obra, que utiliza uma linguagem desautomatizada em oposição ao uso automatizado da linguagem cotidiana. Os formalistas russos defendiam que o estudo da obra literária deve acontecer por meio de um método científico para estudar a linguagem poética em detrimento das abordagens psicológica e histórico-cultural. A crítica formalista, bem como o *New Criticism* e a *Estilística*, por priorizar a linguagem, passou a ser denominada de corrente textualista:

“A proposta formalista parte da ideia, no que se assemelha ao *New Criticism* e à *Estilística*, de que os textos literários possuem traços de linguagem ou de propriedades textuais, ou uma essência estética que os irmana, tornando-os literários em oposição aos textos que não possuem tais traços. (...) Basicamente e de forma sumária, podem ser consideradas como marcas textuais de literariedade: 1) a oposição da linguagem literária à linguagem comum, sendo a literatura uma forma textual que coloca em primeiro plano a própria linguagem, ou seja, há ênfase na função poética dessa linguagem; 2) a integração da linguagem como organização especial de palavras e estruturas que estabelecem relações específicas entre si, potencializando o sentido dos textos; 3) a distinção entre o caráter referencial dos textos não literários e o caráter ficcional dos textos literários, ou seja, a literatura abarcaria textos que criam uma relação especial com o mundo: uma relação ficcional onde o mundo, os eventos e os seres evocados não precisam, necessariamente, ser reais, mas criados ou imaginados; 4) os textos literários teriam um fim em si mesmos, pois, ao colocar a própria linguagem em primeiro plano, estariam operando o seu caráter estético, que ocasionaria, por sua vez, o prazer nos receptores desse texto.” (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2005, p. 22).

A crítica formalista também forneceu base teórica para o desenvolvimento da crítica literária. Rejeitavam a crítica simbolista e social e abordagens extrínsecas ao texto que vinham sendo realizadas na crítica literária. As ideias dos formalistas entraram em conflito com os ideais marxistas, uma vez que estes acreditavam que a poética não poderia desconsiderar as realidades sociais e sua relação com as manifestações artísticas. Os formalistas consideravam a obra literária um fato literário plausível de análise, e não um veículo de ideias ou uma reflexão sobre a realidade social.

Após algum tempo começam a surgir as reações às postulações dos formalistas. Aos poucos, os estudiosos iniciam o combate a essa visão objetiva e questionam se os textos literários são realmente definidos por propriedades internas. Dessa forma, a partir da década de 1960 muitos autores sistematizam seus argumentos centrados na relação entre literatura e seus leitores e mudam o foco de discussão do que define a literatura: este debate “desloca-se da esfera do texto e de suas ‘propriedades peculiares’ e passa para a esfera do leitor, uma vez que o texto só existiria a partir do ato de leitura dos leitores e o seu significado só emergiria através de um ato interpretativo” (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2005, p. 22). Aparecem tendências críticas, como a Estética da Recepção, os Estudos Culturais e as tendências pós-colonialistas, que mudam o modo de conceituar a literatura, mostrando que diversos fatores, tais como a recepção do leitor ou os fenômenos culturais que interferem na representação literária enquanto objeto inserido em uma determinada sociedade, influenciam a definição da arte literária: será literatura aquilo que a teoria, a crítica literária e o mercado editorial decidirem como literatura (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2005, p. 27). A partir desse momento, o poder exercido por esses setores dos estudos literários (a teoria e a crítica) e as instituições de poder cultural (editoras, academias, prêmios) passam a ter papel decisivo na determinação desta arte. Nesse sentido, essas relações de poder leva Carlos Reis (2003, p. 25) a se referir ao caráter institucional da literatura: “quando falamos em instituição literária estamos desde logo a remeter para práticas e para sujeitos que assegurem ao fenômeno literário a sua feição de estabilidade e de notoriedade pública”. Contribuem para essa estabilidade e notoriedade as academias, prêmios, e a crítica literárias e o sistema de ensino. Assim, essas instâncias são responsáveis por colocar certas obras e autores na lista dos grandes artistas e das grandes obras, levando à canonização de tal autor. Esse jogo político nem sempre é justo com essas escolhas. E, muitas vezes, há um interesse maior na promoção de instituições literárias que no incentivo à criação literária

de um modo geral. Configura-se nisso mais um jogo de poder que uma forma de incentivo e disseminação da literatura.

Várias disciplinas passam a ser utilizadas como aporte teórico para a discussão e interpretação da obra literária, como a psicologia, a sociologia, a filosofia (que já haviam estabelecido relações com os estudos literários em períodos anteriores a este), bem como a semiótica, a psicanálise, a história. Recentemente, os críticos têm recorrido também à teoria musical, à geometria, à teoria da comunicação ou ainda à teoria do cinema para analisar as obras literárias. Ou seja, a partir da década de 60 do século XX “textos de fora do campo dos estudos literários foram adotados por pessoas dos estudos literários porque suas análises da linguagem, ou da mente, ou da história, ou da cultura, oferecem explicações novas e persuasivas acerca de questões textuais e culturais” (CULLER, 1999, p. 13). O conteúdo dos textos literários indica qual outra disciplina ou teoria de outra área do conhecimento será preciso utilizar para que a interpretação do texto seja mais completa e coerente com o enredo. Nesse sentido, “é essencial reconhecer que as teorias podem assumir diversas formas e que elas podem diferir no que diz respeito ao rigor de sua estrutura, sua precisão descritiva, sua suscetibilidade a diferentes tipos de comprovação e assim por diante” (FREADMAN; MILLER, 1994, 249). Essas variações ocorrem, sobretudo, após a interdisciplinaridade verificada após a década de 1960, ocasionando o surgimento de muitas teorias sobre o fenômeno literário, sua natureza, função e sua relação com outras artes e áreas do conhecimento humano.

Sendo assim, Zappone e Yaegashi (2005) defendem que não existe uma única definição de literatura. Elas afirmam que todas as definições são parciais, porque localizadas em um contexto histórico que as valida durante certo tempo (ZAPPONE; YAEGASHI, 2005, p. 29). Cada conceito parte dos princípios teóricos disseminados naquele determinado período, proporcionando uma coerência entre as postulações teóricas e as correntes teórico-críticas e filosóficas daquele período. Culler (1999) chega a uma conclusão parecida: embora reconheça o papel fundamental da investigação das especificidades da linguagem literária para a definição de literatura, o autor comenta que “na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria” (1999, p. 34). Atualmente, isso está se tornando relativamente comum, visto que cada vez mais vem surgindo na literatura brasileira textos híbridos e/ou que se apropriam de estruturas textuais de gêneros de fora

do âmbito literário. Essa mistura provoca reflexões em torno dos limites dos gêneros literários e da própria linguagem literária. Se há algumas décadas esse hibridismo era condenado ou desprezado, hoje ele merece uma teorização a fim de que possam ser entendidos os modos atuais de composição literária. No começo do século XX, a partir do movimento modernista, já se verificava uma preocupação de alguns autores com relação a esses limites da arte literária, mais tarde isso se verificou também no Concretismo. A mescla que os autores modernistas e concretistas faziam entre poema e gêneros não literários (notícia, piada) e com as artes gráfica e visual já apontava para esse limites e deslimites da linguagem literária.

Dessa forma, consideramos texto literário, nesta pesquisa, aquela produção escrita que apresenta uma linguagem que elabora os mais complexos modos de organização linguística e textual, utilizando arranjos linguísticos e estabelecendo relações com outros discursos; buscando se realizar nos interdiscursos com outras modalidades artísticas (como a pintura, o cinema) e com outros gêneros textuais (propaganda, autoajuda, texto filosófico). Como podemos verificar abaixo:

Agora, toda purificação me vem desse vinho que me penetra quente, árido, macio. O vinho apascenta-me, o líquido vermelho em sangue em mim. O ele se desfaz porque é preciso. Estou só novamente (por que me vem a certeza de que esse era o seu estado comum?). Mas há o vinho. E há o sangue. Tudo rodopia e ela. Libélula. No fundo, ela sempre tivera necessidade de sentir a embriaguez das coisas. É absurdamente jovem ainda. É absurda. Nem alegre, nem triste, nem poeta. (...) A perfeição das coisas ao meu redor me sufoca, o vinho me entorpece, me confunde, me esclarece e eu recorro ao último gole. Ergo a taça e as antíteses. Na minha mão ainda uma aliança. E eu rio: o amor morreu, sumiu (e nem era pouco); o ouro, não: imortal, jaz no seu dedo. (AZEVEDO, 1999, p. 42-43).

Assim, o texto literário possui uma linguagem elaborada artisticamente e organizados numa unidade que o diferencia de textos comuns: “a obra literária é uma estrutura, um sistema de elementos interligados, e a palavra só significa em plenitude quando integrada nesta unidade estrutural” (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 54). No entanto, não devemos cair em considerações extremas, pois encontramos textos do dia a dia que possuem linguagem elaborada, com certa poeticidade, a exemplo de muitas propagandas; assim como há textos literários nos quais a linguagem é muito próxima do cotidiano das pessoas em geral. De qualquer forma, no texto literário, desde o mais ao menos elaborado artisticamente, haverá uma complexa relação entre os componentes linguísticos e a intenção do autor, ou seja, haverá uma poeticidade construída a partir da

linguagem do texto literário e de sua natureza e captada pelo leitor no momento da leitura.

Em *Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, por exemplo, de autoria de Letícia Palmeira e publicado em 2013, observamos um cotidiano narrado por meio de uma linguagem irônica, confessional, com uma sintaxe próxima da oralidade. São confissões aparentemente despreziosas, mas que possuem críticas ao comportamento humano, ao consumismo, e à alienação promovida pela mídia, principalmente pela televisão, entre outras. O texto parte de aspectos individuais, de “pequenas vastidões” (termo paradoxal, pois une duas palavras pertencentes a campos semânticos opostos: vasto e pequeno) para alcançar uma dimensão coletiva crítica e reflexiva:

“Hoje acordei mais clichê que os programas da GNT. Rimou. Fiquei de ligar para um amigo para tomarmos um café. Não liguei e tomo café sozinha. Que meu amigo me entenda que não foi por mal a ausência. Eu passei da hora. Mas ainda não é tarde. Tenho andado tão existencialista que busco sentido até para o formato da pia do banheiro. Para tudo há um sentido. E, em minha busca interminável por todos os sentidos de todas as coisas que me cercam, descobri que deixei, por muito tempo, o meu sentido para trás” (...). (PALMEIRA, 2013, p. 47).

Essa forma de organização da linguagem elabora sua própria verdade, sua própria objectualidade, portanto, não tem necessariamente que ser um retrato fiel da realidade representada. Além da linguagem peculiar, outros fatores são aqui considerados como indícios de uma obra literária, como o fato de os textos arrolados neste trabalho serem catalogados pelas editoras como literatura, mesmo quando apresenta traços linguísticos híbridos próximos da linguagem cotidiana (oposta à linguagem literária). Outros fatores que interferem na conceituação de literatura são de ordem estrutural, levando em conta o objeto físico livro, como já mencionamos no capítulo metodológico: o fato de terem livros publicados individualmente e fazendo parte de coletâneas, com ou sem o Número Internacional Padronizado para Livros (ISBN). Não consideramos aqui publicações em formato de pequenos livretos (que tenham menos de 49 páginas), bem como em revistas e jornais, uma vez que estes três suportes não se configuram tecnicamente como livros; também não foram arrolados textos avulsos publicados em livros e em revistas, por motivos já detalhados.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA LITERATURA

3.2.1 HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA E QUESTÕES DO CÂNONE

A história é concebida, tradicionalmente, como uma ciência que estuda as ações do homem no tempo e no espaço através da investigação do passado, cujo delineamento é realizado com base em fontes históricas e documentais, que validam a sistematização desse passado. Dessa forma, história da literatura é a área do conhecimento humano que investiga o aspecto processual da literatura. Essa história, entendida como evolução pelos estudiosos tradicionais³, geralmente é realizada seguindo um plano cronológico e utiliza as obras literárias como fontes e provas materiais de suas proposições. Porém, essa concepção está sendo superada por novos métodos históricos que se mostram mais eficientes, como mostraremos mais adiante nesta seção.

Assim, para o estabelecimento de uma história da literatura de determinado país, na concepção tradicional, procura-se descrever o início de suas manifestações literárias para que seja traçado um percurso histórico da arte literária daquela nação. No caso do Brasil, essa tarefa torna-se um pouco complexa em razão do que se deve considerar como surgimento de obras verdadeiramente nacionais. No período colonial temos manifestações literárias que não configuram uma literatura propriamente brasileira em razão da dependência política, econômica e cultural em relação a Portugal. Então, “se por literatura brasileira entendermos a atividade literária dum povo autônomo politicamente, economicamente, etc., é preciso começar sua história no século XIX, com o lance libertário de D. Pedro I” (MOISÉS, 2000, p. 11). Entretanto, de acordo com o mesmo autor, essa dependência não termina nesse período, se estendendo por mais alguns anos: “assim, o início de nossa identidade literária teria de ser transferido para 1922, quando algo de autóctone, como temas e motivos literários, paralelamente a um estilo nosso de os tratar, entra a surgir”. O Modernismo seria, portanto, responsável pela busca de uma escrita literária com cores e formas nacionais, e a Semana de Arte Moderna de 1922 foi resultado de um processo em busca desses caracteres nacionais iniciado com os românticos.

Nesse sentido, Antonio Candido, na sua *Formação da Literatura Brasileira* (2000), localiza os momentos decisivos da literatura brasileira no Arcadismo, confrontando-o com o movimento romântico, posterior ao árcade, interpretando-os com

³ Adotamos neste trabalho a noção de literatura como um processo, e não como evolução. Esta última está sendo usando como oposição ao aspecto processual e para se referir à perspectiva adotada pelos historiadores literários tradicionais.

uma “síntese de tendências universalistas e particularistas” (2000, p. 23). Dessa forma, o processo de autonomia da literatura no Brasil ocorreria através do jogo dialético de continuidades e rupturas estéticas. Nesses períodos decisivos (Arcadismo e Romantismo) já se pode verificar uma perspectiva dialética, uma vez que está presente o confronto entre uma tendência cosmopolita (o período árcade) e uma tendência marcada pela investigação de peculiaridades locais (o Romantismo). Candido, em sua obra, procura definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras. Respeitando as peculiaridades da literatura no país, ele equilibra o valor estético à função histórica.

O conjunto de obras de um período de tempo com traços em comum estabelece um período literário, o qual é “constituído por um conjunto de obras, espacial e temporalmente delimitado, que se caracteriza, no plano da expressão, por um sistema de normas e cânones estéticos e, no plano do conteúdo, por um complexo de ideias que apresentam uma cosmovisão” (D’ONOFRIO, 1990, p. 20). Essas correntes estéticas são advindas de fenômenos artísticos mais amplos, surgidos como resultados das necessidades humanas, os quais influenciam as artes em geral. Em razão das mudanças de correntes artísticas há a divisão em períodos literários. Costuma-se considerar como início de um período literário uma obra que tenha um novo estilo de escrita e de abordagem do conteúdo em relação ao que vinha sendo produzido. São estabelecidas datas a fim de melhor esquematizar o percurso literário, por exemplo: em 1836, a obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães inicia o que denominamos de Romantismo brasileiro; e em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é o marco inicial do Realismo. No entanto, as datas funcionam como marcos simbólicos, que limitam “zonas de encontro entre correntes literárias, apenas com o objetivo de organizar em ordem sucessiva a progressão histórica, que, sendo concomitantemente horizontal e múltipla, avança em grandes vagas de complexa e multiforme estrutura” (MOISÉS, 2000, p. 11). As demarcações de datas não significam que as manifestações frutos do movimento anterior tenham sido deixadas de lado imediatamente, elas vão sendo abandonadas aos poucos, podendo até serem retomadas em momento posterior.

No final do século XIX existiam vários estilos literários convivendo simultaneamente (romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo), ou seja, além da ruptura em relação ao estilo anterior também havia um jogo de oposições entre estes estilos do final dos anos 1800, porém, todos acontecendo ao mesmo tempo.

Então devemos reconhecer o didatismo desse sistema de periodização da literatura e sua evidente fragilidade: “é fora de dúvida que todas as divisões periodológicas são passíveis de ressalvas, já que constituem um modo algo arbitrário de organizar o fluxo histórico, e guardam um juízo particular do que seja arte literária” (MOISÉS, 2000, p. 13). A maneira como determinado estudioso reparte os períodos literários mostra sua concepção de literatura, bem como os critérios utilizados nessa demarcação. No caso da literatura brasileira, essa divisão também revela o processo de autonomia literária, considerando quais foram os escritores precursores dessa procura por uma identidade literária. A didatização dessa história traz certo prejuízo à compreensão do conjunto de suas manifestações porque nos leva a crer que a literatura é um processo facilmente datado e cujas tendências estéticas são claramente distinguível uma da outra. Na prática isso não é tão simples. Períodos literários podem ser parecidos uns com os outros e o estabelecimento de datas é arriscado e, por vezes, arbitrário.

Assim, pode haver uma variação no estabelecimento dessas datas e obras fundadoras dependendo do modo de abordagem teórica do estudioso. Ou seja, “toda forma de historiografia se preocupa com problemas de periodização, que procuram sínteses globalizantes. O que se vê cada vez mais como impossível” (LINS; MOREIRA, 2010, p. 9). Essas divisões se fixaram tradicionalmente e transmitem a ideia de que não podem ser alteradas, tornando-se eternas. Entretanto, tem surgido nas últimas décadas perspectivas que defendem que essas datas não são estanques, até mesmo porque pode haver a descoberta de um livro anterior a uma obra fundadora que possa vir a ser considerado o marco inicial, mudando a história literária, visto que o fato de esta ser construída não implica no esgotamento da apresentação de obras (mesmo as apenas selecionadas), considerando-se que pode ser revelada, em algum momento, uma obra ainda não catalogada e de desconhecimento da crítica e da história literárias.

Além disso, essas periodizações são realizadas em nível nacional, considerando-se os principais polos de efervescência cultural, porém, em outros estados fora desses eixos a vida literária ocorria de modo diverso. No caso da Paraíba, não temos rigorosamente uma produção “susceptível a uma divisão delimitada pela categoria de ‘estilo de época’. Na Paraíba, não existe evidentemente um romantismo, um parnasianismo, um simbolismo e um modernismo, quer na poesia, quer na prosa, de forma programada, articulada e definida” (BARBOSA FILHO, 1985, p. 16). Isto é, em alguns estados da federação não havia uma divisão tão nítida ou as correntes estéticas

não eram introduzidas na mesma velocidade do restante do país. E essa falta de rigor periodológico não a torna uma literatura menor. Esta percepção historiográfica nos aponta para um dado relevante: as histórias literárias nacionais constituem sempre historiografias fundadas em valores e escolhas particulares, nem sempre atentas às produções locais, salvo quando esse local se torna “nacional”, universalizando-se dentro de uma cultura, como no caso do Brasil em que a região sudeste é considerada, no âmbito artístico, não só como celeiro artístico e literário, mas também como “beneficiadora” da produção literária nacional, restando poucos nomes que atravessem a cortina de poder das fronteiras desta região. Quando os artistas e obras ultrapassam essas fronteiras, tornam-se nacionais, por assim dizer, e não autores e produções destes outros locais que não o Sudeste. Isso aponta para a suavização da identidade pertencente a outros lugares fora da região mencionada. O indivíduo é pressionado de diversas maneiras a se inserir, pelo menos espacialmente, no território da região detentora do poder, caso ele queira adentrar de maneira menos difícil no mercado editorial brasileiro.

Deve-se, portanto, buscar outras formas de se pensar sobre a sucessão de fatos integrantes de uma história literária, não necessariamente tendo a obrigatoriedade de seguir uma linha rigidamente cronológica na organização desses acontecimentos: “o importante é que a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes” (WHITE, 2001, p. 101). Existe uma associação de ideias no senso comum entre “sequência” e “ordem cronológica”, porém *sequência* aponta para uma sucessão de coisas, no caso de uma sequência de acontecimentos não há a obrigatoriedade de uma abordagem em ordem cronológica, pode ser, por exemplo, em razão da importância dos fatos. Assim, em se tratando do panorama literário nacional consideramos o seguinte posicionamento:

“uma história da literatura brasileira que pretendesse ser verdadeira, isto é, fiel ao seu objeto, deveria admitir que os textos dispostos no tempo do relógio não têm nem a continuidade nem a organicidade dos fenômenos da natureza. Os escritos de ficção, objeto por excelência de uma história da literatura, são individualizações descontínuas do processo cultural. Enquanto individualizações, podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes no seu tempo” (BOSI, 2002, p. 9-10)

Existem casos nos quais a obra de determinado autor não se enquadra numa corrente literária, são “individuações” que podem se distanciar parcial ou totalmente das correntes literárias em vigor. No entanto, na maioria das histórias literárias, esses autores são inseridos naquele movimento artístico, ressaltando-se o caráter singular de sua obra, o que a torna diferente das demais, e, muitas vezes, caracterizando o autor como “espírito rebelde” em comparação aos outros autores que parecem formar um conjunto homogêneo.

As primeiras sistematizações e reflexões em torno da história da literatura brasileira surgiram no começo do século XIX, mas é somente com o *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862), de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, que pela primeira vez se procurou erguer uma interpretação global de nossa atividade literária. Desta forma, “caberá aos historiadores da segunda metade do século XIX, e entre eles essencialmente a Sílvia Romero, e depois a José Veríssimo, o mérito de terem dado início a uma historiografia literária com base científica” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 18). Entretanto, vale ressaltar que os primeiros a chamarem a atenção para a literatura brasileira foram os estrangeiros. A perspectiva teórica de abordagem do percurso literário mudou à medida que as correntes filosófico-científicas mudaram. Na segunda metade do século XIX as contribuições da teoria determinista, bem como do positivismo, garantiu o caráter de ciência à historiografia literária. Ou seja, “os românticos substituíram o critério formal de beleza do ideal clássico pelo critério histórico do valor representativo dos autores e obras” (BOSI, 2002, p. 10). Essa mudança de enfoque reforça o status de ‘escolhidos’ dos autores, visto que (como veremos mais adiante neste trabalho) colocados a primeira vez na lista dos ‘escolhidos’ o autor entra para um grupo de grandes escritores que será reconhecido como verdadeiro e absoluto.

É nesse período que há uma maior preocupação com a constituição da identidade nacional. Os autores buscaram figuras representativas de um passado histórico (o índio, no caso brasileiro) a fim de mostrá-las como genuinamente nacionais. A independência política do Brasil e a proclamação da república impulsionaram essa busca por uma identidade que fosse desvinculada da metrópole que dominava até então. O Brasil queria deixar de ser o celeiro de Portugal. Até porque este já vinha perdendo poder político desde o século XVII, tornando a situação mais difícil, uma vez que Portugal conhecia os movimentos artísticos via Espanha, Itália ou França. O que chegava até

aqui já eram ideias incipientes duplamente transplantadas. Porém, com o avanço das teorias “o molde romântico-nacional vai-se tornando cada vez mais estreito e insuficiente à medida que a arte europeia envereda por estéticas marcadamente construtivas ou formalizantes” (BOSI, 2002, p. 14). Assim, geralmente os textos de autoria feminina são deixados de lado por não atenderem ao padrão exigido pelos historiadores homens: textos literários que buscassem representar ou mimetizar um passado histórico nacional. Os conceitos historiográficos desses estudiosos são baseados unicamente na tradição literária masculina.

No começo do século XX essas correntes críticas textualistas (Formalismo Russo, New Criticism, Estilística), centradas em aspectos internos do texto literário, também influenciam a historiografia literária. Ainda de acordo com Bosi (2002, p. 22), “não houve historiografia literária modernista no sentido estrito da expressão”, dado o caráter dinâmico de vanguarda do Modernismo, que proporcionou diversas atitudes críticas às obras literárias. A atividade de crítica literária dos autores modernistas foi importante para que novas ideias surgissem e velhos problemas fossem discutidos e tematizados, como a busca pela identidade literária nacional através da obra *Macunaíma* (1928), de autoria de Mário de Andrade, que também realizou importantes trabalhos historiográficos. Em suma, a Historiografia constitui disciplina autônoma, com técnicas, métodos, filosofia e objetivos próprios, adquirindo aspecto científico porque busca a verdade documental, ao mesmo tempo que contribui ao ramo da Arte com sua intuição no julgamento do passado (MOISÉS, 2000, p. 154-155). Assim, embora a historiografia explicita seu caráter científico, há uma tendência a reconhecer sua importância na consolidação da arte literária.

Ainda segundo Moisés, umas das primeiras preocupações de quem pretende realizar tal empreitada se refere ao método empregado: “parece óbvio que tenha de ser *histórico*, mas há métodos e métodos históricos, variáveis conforme as predileções ideológicas e estéticas de cada um” (2000, p. 9). Está envolvida nesta tarefa a questão do poder político e econômico, que influencia a escolha de autores representativos de uma tradição. Isso porque o centro cultural de um país geralmente coincide com o centro do poder econômico, portanto, a região mais rica e desenvolvida de uma nação terá vantagem sobre as outras regiões em se tratando de incentivo à cultura, traduzido em um ambiente mais propício ao surgimento de escritores e com mais chances de publicação. Porém, mesmo nesses lugares com mais condições de desenvolvimento da

literatura a autoria feminina foi desconsiderada, e o surgimento deste tipo de texto é associado a uma literatura local.

De acordo com Luciana Stegagno-Picchio, há duas formas de elaboração de uma história literária, são elas a abordagem sóciopolítica e a estilística:

“Nas histórias de inspiração sociopolítica, preocupadas em reconhecer e apontar, em toda escolha estética, seja ela temática ou linguística, o condicionamento imposto por agentes históricos e sociais, costuma-se dar ênfase essencialmente à situação colonial, da qual cada gesto recebe seu peculiar significado e colorido. Nas histórias estilísticas, ao contrário, tende-se sobretudo a isolar um estilo local, suscetível de formar-se no tempo, sempre em relação com os acontecimentos sociopolíticos exteriores, mais descrito porém em suas constantes expressivas do que explicado em seus motivos inspiradores” (2004, p. 17).

A referida autora, na sua *História da Literatura Brasileira* (2004), leva em consideração a abordagem estilística a fim de rastrear o processo de autonomia da literatura do país. Os autores dos principais manuais de história literária também adotam implicitamente esta perspectiva de abordagem, como a *História Concisa da Literatura Brasileira* (1996)⁴, de Alfredo Bosi, e *História da Literatura Brasileira* (2000)⁵, de Massaud Moisés e *Formação da Literatura Brasileira* (2000)⁶, de Antonio Candido. Este último vai além no sentido de apontar o caminho da literatura brasileira trilhado em direção à autonomia literária, no entanto, sua abordagem histórica ainda se mantém galgada num modelo tradicional (presente nos outros livros citados), cujo delineamento ainda dificulta que essas manifestações sejam vistas como uma “teia interativa” que fuja das determinações de uma sociedade patriarcal.

Conforme Sodré, “o grande problema da reconstituição histórica está na elucidação dos contrastes entre o novo e o velho, entre o que declina e o que reponta, entre o que está morrendo e o que apenas começa a viver” (1976, p. 13). Esse modo de ordenamento é verificado na sucessão das “escolas literárias”, nas quais há a ilusão de momentos literários devidamente organizados e estanques, quando, na verdade, não podemos dizer categoricamente que tal estilo literário terminou e nunca mais será verificado em nenhuma obra, prova disso são os chamados “neobarroco” e “neossimbolismo”. Sendo assim, o conceito de história com o qual trabalharemos não se

⁴ Primeira edição desta obra data de 1970.

⁵ Primeira edição desta obra é de 1983.

⁶ Primeira edição desta obra é de 1959.

prende a essas perspectivas estanques, mas a uma visão construtiva, *in progress*, em constante revisão, seja quanto à forma, aos conteúdos literários ou aos valores mimetizados.

Ao comparar Candido com outros autores, Bosi afirma que a *Formação da Literatura Brasileira* “dá a impressão de um conjunto mais ordenado e coeso em que predominam, desde as primeiras páginas, as ideias matrizes de sistema, de integração e equilíbrio funcional” (BOSI, 2002, p. 40). Candido, por sua vez, mantendo sempre um discurso dialético e equilibrando o aspecto estético e histórico, afirma que, para a elaboração de uma história literária do Brasil,

“é necessário um movimento amplo e constante entre o geral e o particular, a síntese e a análise, a erudição e o gosto. É necessário um pendor para integrar contradições, inevitáveis quando se atenta, ao mesmo tempo, para o significado histórico do conjunto e o caráter singular dos autores. É preciso sentir, por vezes, que um autor e uma obra podem ser e não ser alguma coisa, sendo duas coisas opostas simultaneamente, - porque as obras vivas constituem uma tensão incessante entre os contrastes do espírito e da sensibilidade. A forma, através da qual se manifesta o conteúdo, perfazendo com ele a expressão, é uma tentativa mais ou menos feliz e duradoura de equilíbrio entre estes contrastes. Mas, mesmo quando relativamente perfeita, deixa vislumbrar a contradição e revela a fragilidade do equilíbrio. Por isso, quem quiser ver em profundidade, tem de aceitar o contraditório, nos períodos e nos autores, porque, segundo uma frase justa, ‘ele é o próprio nervo da vida’” (2000, p. 30).

O autor de *Formação da Literatura Brasileira*, ao comentar sobre o dialético e/ou contraditório, já aponta para a impossibilidade de se adotar critérios fixos e imutáveis para a historiografia literária, sobretudo para a brasileira. O aspecto singular dos autores torna complexa qualquer tentativa de homogeneização da atividade literária. Esse esquema de pensamento é positivo para o debate sobre a produção de autores marginalizados ao longo do tempo e, que agora, propiciam debates acerca de vários detalhes envolvidos em uma historiografia, como o valor institucional atribuído a determinados autores pertencentes ao grupo de maior poder cultural, ou os pressupostos que embasam a crítica literária contemporânea. Novos manuais literários precisam surgir com novas formas de abordagem dos fatos literários, a fim de que esses textos produzidos há algum tempo sejam confrontados por novas perspectivas.

Elaborar uma história da literatura não é tarefa fácil, visto que pressupõe escolhas, a eleição dos autores representativos de determinada tradição literária. E os critérios dessa escolha devem ser claros e coerentes com a finalidade do historiador e

com a postura teórica por ele adotada. Qualquer esquema de seleção atribui prioridade a alguns fatos e não a outros, “quando muito, pode-se pensar que certos fatos são mais importantes que outros, mas mesmo essa importância depende, totalmente, dos critérios escolhidos por cada historiador e não tem uma grandeza absoluta” (VEYNE, 1998, p. 13). No entanto, o historiador precisa deixar que a observação desse percurso histórico mostre um possível caminho a ser seguido, e não simplesmente impor regras e seleção arbitrária de autores para a composição dessa história. É necessário atentar às transformações ocorridas na sociedade de um modo geral, em especial observar o quanto avança o pensamento social em direção a uma visão livre de preconceitos, ou ao menos com mais respeito a todos os grupos que compõem uma sociedade: “a escrita de uma história da literatura precisa contemplar a multiplicidade de leituras e a historicidade do fato literário” (ZINANI, 2010, p. 161). Como pertencente a um tempo e um espaço variáveis, o fato literário deve ser compreendido em toda sua dimensão sócio histórica, ou seja, é um fenômeno que sofre as influências do contexto do qual faz parte, e não algo imune às mudanças sociais. Logo, é incoerente continuar utilizando nos dias atuais os mesmos critérios adotados por estudiosos há mais de meio século para a elaboração de uma história literária, ou até mesmo para a formação de uma lista geral de principais autores. Novas tendências teórico-críticas exigirão novas posturas e novas formas de pensar o fenômeno literário, como comentado mais adiante.

Essa centralização do poder, tratada acima, faz com que as outras regiões fiquem à margem e/ou alheia ao que é produzido no centro do poder. No Brasil, por exemplo, fora do eixo Rio-São Paulo torna-se bem mais difícil para um escritor ficar conhecido nacionalmente, diria até fora da região Sudeste do país. Por ser a região mais rica do país, o Sudeste fornece mais condições culturais e materiais (aspecto financeiro, editorial) para jovens escritores. Além disso, as regiões Sudeste e Sul do Brasil concentram o maior número de leitores do país, daí o montante de editoras, livrarias, universidades, teatros, redes de televisão, que consomem também muito das escritas ao serem traduzidas para telenovelas, filmes e seriados transmitidos em rede nacional. Um fator fundamental que interfere nesses aspectos, além do político e econômico, é o geográfico: o Brasil possui dimensões continentais, que ocasionam uma divisão em diversos núcleos concentradores de poder em razão de suas peculiaridades regionais e culturais:

“nos primeiros séculos, os ciclos de ocupação e de exploração formaram ilhas sociais (Bahia, Pernambuco, Minas, Rio de Janeiro, São Paulo), que deram à Colônia a fisionomia de um arquipélago cultural. E não só no *facies* geográfico: as ilhas devem ser vistas também na dimensão temporal, momentos sucessivos que foram do nosso passado desde o século XVI até a Independência. Assim, de um lado houve a dispersão do país em subsistemas regionais, até hoje relevantes para a história literária; de outro, a sequência de influxos da Europa, responsável pelo paralelo que se estabeleceu entre os momentos de além-Atlântico e as esparsas manifestações literárias e artísticas do Brasil-Colônia: Barroco, Arcádia, Ilustração, Pré-Romantismo...” (BOSI, 1994, p. 11-12).

A formação dessas ilhas culturais dificultava a busca por uma unidade literária. Se o que chegava aqui, de influências de diversas ordens, já era filtrado por Portugal ou por outros países da Europa, não havia uma recepção homogênea, e muito menos uma produção. Dessa forma, deve-se considerar o conjunto dessas ilhas culturais, cada uma com sua contribuição entre semelhanças e diferenças, para a formação de uma identidade literária nacional. Vale salientar que o apogeu de cada ilha cultural mostra o caminho econômico seguido pelo país: começou na região Nordeste, com o auge da produção cacaueteira da Bahia e da cana de açúcar em Pernambuco; depois foi sendo transferido para o Sudeste: Minas, com a exploração do ouro; Rio de Janeiro, com a vinda da família real portuguesa; e, posteriormente, São Paulo, com a plantação cafeeira, cuja economia o transformou no estado brasileiro mais rico. Isso também se reflete na formação do cânone literário: a maioria dos escritores incluídos nesta lista é proveniente dos grandes centros econômicos, além disso, o cânone ocidental “é composto principalmente de obras escritas por autores brancos, masculinos e que pertencem às nações hegemônicas” (BONNICI, 2007, p. 38). Em se tratando de uma nação o perfil do autor canonizado segue os mesmos critérios. Dessa forma, o cânone se configura como uma entidade de cunho falocêntrico, cujos critérios de inserção podem ser repensados atualmente, isto significa que o

“processo de construção do cânone literário tem sido objeto de análises cujos resultados mostram que o cânone está intimamente ligado à *educação, classe, raça, etnia, colonização, economia, diferença sexual* e de *gênero*. Desmoronou a doutrina segundo a qual a formação do cânone literário tem sido estritamente impessoal, objetiva, conforme regras estéticas independentes. Constatou-se que o cânone é uma fabricação submetida a limitações sociais, políticas e institucionais” (BONNICI, 2007, p. 38).

Não é o aspecto estético da obra que predomina na escolha de autor para a lista canônica. Ao contrário, os outros aspectos mencionados na citação acima são tão importantes quanto o valor estético, a saber, o gênero do autor, sua origem social, racial, étnica e geográfica, e o fator econômico. Por isso, as mulheres, negros, pobres, favelados e homossexuais permaneceram excluídos dessa listagem até bem pouco tempo. Aliás, alguns ainda permanecem marginalizados (como os negros, favelados e homossexuais), enquanto outros grupos minoritários (como as mulheres) aos poucos estão conseguindo espaço. Ao longo da história as mulheres, até recentemente, ficaram excluídas da vida cultural, política, econômica e até social dos países. Não lhes eram conferidos nenhum tipo de oportunidade, não eram dignas de atuarem em nenhuma área do conhecimento. Nessas sociedades patriarcalistas demorou para que a figura feminina começasse a adentrar em alguns espaços de produção do conhecimento: “constatou-se uma regra geral de que o *patriarcalismo*, permeando a crítica literária, tendia a anular ou marginalizar a escrita da mulher” (BONNICI, 2007, p. 38). No âmbito da literatura, os primeiros indícios surgem no final do século XIX, porém de forma tímida; no século XX há um aumento gradativo, havendo uma explosão na década de 1960 em busca de reconhecimento e colocando em evidência a luta por direitos igualitários.

Em razão desse obscurecimento construído, há uma tendência recente na crítica literária em realizar uma revisão do cânone a fim de trazer à cena autoras que foram colocadas na penumbra por serem do gênero feminino: “o cânone literário conformado por uma história literária que é instituição política e social deixa soterrados nomes e obras por uma crítica que esconde seus critérios” (LINS; MOREIRA, 2010, p. 10). No Brasil também se verifica essa postura com o resgate de autoras do século XIX (como Maria Firmina dos Reis, autora do romance *Úrsula* (1859); *Dedicação de uma amiga* (1850), de Nísia Floresta; *Memórias de Marta* (1889), de Júlia Lopes de Almeida, esta tem outros romances resgatados pela historiografia literária; e os textos teatrais das dramaturgas Maria Ribeiro e Josefina Álvares de Azevedo); já existem vários livros publicados sobre o assunto e cada vez mais aumenta o número de trabalhos críticos que analisam essas produções oitocentistas. Portanto, esse trabalho de reconstrução se baseia, conforme Bonnici em três aspectos: “(a) num cânone relativizado e condicionado a fatores sociais e históricos; (b) na procura de obras femininas marginalizadas; (c) no estabelecimento da continuidade da tradição feminina ‘de década a década e não de uma grande escritora para outra grande escritora’” (2007, p. 40). Não

há o resgate somente de mulheres escritoras, também se busca destacar a produção de autores negros e homossexuais que foram invisibilizados por fatores excludentes. Na catalogação que integra esta pesquisa, por exemplo, o objetivo é resgatar o maior número possível de escritoras paraibanas: não estabelecemos datas limites nem utilizamos, neste momento, critérios estéticos referentes às obras na organização de tal levantamento.

Não se trata de abandonar os critérios estéticos nesse trabalho de trazer à tona tais obras, priorizando o aspecto social e político. Essa luta pela visibilidade de autoras há muito esquecidas é justamente por possuírem obras tão bem construídas quanto a dos “autores masculinos”, não querendo forçar uma comparação uma vez que cada autor tem suas características próprias. Queremos dizer com isso que os escritos femininos eram ignorados independentemente da qualidade estética. Nesse sentido, o revisionismo feminista é a “desconstrução de parâmetros, estratégias e ideologias antigos, inclusive literários, para que se forme um novo sistema de relacionamento social, baseado em uma nova mentalidade, sem hierarquização, dominação e binarismo” (BONNICI, 2007, p. 231). A década de 1960 é importante para o desenvolvimento da teoria e crítica literárias devido às mudanças de paradigmas teóricos proporcionados pela reflexão e publicação de trabalhos de grupos minoritários, reflexo das lutas por direitos igualitários empreendidas por estes grupos. Assim,

“o Cânone, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais” (BLOOM, 1995, p. 28).

Diversos fatores influenciam a eleição de uma obra ao rol canônico, como os citados acima por Bloom, acrescentando-se o papel das academias e os prêmios literários, que também possuem um forte aspecto político em suas escolhas. Os jurados de um concurso literário dificilmente conseguem ser imparciais, merecendo ser observada a competência para tal atividade. Quanto às academias, também há um forte aspecto político em sua dinâmica. Não somente escritores podiam ser eleitos a uma cadeira, mas também críticos literários e historiadores, fragilizando assim até mesmo o conceito do que seja um “escritor de literatura”. No caso deste trabalho, não consideramos na catalogação as obras historiográficas e de crítica literária por não se

tratarem de textos literários de acordo com os conceitos adotados neste estudo. Atualmente o quadro geral mudou à medida que o número de escritores em atividade aumentou com a passar do tempo. Em suma,

“num sentido mais formal e nos nossos dias, as academias (por exemplo, a Academia das Ciências portuguesa, com sua Classe de Letras, a Real Academia Española de la Lengua, a Academia Brasileira de Letras ao Academia Francesa) acolhem, em princípio, aqueles escritores e também críticos, ensaístas, etc. que gozam já de um prestígio e de um reconhecimento público inegáveis. Funcionando como uma consagração ou, no dizer de uma linguagem bem peculiar, reconhecendo o escritor como *imortal*, a condição de *acadêmico* constitui uma distinção não raro arduamente disputada; e mesmo quando, numa atitude extrema, o escritor rejeita a consagração acadêmica (por exemplo: Drummond de Andrade recusando entrar na Academia Brasileira de Letras), um tal procedimento acaba por corresponder ao reconhecimento, pela via da refutação, dessa capacidade de consagração, entendida, desse ponto de vista negativo, como algo de artificial e exterior ao *estatuto estético* da literatura” (REIS, 2003, p. 27-28).

A respeito desses atos de revisionismos e tentativas de ampliação do cânone literário Bloom comenta que “todos os cânones, incluindo nossos atuais contracânones da moda, são elitistas, e como nenhum cânone secular jamais se fecha, o que hoje se aclama como ‘abrir o cânone’ é uma operação estritamente redundante” (BLOOM, 1995, p. 43). Discordamos do referido autor, defensor do cânone, no sentido de que não se trata de estabelecer uma elite literária, mas sim de ampliar as possibilidades de sua construção, fazendo com que autores advindos de grupos minoritários tenham as mesmas chances de um autor que não pertença a nenhum desses grupos. Obviamente, isso pressupõe escolhas, entretanto, faz com que haja um maior elenco de escritores que possam ser escolhidos, “pois doutra forma acabaríamos imersos num rol incharacterístico de nomes; história como julgamento retrospectivo, porquanto duma literatura há obras que vale a pena ler e conhecer, e outras esquecidas ou esquecíveis, ou de parca presença nacional” (MOISÉS, 2000, p. 17). Toda escolha ou seleção está entranhada de aspecto político, uma vez que cada grupo luta por reconhecimento de sua produção cultural. No caso dos grupos minoritários há uma evidente tentativa de ampliação do cânone, ou seja, uma luta política em busca do não obscurantismo. Não é uma busca para fazer parte do cânone tradicional, e sim uma luta para que ocorra uma democratização e ampliação desse cânone, uma vez que seus critérios organizacionais, muitas vezes

preconceituosos, colocam em cheque sua credibilidade, excluindo produções literárias e autores com base nesses valores questionáveis.

Mas não é tão simples assim, essa parcela da população fala de um lugar social antagônico ao lugar do grupo hegemônico (homens brancos, heterossexuais e com boa condição financeira) e produz o que se costuma chamar de literatura marginal: “a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2005, p. 12). Então, há uma desvantagem inicial fundamental, pois este último grupo detém o poder econômico e político há séculos, não é tão fácil modificar as estruturas que alicerçam o cânone, já que são pilares constituídos por estes grupos, “portanto, ao lado da discussão sobre o *lugar da fala* seria preciso incluir o problema do *lugar de onde se ouve*” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 72). Mais que lutar pelo direito de participação da vida literária de um país, as minorias precisam ser ouvidas, diante de um difícil jogo comercial e editorial, cujas regras também merecem uma revisão. Porém, quando perguntamos ouvidas por quem sabemos qual a resposta: “pelo grupo dominante”. Por isso, é necessário mudanças de paradigmas na estrutura basilar da sociedade para que haja espaço para contestações como essas e para que outras parcelas sociais possam ter o direito de se pronunciarem e de serem ouvidas. Isso quer dizer que

“Os constrangimentos do discurso de grupos marginalizados não se esgotam, é claro, dentro do campo literário – trata-se de um problema mais amplo, próprio de uma sociedade marcada por desigualdades. No entanto, da mesma forma que é possível pensar na democratização da sociedade, incluindo novas vozes na política e na mídia, podemos imaginar a democratização da literatura. A inclusão, no campo literário talvez ainda mais do que nos outros, é uma questão de legitimidade” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 74).

As produções das minorias são legítimas tanto quanto as do grupo dominante. Assim, considerando a produção paraibana enquanto literatura de minoria, o catálogo que será apresentado no capítulo seguinte é uma tentativa de mapear a escrita dessas autoras e trazê-las para o primeiro plano da discussão sobre literatura na base histórica aqui proposta. Portanto, reconhecer essa legitimidade não é um favor, significa respeitar manifestações advindas de diferentes meios sociais, ampliando o horizonte de leitura do público e democratizando o campo da arte literária. Esse processo, porém, é lento e requer esforço desses sujeitos colocados à margem e de todos os atores envolvidos,

como os críticos que defendem tal causa, sobretudo nas regiões fora dos centros econômicos do país, que ainda precisam lutar para se destacar em âmbito nacional.

3.2.2 NOVA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

A Nova História é uma tendência crítica que considera toda a atividade humana como história. Ela originou-se da terceira geração da “Escola dos Annales”, movimento historiográfico que se formou a partir da publicação da revista internacional francesa “*Annales d'histoire économique et sociale*” (1929), criada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a qual incorporou métodos das Ciências Sociais à História. Estes estudiosos queriam acima de tudo “tirar a história dos caminhos rotineiros e, em primeiro lugar, tirá-la de seu confinamento entre barreiras estritamente disciplinares” (LE GOFF, 2011, p. 135). A referida revista foi fundada na época da grande crise econômica de 1929, o que, dentre outros fatores, a influenciou a ter um forte aspecto econômico e social. A nova história, que foi sistematizada nos anos 1970, tem o desejo de totalização, uma tentativa de estudar tudo que considerar história. Seu nome derivou da publicação da obra “Fazer a História”, em três volumes, organizada pelos historiógrafos Jacques Le Goff e Pierre Nora, seus principais expoentes na França.

Esta tendência nega a existência de leis na história ou de quaisquer determinações, questionando a própria objetividade do conhecimento histórico e consequentemente a questão da verdade. Três fenômenos marcam o surgimento desse novo campo do saber, são eles:

“1. A afirmação tanto das ciências francamente novas como das existentes há diversas décadas, mas que transpõem a soleira da vulgarização universitária: sociologia, demografia, antropologia (em substituição à etnologia), etologia, ecologia, semiologia, futurologia etc. 2. A renovação, tanto no nível da problemática como no do ensino – ou em ambos –, das ciências tradicionais, mutação que se manifesta em geral pelo acréscimo do epíteto ‘nova’, ou ‘moderna’: linguística moderna, *New Economic History*, sendo o exemplo mais evidente o das matemáticas modernas, este último situando-se fora do domínio das ciências humanas. 3. A interdisciplinaridade, que se traduz pelo aparecimento das ciências compósitas que unem duas ciências por meio de um substantivo e um epíteto: história sociológica, demografia histórica, antropologia histórica, ou então por meio da criação de um neologismo híbrido: psicolinguística, etno-história etc. Essa interdisciplinaridade chegou até a levar ao nascimento de ciências que transgridem as fronteiras entre as ciências humanas e as ciências naturais ou biológicas: matemáticas sociais, psicofisiologia, etnopsiquiatria, sociobiologia etc.” (LE GOFF, 2011, p. 129-130).

O termo ‘história literária’ já era empregado pelos estudiosos há algum tempo. Essa interdisciplinaridade é fundamental na configuração geral desta teoria, uma vez que contribui para o fortalecimento de seu aspecto totalizante, de hipótese global de explicação das sociedades. Nesse sentido, a nova história propicia novos modos de se pensar a historiografia, os quais funcionam também para pensarmos em novos esquemas teóricos para a historiografia literária.

A história nova se opõe ao positivismo do século XIX e atribuiu novas funcionalidades ao documento histórico, ampliou o campo do documento histórico, substituindo a história baseada em textos e em documentos escritos, por uma história fundamentada numa ampla variedade de documentos: desde documentos escritos até resultados de escavações arqueológicas (LE GOFF, 2011, p. 133). Nessa perspectiva, servem como fontes documentais estatísticas, fotografias, filmes, ferramentas e textos literários. A realidade deve ser analisada a partir do modo como ela se apresenta, com todos os seus aspectos complicadores e fenômenos que possam impossibilitar o surgimento de questões contraditórias.

Neste sentido, esse medo de encarar a realidade tal qual ela é apresentada faz com que a maioria dos esquemas históricos siga uma linearidade reducionista, numa tentativa desesperada de domar o espírito livre dos fatos históricos e literários. É por medo de uma possível invasão dessas forças desconhecidas que muitos historiadores continuam a perpetuar esses esquemas e a iludir os leitores: “as historiografias que se acreditam totais, sem se darem conta, enganam o leitor sobre sua mercadoria” (VEYNE, 1998, p. 16). Elas se tornam mais uma dentre tantas outras que buscam a totalidade dos acontecimentos. Estes só ganham sentido se inseridos dentro de uma série de outros acontecimentos, não necessariamente numa sequência cronológica, uma vez que “os fatos têm uma organização natural, que o historiador encontra pronta, uma vez escolhido o assunto que é inalterável; o esforço do trabalho histórico consiste, justamente, em reencontrar essa organização” (VEYNE, 1998, p. 19). É um trabalho difícil e que requer empenho na organização de fatos que se encontram imersos em ordens diversas e em níveis variados de abstração. Por isso, Paul Veyne sugere que os fatos sejam pensados como uma “trama”, atentando para a sua natureza humana e complexa. Dessa forma, a trama não obedeceria obrigatoriamente uma ordem cronológica, ela poderia passar de um plano para outro (1998, p. 20). Os acontecimentos

indicariam os caminhos possíveis de arranjo, indo contra a tentativa de aprisionamento por parte de alguns historiadores. Assim,

“a trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo. (...) Os historiadores narram tramas, que são tantas quantas forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo (o qual é divisível até o infinito e não é composto de partículas factuais); nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História” (VEYNE, 1998, p. 21).

Cada forma de interpretação interna exigirá uma forma de estruturação da trama. Esta noção remete à ideia de “teia” de acontecimentos, na qual os eventos podem se intercruciar e proporcionar um diálogo entre diferentes fatos, de natureza diversa. Todas essas intersecções, todavia, não acontecem ao acaso, as interligações são parte da natureza dos eventos históricos.

Então, a história da literatura não estaria sujeita às determinações de uma sociedade falocêntrica, mas seria constituída a partir da importância e pertinência dos fatos, estes guiariam o modo de interpretação e organização dos eventos. Sendo assim, é tarefa muito difícil para o historiador tentar dar conta dessas tramas, tendo em vista as interconexões que podem surgir com a investigação dos fatos. Assim, esses pressupostos apontam para a fluidez desses fatos. Nessa perspectiva, tudo pode vir a ser estudado, mas não o “todo” desses objetos de estudo: “a fronteira que separa a história da ciência não é a do contingente e do necessário, mas a do todo e do necessário” (VEYNE, 2011, p. 486). É impossível dar conta de todos os aspectos que envolvem determinado objeto a ser historicizado.

Um mesmo conteúdo pode, portanto, suscitar diferentes abordagens dependendo da perspectiva assumida pelo estudioso ou mesmo da leitura que ele faz dos acontecimentos. A história, então, é um processo de construção em que as informações são selecionadas pelo historiador para a elaboração de uma trama. Ou seja, “os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem e produzem substâncias em interação, homens e coisas” (VEYNE, 1998, p. 22). Essa ação sobre os acontecimento é fundamental para que pensemos sobre a ideologia implícita (ou explícita) que sustenta a sua organização. Nesse sentido, a seleção dos

acontecimentos nas tradicionais histórias da literatura, isto é, quais serão mais enfatizados e priorizados, determinam a supremacia do domínio masculino na literatura brasileira. Uma história na qual a trama fosse construída a partir de uma outra postura, que não a falocêntrica ou de matriz heterossexual, redesenharia o quadro literário nacional. Obviamente, em nenhuma circunstância, essa construção abarcaria “todos” os fatos possíveis, como já afirmamos anteriormente. Porém, uma abordagem contrária à dominante nos manuais e livros de história da literatura, que seja baseada numa postura mais flexível, mostraria uma narrativa diferente e fazendo jus a quem de fato contribuiu para o desenvolvimento da arte literária no país.

Desta forma, o presente trabalho fundamenta-se na ideia de que os eventos histórico-literários e os textos constituem um eixo dialógico sobre o qual uma história da literatura deve ser pensada. O método histórico adotado por quem pretende elaborar uma história da literatura precisa ser equilibrado com a questão estética para que não haja uma discrepância desses valores na análise da importância de determinado conjunto de obras na constituição da história literária de um povo. A perspectiva temporal adotada, mesmo que seja linear ou não linear, ou que seja um esquema temporal advindo de alguma perspectiva da nova história, precisa ter como ponto de partida os objetos literários, ou seja, o grau de pertinência das obras literárias deve definir o esquema temporal. Na ideia de trama, por exemplo, uma obra aponta o(s) caminho(s) pelo qual o próximo evento deve percorrer; podendo haver idas e vindas a depender das interligações estabelecidas pelas próprias obras. É importante que sejam evitadas abordagens extremistas ou preconceituosas, uma história literária não pode ser definida somente em termos de manifestações de apenas um grupo social. Como vimos, necessário se faz que sejam ampliados os horizontes dos historiadores e críticos literários a fim de que grupos antes silenciados passem a ter legitimidade e reconhecimento de sua arte.

3.3 “ESCRITORA PARAIBANA”: CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO

A pesquisa que deu origem a este trabalho, a saber, a busca por escritoras paraibanas e sua consequente catalogação, aponta justamente para a problematização do que estamos chamando de “escritora paraibana”. O primeiro e mais evidente sinal é o uso do adjetivo “paraibana” como marca de um grupo específico e também como

recurso político em favor do reconhecimento e valorização da literatura produzida no estado da Paraíba. Desta forma, não estamos tratando aqui de uma literatura pernambucana, baiana ou nordestina, embora haja relações diretas e indiretas com estas designações, uma vez que faz parte de um conjunto maior (literatura nordestina, literatura brasileira), no qual estabelece relações com outros estados a fim de constituir um grupo com certos traços em comum. Ou seja, é uma luta, ao mesmo tempo, por autonomia individual e por reconhecimento de sua importância como fazendo parte de um fenômeno artístico de maior abrangência geográfica e cultural. Dito isto, passemos a refletir sobre essas questões tomando como ponto de partida o período colonial do Brasil.

No período colonial, muitas manifestações literárias eram provenientes de escritores nascidos em Portugal ou eram brasileiros e publicavam no referido país europeu (embora nos documentos oficiais a nacionalidade constasse ‘portuguesa’, uma vez que o Brasil era território pertencente a Portugal). A *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, considerada por muitos como a primeira manifestação literária brasileira não foi escrita por um brasileiro e muito menos dirigida ao “povo brasileiro” (embora nessa época não poderíamos falar em “povo brasileiro”, visto que a nação dava seus primeiros passos em direção ao título de “novo país”), seu objetivo principal era noticiar a conquista e as características naturais e dos autóctones da nova terra. Obviamente, estão embutidas nessa questão fatores de ordem econômica e editorial, pois o Brasil, ainda em formação, não tinha condições estruturais para atividades dessa ordem. A chegada da Família Real portuguesa em território nacional, em 1808, é que proporciona um maior desenvolvimento da infraestrutura de setores econômicos e culturais (medidas tomadas por D. João VI: trouxe a Missão Francesa para o Brasil, estimulando o desenvolvimento das artes em nosso país; criação do Museu Nacional, da Biblioteca Real, da Escola Real de Artes e do Observatório Astronômico). Assim, “genericamente, tendemos a considerar os séculos coloniais prolongamento da literatura na Metrópole, ou, ao revés, expressão duma brasilidade mais ou menos idílica e utópica” (MOISÉS, 2000, p. 12). Instalava-se na colônia uma condição antagônica, ao mesmo tempo havia escritores em território brasileiro, nascidos ou não aqui, que se comportavam como verdadeiros súditos da Coroa portuguesa; e surgiam escritores, em meio a toda essa situação de dependência cultural, que manifestavam um forte sentimento de brasilidade, como

Gregório de Matos, que criticava abertamente a Igreja Católica e o governo de Salvador, recebendo a alcunha de “Boca do Inferno”.

Nesse sentido, há aspectos semelhantes ao que aconteceu com a literatura “brasileira” em seu processo de autonomia e busca por uma identidade desvinculada de outras literaturas nacionais. Embora tenha havido reflexões em torno da autonomia da literatura nacional em décadas anteriores, foi com os românticos, a partir de meados do século XIX, que houve uma tentativa mais consistente de busca dos elementos locais que caracterizassem a produção nacional. Assim, a figura do “índio” foi tomada como símbolo desse momento, mesmo que tratado de forma idealista nos textos destes autores. Outro caractere encontrado para reforçar essa tarefa foi o elemento regional, a representação de figuras típicas do Brasil, como o sertanejo, o matuto, o caipira: “à proporção em que o índio, enquanto potencial de expressão mítico-heroica começa a se esgotar, outro tipo humano entra em cena: o sertanejo, o homem do interior, das regiões pouco afetadas pelo contato externo” (ALMEIDA, 1981, p. 34). O adjetivo “brasileira” só conseguiu se firmar definitivamente para caracterizar nossa literatura e nossos escritores no século XX a partir do Modernismo.

Entretanto, mesmo no século XX há casos de escritores que trabalhavam como diplomatas e em algumas vezes tiveram suas obras publicadas no exterior, a exemplo de Guimarães Rosa e Vinicius de Moraes, que viveram grande parte da vida morando no exterior, e João Cabral de Melo Neto, que publicou *O cão sem plumas* na Espanha. Assim, o local onde a obra foi publicada também deve ser considerado nessa questão. Flávio Kothe, em seu *O cânone colonial*, considera escritor brasileiro aquele que, “dentro ou fora do país, tem sua personalidade intrinsecamente marcada pela socialização no território brasileiro” (1997, p. 20). Seguindo esse raciocínio, seria escritor brasileiro uma pessoa que viveu até aos 20 anos no Brasil, mas que mora no exterior há 40 anos, por exemplo? Seria escritora paraibana uma pessoa que passou a infância e adolescência na Paraíba, mas morou todo o restante de sua longa vida em outro estado? São algumas hipóteses e indagações sobre as quais refletiremos neste trabalho na tentativa de chegar a uma saída viável, o que não significa dizer que não seja passível de alterações ou de receber contribuições teóricas a fim de ampliá-las.

Conquistada esta autonomia a nível nacional, outros grupos minoritários, a partir da década de 1960, também começam a lutar por reconhecimento e legitimação, como a literatura “feminina”, “afro-brasileira”, dos “favelados” e “gay”. Destacamos estes

termos porque enquanto adjetivos caracterizadores de uma manifestação artística seus representantes buscam reconhecimento para que a adjetivação, que inicialmente possui um forte caráter político, seja sinônima de “legítima”, não perdendo seus princípios iniciais. Desta forma, o uso do adjetivo “paraibana”, como referente àquela atividade literária no território do estado da Paraíba, também procura por reconhecimento e legitimação dentro do âmbito nacional. Na apresentação da antologia *A Nova Literatura Paraibana (Poesias)*, iniciativa do jornal A União, é mencionado o que consideraram escritor paraibano: “nesta multiplicidade de estilos existe a poesia paraibana, isto é, a poesia que os poetas residentes na Paraíba estão fazendo” (1979, p. 8). Logo, o fator de maior importância é o fato do autor ou autora morar no referido estado.

Nesse sentido, o lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística. Nesse caso, estamos tratando de uma literatura produzida em um dos estados da região Nordeste do país (região esta considerada a mais pobre e com o maior índice de analfabetismo), que dentre os estados desta região é um dos menos populosos e com menos destaque da região (comparado ao que a grande mídia transmite dos outros estados); e uma literatura produzida por sujeitos (as mulheres) que, embora venham ocorrendo mudanças, ainda sofrem discriminação e têm que concorrer com a forte tradição literária falocêntrica. Assim, “o silêncio dos oprimidos faz-se pela fala dos consagrados no cânone; não só se auratizam textos que não têm densidade nem qualidade poética: a injustiça é a lei permanente do poder” (KOTHE, 1997, p. 79). Além da questão sexual existe a geográfica: as autoras são nordestinas, região que sofre uma histórica discriminação em diversos aspectos. Isso tudo dificulta uma busca por legitimação da literatura paraibana, sobretudo a produzida por mulheres.

O fato de o Brasil ter se constituído a partir de “ilhas culturais”, como exposto em outro momento nesta pesquisa, dificultou a busca por reconhecimento de escritores que não estavam inseridos nessas zonas culturais: “no curso da evolução de nossa literatura, tais ilhas assumiram, cada qual a seu modo e em certo momento, o papel de núcleo gravitacional” (MOISÉS, 2000, p. 15). Se no período colonial os principais centros econômico-culturais localizavam-se no Nordeste, a partir do período republicano há um deslocamento em direção ao sul do país, fixando-se na região Sudeste. Dessa forma, a região centro-sul do país leva vantagem em relação às outras

regiões na inserção de novos escritores no mercado porque, historicamente, ela se tornou a região mais rica e conseqüentemente a que oferece melhores condições editoriais do país para lançar novos nomes no mercado literário.

Esses centros não formavam um conjunto harmônico e interativo. Essa dinâmica fez com que houvesse diversos centros literários, alguns mais fortes que outros, que demoraram a estabelecer um diálogo produtivo. Essa situação fragmentária provoca também certo embate entre os grupos, uma vez que há uma espécie de competição entre os escritores provenientes das diversas regiões. Assim, “o meio empregado por essa ‘indignação’ regional tem sido o de seus nativos comporem panoramas literários das respectivas ilhas, ou Estados em que nasceram.” (MOISÉS, 2000, p. 16). Isso explica a existência de diversos manuais de história literária local (a exemplo também da presente pesquisa). Assim, é perfeitamente possível falarmos em uma “literatura paraibana”. Apesar dos poucos nomes conhecidos nacionalmente “não se trata de uma literatura nula. Nela há, não raro, um lampejo de gênio, de originalidade que se afirmaram ao longo do tempo, alguns representando importância destacada na literatura nacional, sobrelevando-se a nomes de maiores” (CÂNDIDO, 1983, p. 14). Embora o fator circulação nacional, como veremos mais adiante, também não indique necessariamente que a obra tenha qualidade estética superior a outras desconhecidas. Deste modo, a divisão político-geográfica não corresponde às regiões literárias:

“são cinco as regiões brasileiras, segundo critérios geográficos: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Revendo essa classificação a partir de um critério cultural, mais adequado para situar as diferentes tendências da literatura brasileira na sua ‘estonteante diversidade’, Viana Moog propõe sete ‘núcleos culturais’, cuja soma forma o ‘complexo heterogêneo’ da nossa literatura, vista como um verdadeiro ‘arquipélago cultural’. Trata-se de um desdobramento da divisão geográfica, mas não muito diferente dela: Amazônia, Nordeste, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul” (CHIAPPINI, 1994, p. 667).

Queremos mostrar com isso, que, devido às dimensões continentais do Brasil e pelas razões citadas logo acima, as tendências e estilos literários levam a uma divisão do território nacional, que nem sempre, ou quase nunca, irá coincidir com a divisão política. Assim, embora a classificação acima proposta por Moog precisem ser atualizados, esse sentimento de “pertencentes a ilhas culturais” ainda é muito forte. Para que haja uma interação maior entre os artistas desses polos, fazendo com que as obras tenham uma maior circulação e divulgação, é necessário que as fronteiras entre essas

áreas sejam atenuadas, o que não significa que cada região perderá suas características. Essas fronteiras já estão sendo apagadas em virtude da troca de informações e interações proporcionadas pelos meios de comunicação, como a televisão e, sobretudo, a internet, através dos blogs e outros meios virtuais. A internet pode se transformar numa arma poderosa de circulação de textos, fazendo com que autoras atinjam leitores de regiões distantes.

A circulação de obras literárias fora desses eixos econômicos tem menos incentivo do mercado editorial. Além disso, não há uma relação proporcional entre a qualidade estética de uma obra e sua circulação: “a divulgação dos textos não é proporcional à sua validade artística. Pelo contrário, quanto menos alguém tem para dizer, tanto mais espaço tende a lhe ser concedido” (HOTHE, 1997, p. 83). Ou seja, o fato de uma obra ser pouco conhecida não significa que seja de qualidade estética inferior àquela que tem grande divulgação. Há fatores de ordem econômica que atuam nessa dinâmica, contribuindo para a inserção dessas obras de maior circulação no rol canônico. Dessa forma, “a perspectiva do texto excluído serve, no entanto, para esclarecer, ao longo da história literária, por que determinados textos passaram ao cânone, enquanto outros, potenciais ou existentes, ficaram excluídos” (KOTHE, 1997, p. 89). O fato de uma determinada obra pertencer ao cânone não quer dizer que sua propriedade estética seja incontestável. Outros aspectos, como os já mencionados, influenciam diretamente na formação do cânone. Assim, configura-se como preconceito achar que o lugar de produção fora dos eixos econômico-culturais do autor e o seu desconhecimento sejam condicionantes de uma obra de qualidade inferior. Dessa forma, a desigualdade econômica e social no território nacional ocasiona desigualdades regionais que foram refletidas por meio da obra literária.

Outra questão importante para pensarmos sobre o lugar da produção paraibana diz respeito ao fato de muitas vezes essa produção ser entendida como regional pelo fato de ser proveniente do estado da Paraíba. Isso nos leva aos fatores que configuram uma obra como regional, que, nesse caso, seria reducionista uma vez que seria considerado como critério o fato de as autoras serem paraibanas, desprezando, assim, o aspecto contudístico e estético da obra. Se “região implica uma parte dentro de um todo mais amplo – o país como tal – a arte regionalista *stricto sensu* seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional” (ALMEIDA, 1981, p. 47), então grande parte da

produção literária brasileira poderia ser chamada de regional, visto que, cada um a sua maneira, os escritores procuram evidenciar aspectos geográficos e culturais do espaço literário plasmado na obra, geralmente tendo como referente uma região do país, o que o coloca em oposição às outras regiões.

Nesse sentido, denominar, ou classificar uma obra literária de “regionalista”, de acordo com a interpretação de alguns críticos literários de tendência conservadora, traz em si um caráter redutor, isto é, como a obra não atingiu dimensões universais (de acordo com o julgamento desses mesmos críticos) ela é enquadrada (para não dizer aprisionada) como uma obra de cunho regionalista. Se a obra, mesmo tendo características temático-formais que possam lhe categorizar como tal, conseguir atingir dimensões universais, ela é galgada a novos patamares estéticos e críticos, como ocorreu com *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (há, inclusive, estudiosos que defendem que depois da publicação dessa obra o regionalismo se esgotou). Portanto, esta é uma “tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à ‘grande literatura’” (CHIAPPINI, 1995, p. 156). Esse grau de marginalidade aumenta quando o escritor mora em um estado fora dos grandes centros culturais. Outro fator que contribui para esse modo de pensar é o fato de o regionalismo estar ligado ao ruralismo. Entretanto, se a obra regionalista é a expressão de uma localidade, esta pode ser rural ou urbana, fazendo com que todo estado da federação tenha uma tendência regionalista. Sobre isso Chiappini comenta que

“a obra literária regionalista tem sido definida como ‘qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais’, definição que alguns tentam explicitar enumerando tais peculiaridades (‘costumes, credences, superstições, modismo’) e vinculando-as a uma área do país: ‘regionalismo gaúcho, regionalismo nordestino, regionalismo paulista’...Tomado assim, amplamente, pode-se falar tanto de um regionalismo rural quanto de um regionalismo urbano. No limite toda obra literária seria regionalista, enquanto, com maiores ou menores mediações, de modo mais ou menos explícito ou mais ou menos mascarado, expressa seu momento e lugar. Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar particularidades lingüísticas” (1995, p. 155).

O ruralismo, por sua vez, geralmente é associado ao Nordeste, em razão de sua urbanização tardia em relação ao restante do país e pelo fato do preconceito que envolve a figura do nordestino, tido como um indivíduo pobre, de costumes ultrapassados e vítima das condições climatológicas, as quais ocasionam a seca e sua fuga para um

lugar com melhores condições de sobrevivência. Todavia, como toda noção estereotipada, essa generalização não condiz com a realidade dos nordestinos. A associação imediata entre regionalismo e Nordeste pode ser explicada através dos fortes movimentos de valorização da cor local que encontraram seu auge na década de 1930, quando as condições econômicas e literárias contribuíram para um ambiente propício à ascensão dos escritores nordestinos.

O Regionalismo, portanto, pode ser entendido como consequência ou reação da modernização da economia do país. A tensão entre tradicional e moderno na economia rural serviu como base motivacional à literatura regionalista. Várias obras desse período retrataram a crise econômica pela qual passavam os engenhos de cana de açúcar do Nordeste. Chegando até mesmo ao ponto de alguns estudiosos as denominarem como uma “literatura dos ressentidos”. Assim, esse tipo de produção literária teria uma função compensatória, como defende Chiappini (1994), uma vez que há a representação do passado para compensar o fato de o poder econômico ter se deslocado para o Sudeste: “o regionalismo aparece, então, como um movimento compensatório em relação ao novo, e, mais para o começo deste século, ao urbano e ao cosmopolita” (CHIAPPINI, 1994, p. 670). Porém, como problematizado pela mesma autora em texto recente (2014), o regionalismo não é uma tendência exclusiva de países considerados antes de “terceiro mundo”; ele também encontra terreno fértil em países da Europa, nações de “primeiro mundo”:

“a economia não explica tudo e os regionalismos estão estreitamente vinculados às tradicionais lutas pela hegemonia e contra determinadas hegemonias, ao longo da história europeia. De todo modo, podemos ainda aceitar a hipótese de Antonio Candido e de Mecklenburg, reconhecendo que os países ditos então subdesenvolvidos, como o Brasil, guardam alguma especificidade, quanto mais não seja, porque, embora a mistura não seja aí nem maior nem mais visível que na Europa, eles tem mais tradição na vivência, senão na convivência com ela” (CHIAPPINI, 2014, p. 50).

Portanto, isso coloca em questão a ideia do regionalismo como decorrente do subdesenvolvimento. Não queremos dizer com isso, que essa afirmação se torna falsa, e sim que há outros fatores de ordem econômica e social que atuam na constituição de uma tradição regionalista, e que ajudam a explicar de maneira mais adequada a natureza das matrizes formadoras dessa tendência. Podemos citar o fenômeno da globalização que, à medida que tenta uniformizar os hábitos de todas as nações do planeta, tentando

apagar as diferenças, pode servir como mote para o surgimento de obras em defesa de características de determinados locais.

Essa discussão leva às seguintes oposições, que estão na formação de nossa literatura: rural *versus* urbano, localismo *versus* cosmopolitismo, particular *versus* universal. Deste modo, os críticos literários herdeiros desse modo de pensar consideraram a obra regionalista inferior às outras que não são, pois aquelas seriam de menor valor estético, uma vez que se limitam ao “beco”, não ultrapassando as fronteiras do localismo. Entretanto, o regionalismo foi uma forma de consolidação da identidade nacional, “um fator decisivo de autonomia literária e importante contrapeso realista, uma vez que implicava esforço pessoal de estilização e grande quota de observação” (ARAÚJO, 2008, p. 122). Ao se tentar consolidar a identidade nacional, coloca-se em tensão a região, visto que a nação pressupõe uma unidade nacional, buscando sempre um tipo representativo, e a região implica em diversidade.

Mesmo a noção de “região” desestabilizando a “nação”, é através da figura humana do interior, de ambientes afastados que se buscou representar a nação; e são essas regiões que constituem uma nação. Era contra a ênfase na região que os modernistas de São Paulo lutavam, porque, de acordo com seus entendimentos, isso se opunha ao objetivo de se buscar uma identidade nacional através de uma literatura nacional e não local, a fim de que se chegasse à universalidade. Mário de Andrade tece várias críticas a essa postura e chega a afirmar que a literatura regionalista não passaria do “beco”. Essa preocupação mostra que os escritores estavam interessados em alcançar dimensões universais e criticavam o que seria um retrocesso. A preocupação maior deveria consistir em colocar em cena caracteres tipicamente brasileiros, e foi o que fez Mário de Andrade no trabalho de composição de *Macunaima* (1928). Entretanto, a tendência que estava sendo anunciada (a regionalista) apontava justamente para a exposição do sofrimento, miséria e perseverança de uma população que habita a área geográfica mais brasileira de todas: a caatinga (tipo de bioma presente no semiárido nordestino com vegetação resistente à falta de chuva que não é encontrada em nenhum outro país, é um bioma exclusivamente brasileiro). O Manifesto Regionalista, por sua vez, lançado em Recife em 1926 pelo grupo de intelectuais e escritores encabeçado por Gilberto Freyre busca valorizar a região enquanto elemento atuante na organização nacional e a consequente manutenção de valores regionais. No entanto, a atualização e a busca por uma identidade brasileira passam justamente pela valorização de seus

caracteres regionais. Através do foco nestes aspectos se avançaria no processo de construção de uma produção com a cor nacional.

O grupo de escritores nordestinos representavam um passado rural em plena decadência ao passo que os modernistas de São Paulo desejavam o avanço econômico e desenvolvimento das atividades industriais para que a nação caminhasse em direção ao progresso e ao moderno. Nessa postura deste segundo grupo está embutida uma imitação do industrialismo dos países europeus. Logo, eram posturas contraditórias que ao mesmo tempo em que combatiam determinados esquemas culturais tentavam seguir modelos econômicos estrangeiros. O próprio deslocamento do eixo econômico do Nordeste para o Sudeste é um indício disso.

O Regionalismo, em seus diversos momentos históricos (desde José de Alencar e demais escritores românticos, passando por Franklin Távora, pré-modernismo, Romance de 30, Guimarães Rosa e a produção contemporânea) é uma das tendências mais importantes em termos de formação de uma literatura nacional, configurando-se como uma corrente temática responsável por mostrar o Brasil por meio de suas regiões. A partir do enfoque dado aos povos de determinados lugares, com a tematização de seus costumes e cultura, se chega a um retrato do país mais próximo da realidade; uma nação que elege vários tipos representativos formando um tecido heterogêneo da nacionalidade, e não a escolha de um personagem-síntese de uma nação que se pretende homogênea.

Existe um silenciamento da crítica literária em relação à produção considerada regionalista. Conforme Santini (2009, p. 256), esse silêncio da crítica ou recusa em avaliar as produções regionalistas nas últimas décadas agravam um processo de negação dessa tendência na literatura brasileira. Isso faz com que essa produção seja vista como marginal e presa ao passado decadente, de crises. Passado este, que serviu de base para os autores atingirem o auge da tendência regionalista (no superregionalismo), mas, de acordo com essa visão, se esgotou nisso, não proporcionando mais obras consideráveis, “de modo que qualquer persistência nesse sentido seria um caso de anacronismo ou falta de criatividade” (SANTINI, p. 78). Contrariando essa noção, existem autores contemporâneos que vêm se destacando com obras nessa tendência literária (mesmo que alguns não queiram se filiar a nenhuma classificação). Tal atitude se deve ao caráter redutor e ultrapassado (conforme o entendimento dos autores e parte da crítica) da denominação “obra regionalista”. Atualmente, esta tendência encontra um contexto

socioeconômico distinto das condições de produção dos ciclos anteriores. Por isso, novas questões surgem para provar que este tipo de literatura não se esgotou. Alguns estudiosos questionam até a continuação do uso do termo “Regionalismo”, como já anunciava Antonio Candido ao falar em “Superregionalismo”. Isso aponta para a necessidade de “encarmos a demanda da reinvenção conceitual, bem como de suas perspectivas metodológicas – estas capazes de atualização dos seus pressupostos para um mundo novo, mesmo que apenas, supostamente, internacional/global” (MACIEL, 2014, p. 20). A configuração atual das dinâmicas culturais requerem novas maneiras de se pensar a relação entre a cultura regional e nacional. Ainda há nesse jogo dialético diversos impasses, só que regidos por uma dinâmica cultural atual com implicações mais diferentes das observadas nos outros períodos anteriores.

Dessa forma, considerando o regionalismo como uma tendência estética, o fato de a autora ser considerada escritora paraibana não indica obrigatoriamente que sua obra será de cunho regionalista. Consideramos que o fator de maior ponderação para considerá-la regionalista é o estético e a temática plasmada no texto. Nesse sentido, o aspecto local de uma obra (quando nela estão plasmadas ambientes e territórios específicos, geralmente um ambiente rural ou com aspecto provinciano, no sentido de fortemente baseada em costumes e tradições rurais) constitui-se como fator indicativo de uma obra regionalista. No entanto, considerando esses aspectos como uma tendência dentre várias na literatura, para uma obra ser chamada de regionalista dependerá de outros fatores fundamentais, como a escolha das temáticas a serem tratadas, o objetivo da autora, o estilo de escrita e até mesmo o gosto pessoal. Ou seja, somente o local de onde a escritora produz não é suficiente para categorizar uma obra como regionalista. Assim, dentre as obras catalogadas nesta pesquisa aparecerão aquelas que podem ser chamadas de regionalistas e aquelas que não permitem tal afirmação. Logo, a afirmação da existência desta tendência contraria parte da crítica literária que defende que o regionalismo morreu após a publicação de *Grande Sertão: Veredas*, em 1956, e reforça o “fôlego de gato” do regionalismo (como já apontava Lígia Chiappini).

A catalogação integrante deste trabalho não levará em consideração a divisão por correntes ou períodos literários das manifestações literárias da Paraíba, até mesmo porque, como comenta Barbosa Filho no seu livro *A convivência crítica* (1985) e já apontado aqui em outro momento, a produção paraibana não é susceptível a uma divisão em estilos de época. Mas isso não impede que continue a margem das outras “literaturas

estaduais”, ou seja, “se há escritos de autoras contemporâneas que ainda não estão recebendo a devida atenção por parte das investigações acadêmicas, há a necessidade de colocá-las na pauta de discussão, verificando que lugar lhes cabe no contexto da História da Literatura” (SANTOS, 2014, p. 112). Consideramos, portanto, “escritora paraibana”, nesta pesquisa, aquela escritora que tem obra individual publicada na forma impressa e que reside no estado da Paraíba, tendo nascido neste estado ou tendo se radicado aqui, uma vez que seu espaço cultural de produção é o paraibano.

Assim, tomamos como principal critério o lugar de onde a escritora fala. Ratificamos o critério adotado pela coletânea de poesia paraibana mencionada acima. Logo, se uma escritora mora há em outro estado a consideramos pertencente à literatura daquele estado porque entendemos que seu contexto de produção atua diretamente na constituição e configuração da obra literária. A identidade cultural é influenciada pelos agentes culturais e sociais do meio geográfico onde vivemos, logo, o local onde se mora é fator fundamental (embora não exclusivo) na constituição da identidade de um sujeito e na sua formação cultural. Portanto, isso se refletirá também nas manifestações artísticas produzidas por esses sujeitos. Atualmente, há escritoras que nasceram na Paraíba, mas vivem no Rio de Janeiro, Recife e Manaus. Desta forma, seguindo o critério aqui adotado, elas serão classificadas como escritoras dos respectivos estados nos quais vivem. Assim, o adjetivo “paraibana”, problematizado no início deste tópico, ganha o sentido de residente na Paraíba, atuando na luta pela legitimação e reconhecimento da literatura neste estado.

3 CATÁLOGO DE ESCRITORAS PARAIBANAS

Este catálogo é resultado da pesquisa exploratória realizada durante a execução desta pesquisa. Constatam neste capítulo todas as autoras que apareceram nesta busca realizada em diversos lugares, como bibliotecas, academias, livrarias, sebos e internet. Portanto, na versão final deste catálogo o número de autoras será reduzido, respeitando os critérios aqui adotados quanto ao que denominamos “escritora paraibana”.

Os nomes seguem a ordem alfabética e estão organizados na seguinte ordem: nome da autora, foto, pequena biografia (contendo nome, data ou década de nascimento, formação acadêmica e/ou profissional, e outros dados que considerarmos relevantes: se participa de alguma associação de escritores, se é casada) e obras publicadas. No entanto, ressaltamos que não foram encontrados dados de algumas dessas escritoras, assim, trabalhamos com os dados que foram conseguidos neste período de exploração. Logo, se em vez de constar a data de nascimento houver a década de nascimento será em razão do desconhecimento desta data específica. Algo semelhante acontece com os títulos das obras, pois, em alguns casos, torna-se difícil a identificação da editora e/ou do local de publicação, principalmente em se tratando das obras mais antigas.

1. ADYLLA ROCHA RABELLO



Adylla Rocha Rabello nasceu em João Pessoa na década de 30, no dia 05 de dezembro. Casou-se, nos anos 50 e teve cinco filhos. É graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, onde concluiu, também, os cursos de Especialização em Língua e Literatura Francesa e Mestrado em Literatura Brasileira; possui, ainda, o Curso completo de Francês pela Aliança Francesa e pela Universidade de Nancy. É professora da rede estadual de ensino e da UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

(Fonte: http://www.aplpb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=263%3A02-adylla-rocha-rabello)

Obras publicadas:

- O verbo amar em três tempos (Coleção Literatura Paraibana Hoje, 2000).



- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos).



2. ADAMANTINA NEVES

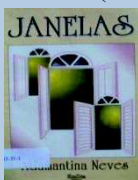
Adamantina Neves nasceu em João Pessoa no dia 26 de setembro de 1905. Desde os 06 anos de idade declama. Estudou na escola Normal Oficial do estado, onde recebeu o diploma de professora. Foi professora de várias gerações: da escola Santa Rosário ao Grupo escolar Epitácio Pessoa no Jardim de Infância. Faleceu em 05 de janeiro de 2000. (Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



- Janelas (João Pessoa: Em Dia, 1993).



- Portas abertas.
- Folhas de portas.

3. ÁGUIDA MARIA ARRUDA COSTA

4. AÍLA DIOGO

Obras publicadas:

- Viagem ao redor de mim (João Pessoa: A União, 1981).

5. ALBA MACIEIRA PIRES FERREIRA

Obras publicadas:

- Um grande homem (João Pessoa: Centro Social Padre Dehon, 1956).

6. ALDINA DE ALMEIDA

Obras publicadas:

- Nenúfares (João Pessoa: Editora Teone, 1955).

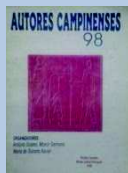
7. ALINE LISIEUX

Aline LisieuxFrasão Dutra nasceu em Campina Grande, aos sete de abril de 1978. Com 20 anos de idade entra no curso de Direito na UEPB. Ainda no 2º grau conquistou significativos prêmios de redação: em 1995 o terceiro lugar a nível regional em um concurso realizado pela rede de colégios Geo Studio, e em 1996 conquistou o primeiro lugar num concurso realizado pelo Banco de Brasil a nível estadual.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998):



8. ALICE DE TOLEDO

Alice de Toledo nasceu em João Pessoa. Foi professora estadual, funcionária pública federal, atualmente é aposentada. Possui curso superior de francês, pela Universidade de Nancy (França). Poetisa, contista, cronista. Alguns trabalhos publicados em jornais e coletâneas. Membro efetivo da Academia Paraibana de Poesia. Membro da diretoria da Associação da aliança Francesa da capital paraibana.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos-98 - Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



9. ALICE PINTO DE MELO

10. ALINE PEREIRA



Aline Pereira nasceu em 14 de maio de 1997 no Sítio Alvinho, distrito da cidade de Lagoa Seca (PB). Filha de agricultores, desde os nove anos escreve histórias infantis ainda não publicadas.

(Fonte: Era uma vez diferente - Campina Grande: EDUEPB, 2011)

Obras publicadas:

- Era uma vez diferente (Campina Grande: EDUEPB, 2011).



11. ALLANA DILENE

Obras publicadas:

- Millenna: conflitos, paixões, vida... (João Pessoa: Unimed Gráfica, 2000).

12. ALMIRA ARAÚJO CRUZ SOARES

13. AMBROSINA MAGALHÃES

Ambrosina Magalhães nasceu em 1860. A atuação de Ambrosina M. Carneiro da Cunha na poesia paraibana do século XIX está registrada a partir do poema “Nas Margens do Capibaribe”, publicado no jornal liberal Paraybano em dezembro de 1880. Com vinte anos de idade, Ambrosina já demonstra uma simpatia em defesa do feminismo, não só por assumir sua vocação poética, como por de ser uma das poucas mulheres a entrar, em 1881, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Apesar de uma intelectualidade e participação dinâmica na imprensa, Ambrosina nunca publicou livro.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

14. AMÉLIA THEORGA AYRES

15. AMIRA ROSE COSTA MEDEIROS



Amira Rose Costa Medeiros nasceu em 27 de abril de 1975, em João Pessoa. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba aos 22 anos. Seu primeiro romance, “Memórias de um menino da vila”, foi escrito em fevereiro a maio de 2001.

(Fonte: Memórias de um menino da vila - João Pessoa: Utopia, 2005)

Obras publicadas:

- Um pouco de mim;
- Memórias de um menino da vila (João Pessoa:

Utopia, 2005).



16. AMNERES SANTIAGO



Amneres Santiago nasceu em João Pessoa, mas vive em Brasília há mais de 18 anos, onde trabalha como jornalista e escritora.

(Fonte: Rubi - Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997)

Obras publicadas:

- Pedro Pensero (contos, 1980);
- Poetas Brasileiros de Hoje (Rio de Janeiro: Shogum Arte Editora, 1986);
- Emquatro (poesia, 1985);
- Humaníssima Trindade (poesia, 1992);



- Rubi (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997);



- Razão do poema (Rio de Janeiro: Takano Gráfica e Editora, 1997);



- Entre Elas (Brasília: Editora Projecto Editorial, 2004);
- Eva (Brasília: Editora Thesaurus, 2007).

17. ANA HÍGINA

Obras publicadas:

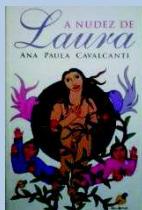
- Sóis de infância [1977].

18. ANA PAULA CAVALCANTI



Obras publicadas:

- A nudez de Laura (São Paulo: Editora Delicatta, 2013, romance).



19. ANA SALES

Obras publicadas:

- Relicário de emoções (Cajazeiras: Tipografia Rio do Peixe, 1957).

20. ANALICE CALDAS

21. ANAYDE BEIRIZ



Anayde Beiriz nasceu no dia 18 de fevereiro de 1905, em João Pessoa. Estudou na escola Normal Oficial do Estado, onde recebeu seu diploma de professora em 1922. Aos 20 anos, ganha o concurso de beleza, promovido pelo Correio da Manhã, como a mais bela paraibana em 1925. Em 1927, habilitou-se em datilografia, na Escola Rimington, na primeira turma mista da conceituada Escola. Teve várias poesias publicadas na Revista ERA NOVA. Foi enterrada como mendiga no Cemitério Santo Amaro. Faleceu no dia 22 de outubro de 1930. Seu resgate se deu

50 anos depois pelo historiador José Joffily.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

22. ANDRÉIA FERNANDES MARTINS NUNES

23. ANDRÉA PEREIRA BARROS

Obras publicadas:

- Janelas. (João Pessoa: A União, 1978).

24. ÂNGELA (MARIA) BEZERRA DE CASTRO



Obras publicadas:

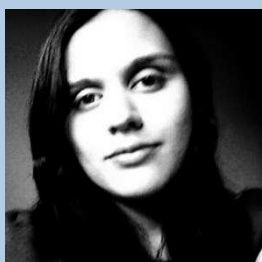
- Um ponto no infinito contínuo (1999).

25. ÂNGELA PEREIRA

26. ÂNGELA UCHOA CAVALCANTI

27. ANILDA LEÃO CAVALCANTI LINS

28. ANNA AMÉLIA APOLINÁRIO



Anna Amélia Apolinário nasceu em João Pessoa no dia 28 de julho de 1986. É graduada em Pedagogia pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba), campus de João Pessoa. Escreve desde os 17 anos; foi premiada com o 4º lugar no VI Festival de Poesia Encenada do Sesc Paraíba.

(Fonte: Solfejo de Eros - Rio de Janeiro: Edições da Câmara Brasileira de Jovens, 2010)

Obras publicadas:

- Solfejo de Eros (Rio de Janeiro: Edições da Câmara Brasileira de Jovens, 2010).



- Mistrais (2013).

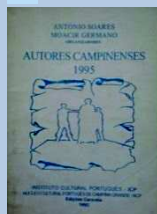
29. ANTÔNIA ALVEZ PEREIRA

Antônia Alvez Pereira nasceu em Itaporanga (PB) no dia 10 de junho. Reside em Campina Grande, possui o curso de Pedagogia e é orientadora educacional. Atualmente, exerce a profissão na Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-95 - Campina Grande: Edições Caravela, 1995)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995).



30. ANTÔNIA ODÍLIA DE FRANÇA

Antônia Odília de França nasceu em Lucena (PB) no dia 26 de março de 1902. Morreu no dia 15 de dezembro de 2003.

31. ANTÔNIA LENIRA DE SOUZA GUERRA

32. APARECIDA DE SANTANA

33. APOLÔNIA AMORIM

Apolônia Amorim nasceu em Barra de Santana, Cabaceiras (PB), no dia 09 de fevereiro de 1904. Professora, participou do movimento da Aliança Liberal e na Intentona de 35. Contribuiu com vários artigos de cunho político e social nos Jornais “A UNIÃO” e “A IMPRENSA”, na Página Feminina. Faleceu no Rio de Janeiro em 1949.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

34. ARTHEMISA BLANCO

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



35. AURI MESQUITA DE ANDRADE

Obras publicadas:

- Águas e sol (1986);
- O Patinho Azul.

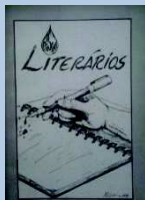
36. AUREALUZ MACIEL LIMA

Aurealuz Maciel Lima nasceu em Juazeirinho (PB), na época da 2ª Guerra Mundial. Fez as primeiras letras com a Sra. Noêmia Coutinho, indo aos 8 anos de idade cursar o

primário em Recife (PE). A família veio morar em Campina Grande (PB). cursou Odontologia na Universidade Federal da Paraíba. Colaborou em diversos jornais e revistas. (Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



37. BARBARA SAID

38. BEATRIZ PERAZZO

39. BELLA SANTIAGO



Bella Santiago nasceu em João Pessoa (PB) no dia 07 de dezembro de 1953. Escritora, artista plástica, domina alguns idiomas. Graduiu-se em Letras em 1978 na UFPB, e conclui mestrado em Teoria Literária em 1983 pela UNB (Universidade de Brasília).

(Fonte: http://rebra.org/escritora/escritora_ptbr.php?id=1388)

Obras publicadas:

- Paisagens do Coração (João Pessoa: Editora do autor, 1992);



- Poemas do Desmedido Amor (João Pessoa: Ideia, 1993);



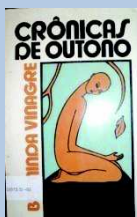
- Histórias da arca da velha (João Pessoa: Ideia, 1998, romance);



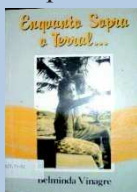
40. BELMINDA STELA DE FARIA VINAGRE

Obras publicadas:

- Crônicas do Entardecer;
- Crônicas de Outono (João Pessoa: A União, 1975):



- Enquanto sopra o terral (João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1987);



41. BENILDE MOURA

42. BERNADETE BESERRA

43. CARMEM COELHO (DE MIRANDA FREIRE)

Obras publicadas:

- A Mansão da Praça Bela Vista (João Pessoa: A União, 1973, romance histórico);



- Cifrado 110 (João Pessoa: A União, 1979, teatro).

44. CAROLINA MELLO CAVALCANTI

Carolina Mello Cavalcanti nasceu em 15/05/1914 em Campina Grande (PB). Em 1927 foi, com a irmã Martinha, estudar em Timbaúba, no Colégio das Damas, como interna, onde concluiu o curso secundário. Ao retornar foi lecionar no Colégio das Damas, em

Campina Grande. Casou-se em 1939 e teve um único filho. Ficou viúva em 1983, fixando residência na cidade onde nasceu.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marcone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



45. CASSANDRA FIGUEIREDO



Obras publicadas:

- Mar a dois (em parceria com Ricardo Lucena; Editora Wellington Books, 2005).

46. CATARINA DE MOURA

Catarina de Moura Amsteim nasceu no dia 20 de dezembro de 1882 em João Pessoa (PB). Fez seus estudos primários e secundários na Escola Normal Oficial, onde recebeu o diploma de professora normalista, em 1902. Feito o curso de preparatórios no Liceu Paraibano, matriculou-se em 1908, na Faculdade de Direito do Recife, de onde saiu formada e laureada, em 1912, obtendo também o prêmio de viagem à Europa. Em 1913, no Governo Castro Pinto, fez conferências públicas, no Teatro Santa Rosa, sobre “Direitos da Mulher” e escreveu, no jornal “A UNIÃO”, crônica assinada como pseudônimo de Paraguaçu.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

47. CÉLIA CARVALHO

48. CÉLIA JEAN DINIZ SOUTO MAIOR

Obras publicadas:

- 49. Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



50. CHICA DA ROCINHA**51. CLÉLIA LOPES DE MENDONÇA**

Obras publicadas:

- Devaneios (João Pessoa: Tipografia Andrade, 1952);
- Caminho de sonhos (João Pessoa: Editora Teone, 1956).

52. CLÉLIA SILVEIRA

Obras publicadas:

- Taça desprezada (João Pessoa: Editora Teone, 1956).

53. CELESTE CASTOR DE ANDRADE**54. CLÁUDIA JUSTA GONDIM**

Obras publicadas:

- De Paixão e Desencontro (João Pessoa: J. Gondim Comunicações Ltda., 1989, crônicas).



- Cronos – memória e paixão (São Paulo: MassaoOhno Editor, 1993).

**55. CLARRISSA YEMISI****56. CLOTILDE SANTA CRUZ**

Obras publicadas:

- Coração Parahybano (João Pessoa: Edições Linha d'Água, 2008):

57. CRISTINA DANTAS

Obras publicadas:

- Crônica dos 50 anos (Grafset, 2007)

58. CRISTINA GUEDES

Maria Cristina Guedes é jornalista e escreve ensaios, poemas e crônicas. Recebeu, em Portugal, na categoria de Ensaio, o Prêmio Internacional de Mulheres Escritoras.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas)

Obras publicadas:

- Quando riem as maçãs (João Pessoa: O Sebo Cultural / Imprell, 2005).



- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos).



59. CRISTINA PIMENTEL

Obras publicadas:

- Dois poetas (Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950);
- Abrindo o livro do passado (João Pessoa: Editora Teone, 1956).

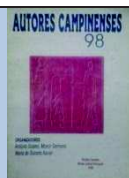
60. CRISTINA SIMONE RAMOS BARBOSA

Cristina Simone Ramos Barbosa nasceu no dia 28 de fevereiro de 1968. É graduada em Letras e com especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa. No momento é professora de literatura e língua portuguesa. Escreve desde os 15 anos.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-98 - Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



61. CYBELLE CABRAL

Obras publicadas:

- A resistente fê superou a incoerência (Campina Grande: Grafset).



62. CYELLE CARMEM



da Pesquisa da Fameme-PB.

(Fonte: (Uni)verso - João Pessoa: Ideia, 2012, poesia e conto)

Cyelle Carmem nasceu em João Pessoa no dia 18 de junho de 1978. Formou-se em Letras na UFPB e seguiu pelo Mestrado em Literatura e cultura da mesma universidade, concluindo-o em 2006. Participou da Parede Poética e foi finalista do IX Festival Poesia Encenada, ambos do Sesc-PB, em 2012. Publica periodicamente no Jornal Contraponto e é membro-fundadora do Núcleo Literário Caixa Baixa da Paraíba. Atualmente é editora acadêmica da Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança e professora de Metodologia

Obras publicadas:

- Luzes de Labirinto (Rio de Janeiro: Editora CBJE, 2010);
- (Uni)verso (João Pessoa: Ideia, 2012, poesia e conto).



63. DALVANIRA LOPES

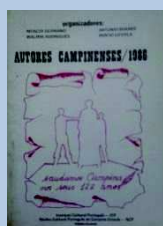
64. DÉA BORBA CRUZ**65. DEBORAH ROSE GALVÃO DANTAS****66. DIANA MARTINS****67. DILMA DANTAS**

Dilma Dantas nasceu em Campina Grande no dia 8 de maio de 1954. É comunicóloga, escritora, professora. Trabalhou como repórter do Correio da Paraíba, foi professora de história no Curso Campinense, Assessora da Câmara Municipal de João Pessoa e atualmente exerce o cargo de Assessora de Imprensa do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (IPEP).

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-1986 - Campina Grande: Edições Caravela)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-1986 (Campina Grande: Edições Caravela).

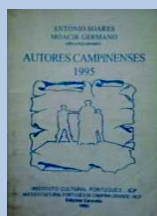
**68. DILMA STAEL ALEXANDRE MARIZ**

Dilma Stael Alexandre Mariz nasceu em Campina grande (PB) no dia 19 de janeiro de 1962. Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, vem dispersando colaboração por jornais como Diário da Borborema, A União, Correio da Paraíba. Trabalhos seus foram incluídos nas revistas Contigo e Carinho, de circulação nacional.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-1997 - Campina Grande: Edições Caravela, 1997)

Obras publicadas:

- Saudades Infundas (1994);
- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995);



- Coletânea Autores Campinenses-97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997);



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



69. DINAH COLARES

70. DIONE BARRETO

Obras publicadas:

- Desiguais (1995).

71. DIRACI DE ARAÚJO VIEIRA

72. DORA LIMEIRA



Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos nasceu em João Pessoa (PB). Historiadora aposentada pela Universidade Federal da Paraíba, enquanto professora atuou em movimentos docentes, presidindo a Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) e participando do movimento de criação da Associação dos Docentes da UFPB (ADUFPB). Em 2003 foi eleita Revelação Literária pelos leitores do suplemento cultural Correio das Artes.

(Fonte: <http://www.wscom.com.br/diversao/noticia/cursos-e-eventos/+CONTISTA+PARAIBANA+RECEBE+COMENDA-85468>

)

Obras publicadas:

- Arquitetura de um abandono (João Pessoa: Manufatura, 2003);



- O beijo de Deus (João Pessoa: Manufatura, 2006);



- Os gemidos da rua (João Pessoa: Manufatura, 2006);



- Precos e orgasmos dos desvalidos (João Pessoa: Manufatura, 2005);



- Cancioneiro dos Loucos (João Pessoa: Ideia, 2013);



73. DORA MARIA BATISTA

Obras publicadas:

- Confissões de uma quarentona (Rio de Janeiro: Gráfica Hélios, 1961);
- O Aterro (Rio de Janeiro: Pongetti, 1962).



- Um homem e sua carga (Rio de Janeiro: Pongetti, 1964, romance).

74. DORZIAT QUIRINO

75. DULCINÉIA DIAS FERNANDES

Obras publicadas:

- Marcas de uma vida (João Pessoa: Sal da Terra editora, 2006):

76. EDNA FREIRE DE FRANÇA

Obras publicadas:

- Cabeceira de mesa (João Pessoa: Imprell, 1997):



77. EDNA TELMA LEITE CATÃO

78. ELAINE DE SOUZA CASTRO

Elaine de Souza Castro nasceu em Alagoa Grande. Odontóloga e poetisa. Paralelamente, também faz música e espera divulgá-las.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999 - Campina Grande: Edições Caravela, 1999)

Obras publicadas:

- Gabinete paraibano de Poesias (antologia);
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



79. ELEUZINE CARVALHO

80. ELIANE MAYER RAMALHO



Eliane Mayer Ramalho nasceu em Campina Grande (PB) no dia 22 de março de 1935. Formada em Pedagogia (orientadora educacional) pela antiga URNE. É viúva e tem cinco filhos. Sócia fundadora da Associação Cristã Feminina de Campina Grande. Há 14 anos ocupa cargos de destaque nesta entidade: diretora, tesoureira, chefe da Comissão de finanças e Educação Acefista.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991)

Obras publicadas:

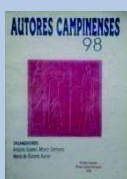
- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991);



- Coletânea Autores Campinenses-97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997);



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Versos de mãe.

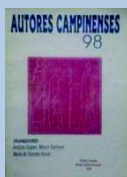
81. ELIANE SIMÕES NILO

Eliane Simões Nilo nasceu no interior da Paraíba, num recanto pouco conhecido de nome Ribeira. Licenciada em Letras/UEPB, professora concursada do Estado, tendo publicado vários trabalhos no Diário da Borborema e participado com crônicas nas rádios Sociedade e Borborema.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-98 -Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



82. ELISA DINIZ SOARES

Elisa Diniz Soares nasceu em Campina Grande (PB). Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; é professora da rede privada de ensino médio em Campina Grande. Membro fundadora da Associação Campinense de Poetas e Escritores, da qual foi presidente eleita por um biênio (1993-1995). Ganhadora de diversas medalhas em concursos literários.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-97 -Campina Grande: Edições Caravela, 1997)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



83. ELIZABETH (FIGUEIREDO AGRA) MARINHEIRO



Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro nasceu em Campina Grande (PB) em 1937. É escritora, crítica literária e professora. Pertence à Academia Paraibana de Letras, sendo a primeira mulher a ingressar em tal academia.

Obras publicadas:

- Chegadas e andanças (Campina Grande: [s. n.], [sem

data]:



- O vaivém dos discursos ou De nobres e plebeus (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999).

84. ELIZETE CASSIANO

Obras publicadas:

- Ninho de sonhos (João Pessoa: Ideia, 1996).

85. EMÍLIA GUERRA

Emília Guerra nasceu em Esperança (PB). É pedagoga, professora do Colégio Sesquicentenário e da Escola Aruanda. Nesse último colégio desenvolve o trabalho “Poesia na sala de aula”.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas)

Obras publicadas:

- Face refletida (João Pessoa: Ideia, 2003);
- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos).



- Tempo (João Pessoa: Manufatura, 2008)

86. ÉRIKA FOCKE



Obras publicadas:

- Operação Candelabra (João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000).



87. EUDÉSIA VIEIRA

Obras publicadas:

- Cirrus e nimbus (Parahyba: Imprensa Oficial, 1924);
- Cerne contorcido ([s. l.], [s. n.], 1952).
- Poema de sentenciado (João Pessoa: [s. n.], [19--]);
- Mistério de Fátima: poemas religiosos (João Pessoa: A Imprensa, 1952).

88. EUGÊNIA MENEZES

89. EUNICE BOREAL

90. EUNICE RODRIGUES MOREIRA

Obras publicadas:

- Poemas, só poemas;



- A casa da minha infância (Patos, 2002);



- Uma rosa dentro dos espinhos – contos e poesias (Patos, 2003);



- Nunca Mais (Patos, 2005).



91. EZILDA MILANEZ BARRETO

Ezilda Milanez Barreto nasceu em Guarabira (PB), mas viveu toda a vida em Areia (PB). Morreu na década de 1980.

Obras publicadas:

- E a luz brilhará nas trevas. (Areia: Livraria Santo Antônio, sem data, romance);
- O meu mundo é assim. (São Paulo: Soma, 1985, romance);
- Nos arcanos do Império. (São Paulo: Ibrex, 1981, romance).

92. FÁTIMA ANDRADE

Obras publicadas:

- Retalhos de uma vida (Editora Persona, 1999).

93. FÁTIMA ARAÚJO

Maria de Fátima Silva Araújo nasceu em Patos (PB); é formada em Letras e em Comunicação Social pela UFPB, com especialização em Comunicação Educacional pela FURNe. Desde os dez anos de idade reside na capital paraibana, onde casou-se e teve quatro filhos.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998 - Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Buscando as flores (João Pessoa: Grafpan, 1975, poesia);
- Folhas do tempo (João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, sem data, contos e crônicas).



- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



94. FÁTIMA BARROS

Obras publicadas:

- Discurso das águas (João Pessoa: Manufatura, 2006).

95. FÁTIMA BEZERRA

96. FÁTIMA DE ALMEIDA

97. FÁTIMA CORDEIRO

98. FERNANDA TRINDADE DE ALMEIDA CABALLERO

Fernanda Trindade de Almeida Caballero nasceu em Campina Grande, em 1963, onde se formou em Enfermagem e Obstetrícia. Durante os estudos universitários, em 1983, teve uma filha. Em 1987 viajou para Araraquara para fazer um curso de especialização em Enfermagem-médico cirúrgico, e em 1995 fez uma especialização em Saúde Pública, ambos junto à Universidade Federal de São Carlos. Atualmente, é professora da área de saúde no SENAC e enfermeira no Posto de Assistência Médica de São Carlos, onde reside com o marido e duas filhas.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses 97 - Campina Grande: Edições Caravela, 1997)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



99. FIDÉLIA CASSANDRA PEREIRA DE ARAÚJO



Fidélia Cassandra Pereira de Araújo nasceu em Campina Grande, e trabalha como coordenadora de cultura do Museu Assis Chateaubriand – UEPB.

(Fonte: Amora - Campina Grande: Latus, 2010)

Obras publicadas:

- Amora (Campina Grande: Latus, 2010);



- Plumagem (Campina Grande: EDUFPG, 2008);
- Melikraton (Campina Grande: Latus, 2013).



100. FLORENTINA MAIA

101. FRANCISCA EMÍLIA DA FONSECA

102. FRANCISCA RODRIGUES MOURA

Francisca Rodrigues Moura nasceu em João Pessoa (PB) no dia 02 de agosto de 1860. Fez seus estudos primários nas escolas públicas desta capital e nos cursos particulares Veloso e Francisco Gonçalves de Medeiros. Os estudos secundários lhe foram ministrados, particularmente, pelo professor Joaquim Antônio Marques, educador do Liceu Paraibano, visto como naquele tempo, neste estabelecimento, só eram admitidos alunos do sexo masculino. Só mais tarde, quando já era viúva, é que se abriu a escola Normal Oficial do estado, onde recebeu o diploma de professora, no ano de 1890. Em 1894, foi nomeada

professora efetiva da Escola Normal. Durante mais de meio século exerceu o magistério particular. Faleceu no dia 02 de fevereiro de 1942.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

103. FRANCISCA VÂNIA ROCHA NÓBREGA



Francisca Vânia Rocha Nóbrega nasceu em João Pessoa (PB) no dia 1º de agosto de 1962. É formada em Letras, pela UFPB, com duas Especializações. Uma em Linguística e outra em Proeja, também pela UFPB. Tem artigos publicados nas coletâneas "Elos de Saberes", e na coletânea "A Importância do Ato de ver", bem como artigos nas coletâneas "Outros Olhares da Literatura Paraibana", editados pelo O Sebo Cultural, Volumes I e II. Professora da rede Pública e Particular da grande João Pessoa há mais de vinte anos, bem como de vários cursinhos preparatórios para o PSS, atuando tanto em Língua materna, como em Literatura Brasileira e em

Redação.

(Fonte: <http://www.osebocultural.com/galeria/50,,francisca-vania-rocha-nobrega/galeria.html>)

Obras publicadas:

- Tecendo poemas nos ecos do Eu (João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2012).



104. GERMANA VIDAL

105. GÊLDA MOURA

Gêlda Moura nasceu em Boqueirão (PB) no dia 09 de outubro de 1985. Filha de agricultores, é professora do Ensino Fundamental do município, participou do I Concurso Literário “Boqueirão, minha cidade”, realizado em abril de 2009, sendo primeira colocada na categoria Cordel. Faz parte do Conselho de Ética da ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores) e em 2009 recebeu o título de Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri (IHGC). Além de poetisa, também é artista plástica. Atualmente, desenvolve o Projeto “Contadores de Histórias” da ABES. Mantém o blog de poesias: geldamoura.blogspot.com.

(Fonte: Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética - João Pessoa: A União, 2010)

Obras publicadas:

- Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética (João Pessoa: A União, 2010).



106. GELZA ROCHA



Maria Gelza Alves da Rocha nasceu em Bananeiras (PB), vivendo a infância em Araruna (PB). Na década de 1950, juntamente com os pais e os outros onze irmãos, fixou residência em João Pessoa. Formada em Geografia pela UFPB e mestre em Geografia Física pela USP, publicou diversos trabalhos técnico-científicos. Hoje é professora aposentada da UFPB.

(Fonte: Resistir...Reexistir - João Pessoa: Sal da Terra, 2006)

Obras publicadas:

- Retratos (2002, romance);
- Fiquemos com as flores;
- Resistir...Reexistir (João Pessoa: Sal da Terra, 2006, romance):



107. GISELDA DOS SANTOS MOURA

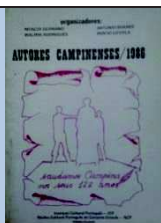
108. GORETTI PATRÍCIO

Maria Goretti Patrício nasceu e vive em Campina Grande (PB). É graduada em Letras pela Fundação Universidade Regional do Nordeste.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-1986 - Campina Grande: Edições Caravela)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-1986 (Campina Grande: Edições Caravela).



109. GLADYS HELEN DORE

Gladys Helen Dore nasceu em João Pessoa (PB). Terminou o curso de Letras – Inglês (Língua e Literatura) na UFPB em janeiro de 1986. Logo em seguida cursou pós-graduação lato sensu em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana. Entre março de 1988 a 18 de maio de 1982 concluiu o curso de Mestrado em Letras também na UFPB, defendendo sua dissertação em Literatura Americana: “MagicalHuesandShapes” Fable andHistory in Washington Irving’s “Rip Van Winkle”, sendo aprovada com distinção.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Meditation: Poems (1995);
- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



110. GLÓRIA AZEVEDO

111. GLORIA JANE LESSA FEITOSA

Obras publicadas:

- Soluções do primeiro conto (João Pessoa: A União, 1975).

112. GLORINHA GADELHA (MARIA DA GLÓRIA PORDEUS GADELHA)

Obras publicadas:

- O bailado das sardinhas (João Pessoa: Interplan, 1974).



113. GRAÇA BANDEIRA**114. GRACINHA TELLES****115. GRAZIELA EMERENCIANO PESSOA**

Graziela Emerenciano Pessoa nasceu em Campina Grande (PB). Jornalista profissional dos Diários Associados. Cronista Social do Diário da Borborema, com grande receptividade no estado da Paraíba. De 1969 a 1970 apresentou um programa na Rádio Borborema. Escreveu no Diário de Pernambuco em 1974 e 1975 e também apresentou neste mesmo período o programa “Encontro com a Paraíba” na TV Tupy no Recife, aos domingos, assistido em cinco estados.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marcone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).

**116. GRAZIELLA PEREIRA**

Obras publicadas:

- Tear.

**117. GUIOMAR TRAVASSOS CHIANCA**

Guiomar Travassos Chianca nasceu em Areia (PB). Viúva e mãe de sete filhos, sendo um deles falecido. Atualmente reside em Brasília.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Ressureição (João Pessoa: [s. n.], 1964);
- Música de Estrelas (João Pessoa: A União, 1980).
- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).

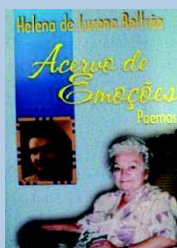


118. HELENA CAVALCANTI CIRAULO

119. HELENA DE LUCENA BELTRÃO

Obras publicadas:

- Acervo de emoções (2006):



120. HELENA PESSOA

Obras publicadas:

- Mundo dos sentidos (2000).

121. HELENA RAPOSO CARNEIRO DA CUNHA

Obras publicadas:

- Flor humana (João Pessoa: [s. n.], 1973).

122. HELOISA BEZERRA

123. HÉLVIA CALLOU

Obras publicadas:

- Sonhos, sombras e realidade (1987);
- Cenas de ensaio;
- Saco.

124. HENRIQUETA BELMINDA

Obras publicadas:

- A esposa do colecionador (João Pessoa: Gráfica JB, 2011).



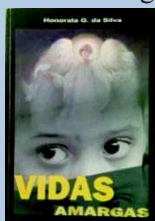
125. HONORATA G. DA SILVA

Honorata G. da Silva nasceu na fazenda Brejo Velho (PE) no dia 23 de dezembro de 1937. Foi agricultora, fazendeira, costureira, professora rural, comerciante, motorista particular.

(Fonte: Vidas amargas - João Pessoa: A União, 2008)

Obras publicadas:

- Vidas amargas (João Pessoa: A União, 2008).



126. IARA RODRIGUES



Iara Rodrigues nasceu em Petrolina (PE). Vive em Campina Grande (PB) desde seus primeiros anos de idade. Formada em comunicação social (jornalismo); desenvolve um projeto de consultoria chamado Realiza Sonhos; a mais de 10 anos trabalha como treinadora pessoal; presta serviço de palestras e oficinas.

(Fonte: O brilho da luz do bem e da beleza eterna – Jesus Cristo)

Obras publicadas:

- Flor de taxo (Editora Agenda, 2002).



- O brilho da luz do bem e da beleza eterna – Jesus Cristo (Campina Grande: Maxgraf, 2008):



127. ICLÉA VASCONCELOS DE FRANCA

Obras publicadas:

- Folhas ao vento (1983).

128. IÊDA MUNIZ NÓBREGA

Obras publicadas:

- O sonho realizado (João Pessoa: Fotograf, 2008).

129. ILMA SANTORO

130. ILZE FONSECA ALEXANDRE

131. IGNEZ MARIZ

Obras publicadas:

- A barragem (Rio de Janeiro: José Olympio, 1937, romance).



132. INEZ SILVA

Obras publicadas:

- Marcas do tempo.



133. INOVETE BORGES VIRGOLINO

134. IONE GOMES BARRETO

135. IRACEMA MARINHEIRO

Iracema Marinheiro nasceu em Santa Rita no dia 22 de outubro de 1911. Radicada por muitos anos em Campina Grande, passa a viver no Rio de Janeiro. Contribuiu com a imprensa paraibana escrevendo vários artigos e poesias no Almanaque da Paraíba, Revista Era Nova e Ilustração. Publicou um livro de poesia, *Meu Evangelho*, o qual recolhe sonetos ao gosto romântico, escritos na juventude e poemas de seus dias atuais de missionária espírita. Ao que tudo indica não mais retornou à Paraíba, pois sua produção cessou em 1933.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

Obras publicadas:

- *Meu Evangelho*.

136. IRENALDA CELANI

Obras publicadas:

- *Minh'alma em Versos*.

**137. IRENE DIAS CAVALCANTI**

Irene Dias Cavalcanti nasceu em São José de Mipibú (RN). Ainda criança vem morar em Campina Grande (PB) e depois radica-se em João Pessoa (PB). Bacharel em Direito; advogada aposentada. Exerceu o jornalismo; membro da Associação Paraibana de Imprensa.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- *Eu mulher, mulher*. (João Pessoa: Artset, 1972);



- *Literótica* (João Pessoa: Interplan, 1974);

- A menina do Velho Senhor (1997)- romance;



- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- O amor do Reverendo (João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009);



- O Médico e a Noviça (Editora da UFPB, 2011).

138. IRENE SAMPAIO

Irene Sampaio nasceu e vive em Jenipapo, Campina Grande (PB). Formada em Letras, ensina e escreve. Também produz crítica literária.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-98)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-1986 (Campina Grande: Edições Caravela).



- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



139. IRENE SILVA DE MEDEIROS

140. ISA FERREIRA DOS SANTOS

141. ISABEL IRACEMA FEIJÓ DA SILVEIRA

Isabel Iracema Feijó da Silveira nasceu em João Pessoa no dia 25 de dezembro de 1893. Fez seus estudos primários na Escola pública da professora dona Maria Amélia Cavalcante de Avelar e os secundários na escola Normal do Estado, onde recebeu o diploma de professora, no dia 26 de março de 1908. Foi colaboradora em vários jornais como: A União e A Imprensa na Página Feminina, nas revistas Era Nova, Manaíra e Almanaque, desta capital, do Rio de Janeiro e dos Estados vizinhos, que estampam suas poesias. Iracema foi a primeira mulher a ter o título de eleitor em 1929 e a votar no Estado da Paraíba em 1930.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

142. IVANA BRITO VILARIM

143. IVANILDE BARACHO DE ALENCAR

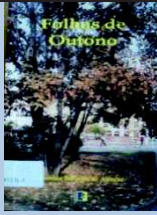


Obras publicadas:

- Retalhos D'Alma (1997)
- Pelos Caminhos da Vida (1997);
- Canto ao Amor e à Paz (1998);
- Na Janela dos Sonhos (Campinas: Editora Komedi, 1999);



- Folhas de Outono (Campinas: Editora Komedi, 2000);



- Sonhos de Primavera (Campinas: Editora Komedi, 2001);



- Romanceiro de Tristão e Isolda (Campinas: Editora Komedi, 2002);



- Romanceiro de Heloísa e Abelardo (Campinas: Editora Komedi, 2003);



- Romanceiro de Napoleão e Josefina (Campinas: Editora Komedi, 2003);



- Romanceiro de Simón Bolívar e Manuela (Campinas: Editora Komedi, 2004);



- Romanceiro de Páris e Helena (Campinas: Editora Komedi, 2005).



144. IVONE PESSOA NOGUEIRA**145. JACI DO REGO BARROS****146. JADE DANTAS**

Jade Dantas, nome adotado desde criança por Jadiceli Maria Dantas Gomes, nasceu na Paraíba, mas mora em Recife (PB). Arquiteta, com pós-graduação em Web Design. É inédita no campo da literatura, atuando através da internet onde possui dois blogs (arabesquedeseenhos.blogspot.com; jadiceli.blog.uol.com.br) voltados à poesia e textos poéticos.

(Fonte: Pimenta Rosa: contos e poemas - Recife: Bagaço, 2006, coletânea)

Obras publicadas:

- Pimenta Rosa: contos e poemas (Recife: Bagaço, 2006, coletânea).

**147. JANDIRA CARVALHO****148. JANAINA AZEVEDO**

Janaina Azevedo nasceu em Areia (PB) em 1973. Fez o primário e o secundário no Colégio Santa Rita, educandário dirigido por freiras alemãs. Lá concluiu o Pedagógico e, em seguida, ingressou no Curso de Letras na UFPB e no de Direito, na UEPB, concluindo somente o primeiro. Atualmente faz mestrado em Letras pela UEPB, campus de Guarabira (PB).

(Fonte: Orquídea de Cicuta - João Pessoa: Manufatura, 2002)

Obras publicadas:

- Marias (João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1999);



- Orquídea de Cicuta (João Pessoa: Manufatura, 2002);



- Canção para dois amores (João Pessoa: Dinâmica, 2005).



149. JANE LUIZ GOMES



Jane Luiz Gomes nasceu em Boqueirão no dia 01 de julho de 1974. Pedagoga formada pela UFCG. Atualmente é Coordenadora de Inclusão do município de Boqueirão (Associação Boqueirãoense de Escritores). Expõe suas poesias no blog <oeudemimpoesias.blogspot.com>. Em dezembro de 2009 recebeu o Título de Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano.

(Fonte: Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética - João Pessoa: A União, 2010)

Obras publicadas:

- O eu de mim (Campina Grande: EDUFCA, 2008, poesia).



- Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética - João Pessoa: A União, 2010.



150. JANICE SILVA JAPIASSU

151. JEANE BANDEIRA DE MELO LIMA

Jeane Bandeira de Melo Lima nasceu em João Pessoa (PB) no dia 26/08/1953. Filha do

poeta popular Francisco Bandeira de Melo – Bandeirinha. Foi aluna da Universidade Federal da Paraíba, onde cursou até o 5º período do curso de Direito.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998 - Campina Grande: Edições Caravela, 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Antologia Contemporânea da Poesia Paraibana (Sebo Cultural, s/ data);
- Fragmentos Poéticos (Biblioteca do CAAP, s/ data).

152. JOANA BARAÚNA DA SILVA

153. JUAREZITA FERNANDES CABRAL

154. JUDITH AMORIM DE MORAIS

Obras publicadas:

- Caminhada (Gráfica Central, 1987).

155. JULIETA PORDEUS GADELHA

156. LAUDICÉIA DA SILVA

157. LAURITA CALDAS

158. LEDA MARIA

159. LENILDE DE LIMA FREITAS

160. LENILDE DUARTE DE SÁ

161. LEÔNIA LEÃO DA NOBREGA

162. LETÍCIA LIMA

163. LETÍCIA PALMEIRA



Letícia Palmeira nasceu em São Paulo (SP), mas fixou residência em João Pessoa (PB). Autora também do blog Afeto Literário, Letícia é professora de inglês; graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba; e estuda francês.

(Fonte: Diário Bordô e outras pequenas vastidões)

Obras publicadas:

- Artesã de ilusórios (João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009);



- Sinfônica adulterada (Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011, romance);



- Diário Bordô e outras pequenas vastidões (Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013).

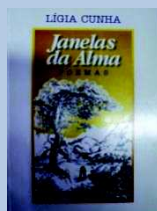


164. LIANA MESQUITA

165. LÍGIA CUNHA

Obras publicadas:

- Janelas da Alma (João Pessoa: Gráfica JB, 1999).



- Janelas da Vida.



166. LISBETH LIMA

167. LIZANKA PAOLA FIGUEIREDO MARINHEIRO

168. LYGIA BARACHO

169. LOURDES COELHO

Obras publicadas:

- Recados de amor (1994);
- Meu filho, meus versos;
- Pedro compra tudo e Aninha da recados.

170. LOURDES CORDEIRO

Obras publicadas:

- E houve outra manhã (EDUFRN, 1972).

171. LOURDES DE SOUZA INDELICATO

Obras publicadas:

- Rendilhados dos caminhos (1983).

172. LOURDES LIMEIRA

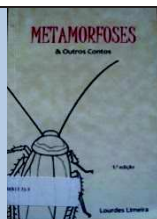


Lourdes Limeira nasceu em João Pessoa (PB) no dia 17 de julho de 1953. Reside em Manaus há mais de dez anos. Teve seus contos “Viagem Digital” e “A Esfinge”, 2005 e 2006 respectivamente, classificados no Concurso de Contos do SESC/AM. Formou-se em Letras, Língua Portuguesa na UFPB.

(Fonte: Metamorfoses e outros contos - Manaus: Editora Fama, 2007)

Obras publicadas:

- Metamorfoses e outros contos (Manaus: Editora Fama, 2007).



173. LOURDINHA LUNA

Maria de Lourdes Lemos de Luna nasceu em Areia (PB). Fez curso na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, e foi secretária durante 17 anos de José Américo de Almeida. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (AFLAP).

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas)

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos).



174. LÚCIA NAVARRO BRAGA

Lúcia Navarro Braga é assistente social provinda do Colégio das Lourdinas, educandário de tradição religiosa de João Pessoa (PB).

(Fonte: Tempo de viver, tempo de contar - João Pessoa: A União, 1996)

Obras publicadas:

- Tempo de viver, tempo de contar (João Pessoa: A União, 1996).



175. LÚCIA CÂMARA

176. LÚCIA ROLIM

177. LÚCIA WANDERLEY

Obras publicadas:

- Mergulho/Pirilampos cegos (Prefeitura de João Pessoa, 2007).

178. LUCIANA BELARMINO CAVALCANTE

Obras publicadas:

- Além da palavra (TS Editora, 1990).

179. LUZIA LIMEIRA DE CARVALHO

Obras publicadas:

- Estrelas de minha terra; (Editora Santa Fé, 1985);
- Espacolar (Editora Santa Fé).

180. LIZZIE KEYLE COSTA

181. MABEL AMORIM



Mabel Amorim nasceu em Maceió (AL) em 1966. Radicou-se em Campina Grande (PB) em meados de 1991. Estudou Agronomia, Economia, Contabilidade, mas só se formou em Direito, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente trabalha na biblioteca municipal de Campina Grande.

Obras publicadas:

- A última chance (São Paulo: Scortecci, 2008, romance);



- Os segredos do sótão (Campina Grande: Editora Meta, 2010):



- O gato xadrez (Campina Grande: Latus, 2013).



182. MAGNA CELIMEIRA DE SOUZA

Obras publicadas:

- Caminhos ou descaminhos (Campina Grande: Editel, 1983).

183. MAGNA VANUZA FARIAS ARAÚJO



Magna Vanuza Farias Araújo nasceu em Boqueirão (PB) no dia 31 de outubro de 1972. Viveu parte da infância na Paraíba e parte no Rio de Janeiro, onde começou a escrever as primeiras poesias. Atualmente vive na sua cidade natal. É pedagoga formada pela UEPB, com habilitação em Orientação Educacional, leciona no ensino fundamental no município de Boqueirão e também é professora de Educação Infantil do município de Campina Grande (PB). É sócia fundadora da ABES – Associação Boqueirãoense de Escritores; membro honorária do IHGC – Instituto Histórico e Geográfico do Cariri Paraibano; desenvolve projetos na área de literatura infanto-juvenil e projeta uma Companhia de Teatro Infantil para alunos das escolas da rede pública do município de Boqueirão. A autora mantém um blog no seguinte endereço: <magnavanuzaaraujo.blogspot.com>.

(Fonte: Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética - João Pessoa: A União, 2010)

Obras publicadas:

- Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética (João Pessoa: A União, 2010).



184. MAGNÓLIA ALVES DE LIRA

185. MANUELA OLIVEIRA ARAÚJO SOARES

Manuela Oliveira Araújo Soares nasceu em João Pessoa (PB) no dia 1º de julho de 1984.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



186. MARIA AUXILIADORA DE CARVALHO GUEDES

Obras publicadas:

- Raízes decepadas.

**187. MARIA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES PEREIRA ARAÚJO****188. MARIA DA CONCEIÇÃO DE A. IMPERIANO**

Maria da Conceição de A. Imperiano nasceu em Juripiranga, município de Pilar (PB). Odontóloga, formada pela Universidade Federal da Paraíba; profissional liberal, durante 25 anos exerceu paralelamente a sub-coordenadoria do Primeiro Núcleo Regional de Saúde, no setor odontológico, e assumiu a diretoria do Centro de Saúde de João Pessoa. Pintora amadora, e admiradora do teatro, ao qual já se dedicou, também volta-se à composição de poesias.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).

**189. MÁRCIA MARIA DE BRITO FIGUEIRAS D' AMORIM****190. MÁRCIA MÁXIMO**

Obras publicadas:

Pedaços (João Pessoa: Editora Macunaíma, 1982).

191. MARIA ABIGAIL PEREIRA

Maria Abigail Pereira nasceu em Araruna (PB). Professora, exerceu o magistério nas cidades de Araruna, Conceição, Campina Grande e João Pessoa. Ex-diretora dos colégios João Pessoa e seráfico da Nóbrega (ambos na capital paraibana). Pertence à Academia Paraibana de Poesia; à União Brasileira de Trova – UBT/PB; e à UBE/SP – União Brasileira de Escritores.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999)

Obras publicadas:

- Retalhos D'alma (1983).
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



192. MARIA ALBIERGE SALES DE OLIVEIRA

193. MARIA ALDANO FRANÇA FERNANDES

Maria Aldano França Fernandes é formada em Administração de Empresas pela UEPB e mestranda em Sociologia Rural pela UFPB, Campus II; professora da área de Administração Geral, na UFPB, campus II. Possui tendência literária, sendo articulista esporádica da imprensa campinense desde 1982.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



194. MARIA APARECIDA MARQUES DA CRUZ

195. MARIA APARECIDA PINTO

196. MARIA APARECIDA RAMOS DA SILVA

197. MARIA BALILA PALMEIRA

Maria Balila Palmeira nasceu em Patos (PB); radicada em João Pessoa (PB).

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999 - Campina Grande: Edições Caravela, 1999)

Obras publicadas:

- Devaneios (1980- Poesia);
- Infinito e Poesia (João Pessoa: sem editora, 1987- Poesia);



- A menina e a boneca (João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1991- Romance);



- Retalhos do Cotidiano (Crônicas);
- Contos e Adágios Populares.
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



198. MARIA BERENICE

Obras publicadas:

- Emoções companheiras (2005);
- Inspirações e devaneios (2006);



- Semeando histórias (2008).

199. MARIA BETÂNIA M. MAIA SALES

200. MARIA BRONZEADO MACHADO

Obras publicadas:

- Flores do caminho (João Pessoa: A União, 1980).



201. MARIA CAROLINA D'AMORIM ZILLI**202. MARIA CORREIA FILHA**

Obras publicadas:

- A difícil travessia.

203. MARIA CRISTINA LEANDRO**204. MARIA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES PEREIRA DE ARAÚJO**

Obras publicadas:

- Memórias e saberes – 30 anos de ACF de Campina Grande (2003).

205. MARIA DAS DORES MEDEIROS DE SOUZA

Maria das Dores Medeiros de Souza nasceu em Carnaúba dos Dantas (RN) no dia 22 de julho de 1946. Formada em enfermagem pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), com especialização em enfermagem do trabalho. Reside atualmente em Campina Grande (PB).

(Fonte: Sonhos de Mulher - Campina Grande: RG Editora, 2011)

Obras publicadas:

- Sonhos de Mulher (Campina Grande: RG Editora, 2011).

**206. MARIA DA PAZ RIBEIRO DANTAS****207. MARIA DA PAZ RIBEIRO SANTOS****208. MARIA DA PURESIA AMORIM**

Obras publicadas:

- Vicissitudes da vida (1998);
- Fantasmas do indefinido (1999);
- O enigma dos sonhos (2000);
- O destino na palma da mão (Romance, 2001);



- Uma casa para nômades (Romance, 2003):



- Alguns dias a mais...;



- Enquanto houver amor;



- Apesar dos Desencontros.



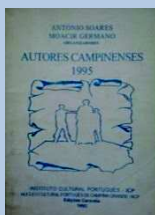
209. MARIA DAS GRAÇAS CAVALCANTE

Maria das Graças Cavalcante nasceu em Campina Grande (PB). Formada em Direito e em Serviço Social. Trabalhos literários publicados em vários jornais.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-95)

Obras publicadas:

- 'Antologia Contemporânea da Poesia Paraibana' (1995);
- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995).



- Coletânea Mil Poetas Brasileiros (Porto Alegre, 1995);
- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



210. MARIA DAS GRAÇAS MADRUGA PAIVA SANTIAGO



Maria das Graças Madruga Paiva Santiago nasceu em João Pessoa (PB); formada em História na Universidade Federal da Paraíba; possui especialização em Cultura Brasileira em nível de pós-graduação. Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal da Paraíba, concluído em 1981. Foi professora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB; coordenadora do curso de Educação Artística do Departamento de Artes e Comunicação da UFPB. Membro da Academia Paraibana de

Letras.

(Fonte: Site da Academia Paraibana de Letras <http://www.aplpb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274%3A13-maria-das-gracas-madruga-paiva-santiago>)

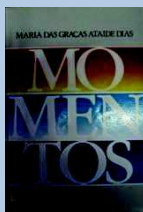
Obras publicadas:

- Numa noite de Luar (Conto). Revista Letras. Coletânea Literária publicada pela Universidade Federal da Bahia, 1979.
- Nova Esperança, 2003.

211. MARIA DAS GRAÇAS ATAÍDE DIAS

Obras publicadas:

- Momentos;



- Dedilhando emoções no acalento de minhas avós (João Pessoa: Ideia, 2013).

212. MARIA DAS NEVES BATISTA PIMENTEL

213. MARIA DAS NEVES BRITO VILARIM

Maria das Neves Brito Vilarim nasceu em Aroeiras (PB). Radicada em Campina Grande (PB) desde 1951. Cursou Contabilidade no Colégio Alfredo Dantas. Graduou-se

em Filosofia e Letras, e pós-graduada em Linguística pela Universidade Regional do Nordeste; concursada na mesma Instituição, lecionou língua portuguesa. Coordenadora da área de Português Instrumental por 26 anos. Concursada para o Colégio Estadual da Prata, onde atuou por 14 anos.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses 1999)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



214. MARIA DAS NEVES MELLO CATÃO

Maria das Neves Mello Catão nasceu em Campina Grande (PB) no dia 08 de agosto de 1924. Em 1931 matriculou-se no Colégio das Damas, como a primeira aluna a ser matriculada naquele estabelecimento de ensino, que iniciava suas atividades nesta cidade no início do ano, fazendo até seu curso ginásial. Em 20 de dezembro de 1944 casou-se, dedicando-se ao lar, à criação e educação dos seus filhos. Faz parte das atividades filantrópicas e sociais desta cidade. Nas horas vagas dedica-se à pintura, já tendo exposto em Campina Grande e Recife.

(Fonte: Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



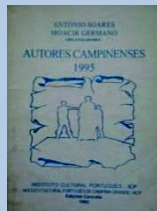
215. MARIA DE FÁTIMA CAVALCANTE LUNA

Maria de Fátima Cavalcante Luna nasceu em Boqueirão no dia 26 de fevereiro de 1955. Formada em Jornalismo pela URNE (Universidade Regional do Nordeste). Ex-professora da disciplina Educação Artística. Atualmente, ministra a disciplina Relações Públicas e Humanas, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Reside em Campina Grande (PB) desde 1970. Trabalhou na imprensa local como repórter e foi free-lancer do Diário da Borborema. Possui poesias e crônicas publicados em alguns jornais de Campina Grande; e alguns troféus em decorrência de concursos de poesia.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-95 - Campina Grande: Edições Caravela, 1995)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995).



216. **MARIA DE FÁTIMA GOMES CORDEIRO**

217. **MARIA DE FÁTIMA MEIRA DIAS**

218. **MARIA DE FÁTIMA COUTINHO**

219. **MARIA DE LOURDES NUNES RAMALHO**

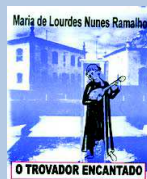


Maria de Lourdes Nunes Ramalho, ou Lourdes Ramalho, como é conhecida literariamente, nasceu em Jardim do Seridó (RN) no dia 23 de agosto de 1923. Na infância, enquanto recebia o que havia de melhor em termos de educação formal no sertão, Lourdes Ramalho cresceu ouvindo cantorias de viola e histórias contadas por vendedores de folhetos. É deste contato com cantadores, cordelistas e contadores de história que vem o aprendizado dos procedimentos próprios da literatura popular, mais tarde assimilados em sua dramaturgia.

(Fonte: http://www.etudoteatro.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83)

Obras publicadas:

- Teatro Nordestino: cinco textos para montar ou simplesmente ler (A Feira; As velhas; Festa do Rosário; O Psicanalista; Fogo-Fátuo). Campina Grande: GGS Gráfica e Editora, 1980.
- Teatro popular: três textos (A Eleição; Guiomar – sem rir sem chorar; Frei Molambo – ora pro nobis). [Campina Grande]: [s. n.], [c. 1980].
- Os mal-amados. In: CÔRREA NETO, Alarisco et. al. Teatro Paraibano, hoje. João Pessoa: A União, 1980, p. 81-150.
- O trovador encantado (Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 1999).



- O Novo prometeu / Presépio Mambembe (Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2001);



- Charivari: texto teatral em cordel. Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2002.
- Teatro infantil: coleção de textos infanto-juvenis. Campina Grande: RG Editora, 2004.
- Teatro de Lourdes Ramalho: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Campina Grande/João Pessoa: Bagagem/Ideia, 2005.
- Maria Roupas de Palha e outros textos para crianças. Volume 1. Organização e introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Editora Bagagem, 2008.
- Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011. Contém os textos: A mulher da viração; Fiel espelho meu; Guiomar sem rir sem chorar; Guiomar, a filha da mãe; Um homem e uma mulher; Uma mulher dama.
- Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011. Contém os textos: Romance do Conquistador; O trovador encantado; Charivari; Presépio Mambembe.
- A feira; O Trovador Encantado (Ria Lemaire (org.). Campina Grande: EDUEPB, 2011).



- Flor de cacto: viagem ao ignoto. 2 ed. Campina Grande: Latus, 2012.

220. MARIA DO BOM SUCESSO DE LACERDA FERNANDES

Maria do Bom Sucesso de Lacerda Fernandes nasceu em Pombal (PB). Graduada em Letras pela UFPB (Cajazeiras); pós-graduada em Língua Portuguesa, em Patos (PB). Há mais de três décadas dedica-se à cultura artística e literária do povo de sua terra. Possui destacável acervo de diplomas, denominações, comendas e troféus. Artista plástica, de estilo variado.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999)

Obras publicadas:

- Escada de sentimentos (1991- Poesia);
- Parabéns, Pombal! História viva da comunicação (1998);
- Botões que desabrocharam em flores sem data (Crônicas);
- Arco-íris Sentimental(Poesia).
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



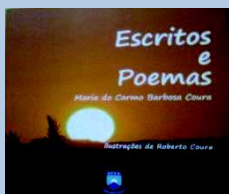
221. MARIA DO CARMO BARBOSA COURA

Maria do Carmo Barbosa Coura nasceu em Campina Grande (PB) no dia 28 de março de 1925. Estudou até o ensino médio, casou, cuidou dos filhos e trabalhou no comércio até a sua aposentadoria.

(Fonte: Escritos e Poemas - Campina Grande: EDUFCEG, 2012)

Obras publicadas:

- Escritos e Poemas (Campina Grande: EDUFCEG, 2012).



222. MARIA DO SOCORRO CAVALCANTE SOARES

Maria do Socorro Cavalcante Soares é membro fundadora da Associação Campinense de Poetas e Escritores, da qual já ocupou cargos e funções administrativas. Participante de alguns concursos e eventos literários tais como o Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses 97)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



223. MARIA DO SOCORRO DOMINGOS

Maria do Socorro Domingos nasceu em Rio Tinto (PB); é graduada em Ciências Contábeis e funcionária pública aposentada. Casada, tem dois filhos e uma filha.

(Fonte: A flor do caminho - João Pessoa: Ideia, 2013)

Obras publicadas:

- A flor do caminho (João Pessoa: Ideia, 2013):



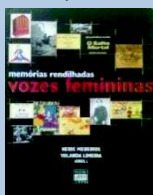
224. MARIA DO SOCORRO RAMOS LOUREIRO

Maria do Socorro Ramos Loureiro nasceu em Campina Grande. Fez curso de Pedagogia na UFPB e Especialização em Psicologia da Aprendizagem na UEPB. Foi professora de 1º e 2º graus no Colégio Alfredo Dantas, na Escola Normal Padre Emídio Viana e professora universitária na UEPB e na UFPB. Além de trabalhos técnicos na área de Pedagogia.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas)

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Vivências compartilhadas (Campina Grande: RG Gráfica e Editora, 2005).

225. MARIA DO SOCORRO RIBEIRO

Maria do Socorro Ribeiro é psicóloga, auditora de Contas Públicas, poeta e escritora. Autora de alguns livros e participante de algumas antologias poéticas no Rio de Janeiro e na Paraíba.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- Esperanças em flor (1982).

226. MARIA DO SOCORRO SILVA

227. MARIA DO SOCORRO TAMAR ARAÚJO CELINO

228. MARIA DO SOCORRO XAVIER



Maria do Socorro Xavier nasceu em Serrita (PE), viveu muitos anos em Campina Grande (PB) e agora, desde 1996, radicada em João Pessoa (PB). Professora da UFPB, aposentada e autora de vários livros. Fundadora da Associação Campinense de Poeta e Escritores, com sede em Campina Grande. Ex-coordenadora do NELL e do Núcleo de Ação Social da FACMA.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Barco sem vela (Campina Grande: TS Editora Gráfica, 1986);



- Adolescência do outono (Campina Grande: TS Editora, 1988).



- Pensamentos dispersos e diversos (1990);
- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



- Filsovendo a vida (São Paulo: João Scortecci Editora, 1991).



- Psicopoética (1994);
- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



- A saga de ipueiras (Campina Grande: Edições Caravela, 1998, história e memória).



- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Palavras de Mulher em prosa e verso.
- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- Penso, logo insisto (João Pessoa: Ideia, 2009, pensamentos):



Maria Edna Telma Cartaxo Leite nasceu em Cajazeiras (PB). Graduada em letras pela antiga FURNE de Campina Grande e pós-graduada em Literatura pela UFPB. É diretora do Departamento de Cultura da FACMA e professora de Redação Criativa do Centro Cultural. Colaborou com vários jornais com crônicas, artigos e poesias.

(Fonte: Pingos Literários)

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



230. MARIA EUGÊNIA M. MONTENEGRO

Obras publicadas:

- Todas as Marias (Natal: Fundação José Augusto, 1996, contos).



231. MARIA FRANCINÉIA TORRES LOIOLA

232. MARIA FRANCISCA FARIAS LOIOLA

233. MARIA GOLDELIVE

234. MARIA GORETE DE MACEDO

235. MARIA GRACIELE DE LIMA

236. MARIA HELENA CALLOU

237. MARIA HELENA CAMPOS BELTRÃO

Maria Helena Campos Beltrão nasceu em João Pessoa (PB). Faz parte da Academia Paraibana de Poesia, ocupando a cadeira de nº 35, patrono Leandro Gomes de Barros e da União Brasileira de Trovadores de João Pessoa. Também se dedica à arte musical na composição e nas especialidades de piano e flauta. Participa constantemente de todos os eventos literários e artísticos promovidos em João Pessoa.

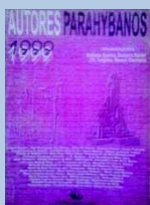
(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- Festival de Poesias, Contos e Prosas (sem data, Gráfica G.E.S.):



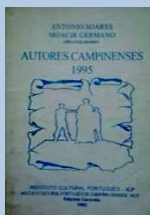
238. MARIA HELENA CAVALCANTI COELHO

Maria Helena Cavalcanti Coelho nasceu na fazenda Canudos, situada no antigo município de Cabaceiras (PB). Apesar das dificuldades de estudos na época, Maria Helena cursou o terceiro ano científico.

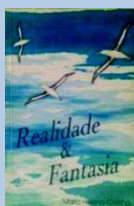
(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-98)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995).



- Flor de Outono (1989, poesia).
- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).
- Realidade e Fantasia (Recife: Editora Comunicarte, 1996):



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



239. MARIA JOSÉ BEZERRA

Maria José Silva Bezerra de Menezes nasceu em João Pessoa (PB). É psicóloga, enfermeira e professora universitária. É atuante nos movimentos literários e culturais da Paraíba, como Festival de Areia, Fenart e outros; é membro da Academia Paraibana de Poesia e da União Brasileira de Trovadores (PB).

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



240. MARIA JOSÉ LIMEIRA (FERREIRA)



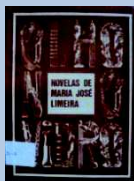
Maria José Limeira nasceu em João Pessoa (PB) no dia 30 de agosto de 1941. Fez o curso primário no Colégio das Lourdinhas e o ginásio no Liceu Paraibano, de onde foi expulsa por suposto mau comportamento e indisciplina, sendo obrigada a terminar seus estudos através de exames supletivos. Foi aluna do Curso de Filosofia, da UFPB, onde não pôde terminar por não se submeter à rígida disciplina curricular, tendo frequentado mais a biblioteca da universidade do que as salas de aula. Filha de pequenos comerciantes que fugiram da seca de Taperoá (PB) para tentarem sobreviver em João Pessoa. Maria José Limeira começou a escrever aos 8 anos de idade curtas peças de teatro que ela mesma encenava em casa, usando como atores seus irmãos pequenos. Seus pais tiveram 13 filhos, dos quais 4 morreram de fome em Taperoá. Foi presa pelas forças de repressão do quartel do 15 em 1964, abandonou os estudos e se exilou no Rio de Janeiro e São Paulo. Retornou à Paraíba nos anos 70, quando ingressou no

Jornalismo, começando como repórter até chegar a ocupar cargos de Direção em diversos jornais, inclusive no semanário “O Momento”, que ajudou a fundar. Morreu no dia 10/07/2012 no Hospital Memorial São Francisco, em João Pessoa.

(Fonte:Luva no Grito - João Pessoa: Unigraf, 1985)

Obras publicadas:

- Margem (João Edições Edições Caravelas, 1964, contos);
- Aldeia Virgem, além (João Pessoa: Edições Caravelas, 1965);
- Olho no Vidro (João Pessoa: Editora O Norte, 1975, novela);
- Novelas de Maria José Limeira (João Pessoa: O Norte, 1975);



- As Portas da Cidade Ameaçada (João Pessoa: A União, 1980, contos);



- Luva no Grito (João Pessoa: Unigraf, 1985);



- O Lado Escuro do Espelho (João Pessoa: Unigraf, 1985);



- Crônicas do amanhecer.



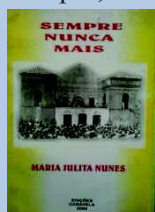
242. MARIA JULITA NUNES

Maria Julita Nunes nasceu em Teixeira (PB). Formada em Direito. No ano de 1947, radicou-se em Campina Grande, onde ainda reside. Exerceu a profissão de contadora. Envolvida com atividades literárias, pertence à Casa do Poeta Brasileiro – Secção de Campina Grande (PB), da qual é sócia efetiva e integra a diretoria.

(Fonte: Miga – uma teixeirense. Campina Grande: Edições Caravela, 2002)

Obras publicadas:

- Pedacos de mim;
- Sempre, nunca mais (Campina Grande: Edições Caravela, 2003).

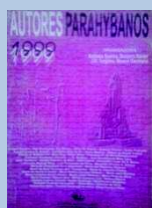
**243. MARIA LÚCIA ALVES CANUTO****244. MARIA LÚCIA CHIANCA**

Maria Lúcia Chianca é bacharel em Administração pela UFPB (João Pessoa) e Estilista. Participação na obra 40 Poetas de Ouro, pela Editora Litteris, em 1993 – Rio de Janeiro – com a poesia “Vida e Morte”. Obra prefaciada pela escritora Raquel de Queiroz..

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- 40 Poetas de Ouro (1993).
- Vida e Morte (poesia).

245. MARIA LINDALVA XAVIER AMARO

Maria Lindalva Xavier Amaro nasceu em Guarabira (PB), onde fez o curso de professora na Escola Normal “Nossa Senhora da Luz”. Desde criança gostava de escrever, publicando no jornalzinho do seu colégio O Arco-Íris. Pertence à Academia Paraibana de Poesia. É sócia fundadora da UBT (União Brasileira de Trovadores), secção de João Pessoa (PB).

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999)

Obras publicadas:

- Memórias de um Anjo (1986- prosa);
- Coisas da vida, um pouco de mim (1988- prosa);
- Os meus versos (1991).
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



246. MARIA LUIZA DE MORAES TARGINO

Obras publicadas:

- De Senhora de Engenho à Primeira Dama (João Pessoa: A União, 1995).

247. MARIA MELISANDE DIÓGENES PIRES

248. MARIA PIRES DA SILVA

Maria Pires da Silva nasceu em Fortaleza (CE) no dia 29 de maio de 1942. Sócia da União Brasileira de Escritores, da Associação Paraibana de Imprensa, da União Brasileira de Trovadores e da Academia Paraibana de Poesia, onde ocupa a cadeira de nº 13, que tem como patrono o ilustre poeta paraibano Perillo de Oliveira.

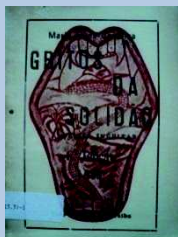
(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Gritos da Solidão (João Pessoa: sem editora, 1986);



- Universo dos meus versos (João Pessoa: Ideia, 2014);
- Meus versos Minh'alma;
- Levitações Poéticas;

- Partículas Minhas;
- Algemas do tempo;
- Quando o outono chegar;
- Nostalgia.

249. MARIA SOLEDADE

250. MARIA ROSICLER RABELO DIAS

Maria Rosicler Rabelo Dias nasceu em Itabaiana (PB) no dia 06 de setembro de 1921. Casou-se e teve 10 filhos. A autora é membro da Academia Paraibana de Poesia. Detentora de inúmeras medalhas e troféus – Medalha de Juscelino Kubitschek. Membro efetivo do Clube Literário Brasília.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998)

Obras publicadas:

- Relíquias de mãe;
- Encantos da vida;
- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



251. MARIA TERESA VASCONCELOS MEDEIROS

252. MARIA VALÉRIA REZENDE

Maria Valéria Rezende nasceu em Santos (SP) em 1942, onde morou até os 18 anos. Sempre se dedicou à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste. Viveu no meio rural de Pernambuco e da Paraíba e, desde 1986, mora em João Pessoa. Já esteve em Angola, Cuba, França e Timor, entre outros países, convidada a falar sobre seus projetos sociais.

(Fonte: <http://www.agenciariiff.com.br/site/AutorCliente/Autor/29>)

Obras publicadas:

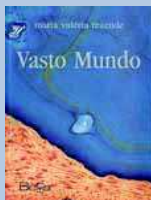
- O Voo da Guará Vermelha (Objetiva, 2005);



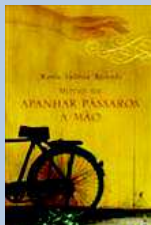
- Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira (Rio de Janeiro: Record, 2005).



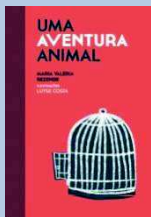
- Vasto Mundo(2001, Objetiva);



- Modo de Apanhar Pássaros à Mão (2006, Objetiva);



- Uma Aventura Animal (2013, Editora DSOP);



- O Arqueólogo do Futuro (2006, Planeta);



- O Problema do Pato (2007, Planeta);



- No Risco do Caracol (2008, Autêntica);



- Conversa de Passarinhos – Haikais para crianças, co-autora: Alice Ruiz (2008, Iluminuras);



- Histórias daqui e d'acólá (2009, Autêntica);



- Hai-Quintal - Haicais descobertos no quintal (2011, Autêntica);



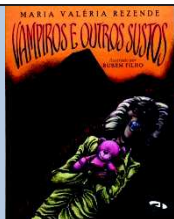
- Ouro Dentro da Cabeça (2012, Autêntica);



- Jardim de Menino Poeta (2012, Planeta);



- Vampiros e outros sustos (2013, Dimensão);



- Quarenta Dias (2014):



253. MARIANA CANTALICE SOARES

Obras publicadas:

- O bom caráter de meu pai (sem data);
- Minha vida, minha lenda (sem data);
- Luciana, a Princesa Menina (sem data).

254. MARIANA SOARES

Obras publicadas:

- Vida e vida (João Pessoa: Unigraf, 1985);
- Parahyba: segredos e revelações (João Pessoa: FUNESC, 1994).



- Clamores do silêncio (João Pessoa: A União, 2006, histórias fantásticas).



- Histórias e mistérios (João Pessoa: Micrográfica, 2003, crônicas e contos).



- Vozes da Solidão (João Pessoa: A União, 2002, histórias fantásticas).



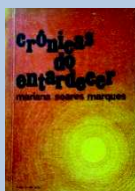
- Cenários, personagens e confissões (João Pessoa: Editora JB, 2008).



255. MARIANA SOARES MARQUES

Obras publicadas:

- Crônicas do entardecer.



- Encantos e Desencantos.



256. MARÍLIA ARNAUD



Marília Arnaud nasceu em Campina Grande. Graduiu-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e exerce, atualmente, o cargo de Analista Judiciário do TRT da 13ª Região em João Pessoa, onde mora. Seus primeiros trabalhos literários foram publicados no jornal Diário da Borborema, no início da década de 80. Mais tarde passou a escrever semanalmente para o Caderno de Cultura do jornal “O Momento”. Também colaborou, eventualmente, para o suplemento literário “Correio da Artes”. Em 1987, após ter sido premiada no Concurso Literário Violeta Formiga, promovido pela AMPEP, Marília publicou “Sentimento marginal”, seu primeiro livro (produção independente), uma reunião de contos premiados e do que já havia sido publicado nos jornais locais. Em 1993 participou do I Concurso Literário promovido pela Subsecretaria de cultura do Estado, tendo sido vencedora na categoria “conto” com o

trabalho “A Menina de Cipango” (Prêmio José Vieira de Melo). O livro foi publicado em 1994.

(Fonte: Os campos noturnos do coração - João Pessoa: Editora da UFPB, 1997)

Obras publicadas:

- Sentimento marginal (João Pessoa: Gráfica Santa Maria, 1987, contos e crônicas).



- A Menina de Cipango (João Pessoa: A União, 1994, contos);



- Os campos noturnos do coração (João Pessoa: Editora da UFPB, 1997, contos).



- Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira (Rio de Janeiro: Record, 2005).



- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos).



- Suíte de silêncios (Editora Rocco, 2012).



- O livro dos afetos (contos).



257. MARILITA POZZOLI

258. MARINALVA FREIRE DA SILVA



Marinalva Freire da Silva nasceu em João Pessoa (PB) no dia 13 de setembro de 1948. Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialização em Língua e Literatura portuguesa e espanhola e em Teologia. Mestre em Letras e Doutora em Filologia pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Mora em João Pessoa.

(Fonte: <http://www.osebocultural.com/galeria/51,,marinalva-freire-da-silva/galeria.html>)

Obras publicadas:

- Perspectivas poéticas (João Pessoa: Ideia, 1992).



- Recordar conforta a alma (João Pessoa: Manufatura, 2006, poesia).



259. MARISA ALVERGA CABRAL

Obras publicadas:

- Sinfonia do adeus (1983).
- Por culpa do destino (João Pessoa: Unigraf, 1986).

260. MARISA BARROS

Obras publicadas:

- Rumo Norte Vento (1983).

261. MARISE MESQUITA

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marcone, 1991).



262. MARISINHA BEZERRA DE MEDEIROS

263. MARISTELA BARBOSA DE MENDONÇA

264. MARIZETE SANTOS

Obras publicadas:

- Devaneio (1986);
- Raízes do silêncio (1992).

265. MARTHA MÔNICA FREIRE DA SILVA

266. MARIA MERCEDES RIBEIRO CAVALCANTI



Maria Mercedes Ribeiro Cavalcanti nasceu em João Pessoa (PB), onde vive. Foi agraciada com o 1º lugar no “Concurso sobre a Obra Poética de Augusto dos Anjos”, instituído pela FUNCEP e pela UFPB, em 1977. Obteve o 3º lugar no “Concurso de ficção e Poesia Jurandy Moura”, instituído pela SEC, em 1981. Atualmente, Mercedes, além de publicar textos no suplemento literário “Correio das Artes”, do jornal “A União”, no jornal “O Norte” e na “Revista Usina”, é professora do Departamento de Letras da UFPB.

(Fonte: O Ouro dos Dragões - João Pessoa: Ideia, 1994).

Obras publicadas:

- Coletânea ‘A Presença do Conto Paraibano’ (1981);
- O Ouro dos Dragões (João Pessoa: Ideia, 1994, contos);



- O Vinho de Caná (João Pessoa: Ideia, 2000, romance);



- Quatro luas (João Pessoa: Ideia, 2002, contos);



- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2006, coletânea de contos);



- O Chamado dos Deuses (João Pessoa, Editora da UFPB, 2007, romance);



- El Manuscrito de Hannah (João Pessoa: Ideia, 2007, novela);



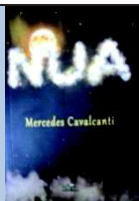
- A volúpia dos anjos (São Paulo: A Girafa Editora, 2007 / João Pessoa: Ideia, 2005, romance);



- Cores da paixão (João Pessoa: Ideia, 2011, poesia);



- Nua (João Pessoa: Ideia, 2013, contos);



267. MAURA BEZERRA DOS SANTOS

Maura Bezerra dos Santos nasceu no município de Serra Branca (PB). Contista, sonetista, cronista, com trabalhos publicados no Correio da Paraíba. É membro da Academia Paraibana de poesia e membro da API (Academia Paraibana de Imprensa) e funcionária pública estadual. Formada em História.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



268. MAYARA ALMEIDA



Mayara Almeida nasceu em Cajazeiras (PB) no dia 9 de dezembro de 1986. Vive em João Pessoa; é psicóloga clínica de base analítica e organizacional. Especialista em Gestão de Pessoas; atualmente, exerce a profissão em consultório particular.

(Fonte: Entre nós e laços - Guaratinguetá, SP: PENALUX, 2013).

Obras publicadas:

- No compasso do Amor (Rio de Janeiro: Editora CBJE, romance);
- Entre nós e laços (Guaratinguetá, SP: PENALUX, 2013, contos).



269. MERCÊS SANTOS FURTADO

270. MICHELINE BRASIL

Micheline Brasil nasceu em Patos (PB), tendo vivido em Sousa (PB) e vindo para

Campina Grande (PB) em 1980. Nesta cidade cursou a primeira fase do primeiro grau no Instituto São Vicente de Paula, a segunda fase na Escola de Primeiro Grau Regina Coeli, e o segundo grau no CEPUC. Cursou Pedagogia na UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

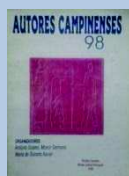
(Fonte:Coletânea Autores Campinenses 97).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997);



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



271. MILFA ARAÚJO VALÉRIO

272. MILA CERQUEIRA

Maria dos Milagres Leite Cerqueira nasceu em São João do Cariri (PB). Socióloga, trabalhou na CONDEPE como Técnica de Planejamento. Atualmente é consultora junto a organizações não governamentais e a FAO.

(Fonte:Memórias rendilhadas, vozes femininas).

Obras publicadas:

- Histórias do meio do mundo (Editora Auto-Imagem, 2003, coletânea de contos);
- Memórias rendilhadas, vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Cartas de Amarylis (Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2011, contos).



273. MIRIAN ASFORA

274. MIRIAM CARLOS FREIRE

275. MIRIAM CAMPOS LEAL

Miriam Campos Leal nasceu em João Pessoa (PB); executiva; assessora do Cerimonial da Assembléia Legislativa e filiada a APP (Academia Paraibana de Poesia), UBT (União Brasileira de Trovadores) da Paraíba. Participa constantemente dos eventos culturais de João Pessoa.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



276. MIRIAM TOURINHO DINIZ

277. MIRTES WALESKA SULPINO



Mirtes Waleska Sulpino nasceu em Boqueirão (PB); cursou Letras na UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e Comunicação Social na mesma instituição. Escreve desde 1998, após conhecer os poemas de Florbela Espanca, Cecília Meireles e os livros de Machado de Assis. Após alguns anos residindo em Campina Grande (PB) regressou à Boqueirão e atualmente é presidente da ABES (Associação Boqueirãoense de Escritores), que conta com cerca de trinta associados, sendo doze poetas e escritores. Sua poesia pode ser lida no blog que tem com o mesmo nome de seu livro: Versos Expressos.

(Fonte: Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética).

Obras publicadas:

- Versos Expressos: poesias e etc (Campina Grande: EDUFCG, 2008).



- Novos poetas do cariri paraibano – coletânea poética (João Pessoa: A União, 2010).



278. MOLINA RIBEIRO



Maria de Molina Ribeiro nasceu em Campina Grande (PB). Filha de Hortênsio de Sousa Ribeiro e de Maria de Lourdes Moura Ribeiro. Graduada em Administração de Empresas pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (AEUDF). Sócia da Associação Campinense de Imprensa e da Associação Paraibana de Imprensa. Membro fundadora da Academia de Letras de Campina Grande.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses-1986).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-1986 (Campina Grande: Edições Caravela).



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Dois momentos da minha vida.

279. MYRIAM GURGEL MAIA

280. NAIR GUSMÃO

Obras publicadas:

- Catarse (Campina Grande: Editora Gráfica Santa Fé, 1982).



281. NEIDE MEDEIROS SANTOS



Neide Medeiros Santos nasceu em Jardim do Seridó (RN), radicada na Paraíba. Licenciada em Letras pela FURNE, atual UEPB. Cursou Mestrado em Teoria da Literatura na UFPE e doutorado em Estudos Literários, na UNESP, em Araraquara. Foi professora de Teoria da Literatura e Literatura Infantil na UFPB. É especialista em Literatura Infantil, tendo trabalhos e livros publicados nessa área. Sua tese de doutorado foi transformada em livro com o título “Guriatã: uma viagem mítica ao país-paraíso”. Pertence à Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba. É

membro votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil na Paraíba.

(Fonte:Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Livros à espera do leitor (João Pessoa: Editora Zarinha Centro de Cultura, 2009).

282. NEUSA ALVES CÂNDIDO

Neusa Alves Cândido nasceu em Campina Grande (PB) no dia 29 de junho de 1934. Cursou o primário, o ginásio e o técnico em contabilidade no Colégio da Imaculada Conceição (DAMAS). Funcionária do Serviço Social da Indústria (SESI). Ocupava o cargo de chefe de contabilidade.

(Fonte:Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991).

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



283. NEVINHA ARAÚJO

284. NEVINHA PINHEIRO

Nevinha Pinheiro nasceu em Serra Redonda (PB). Em 1957, terminado o curso colegial no Colégio Estadual de Campina Grande (PB), seguiu para o Rio de Janeiro, estabelecendo nesta cidade. Formou-se em Letras na UERJ. Trabalhou no Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil, publicando contos, crônicas e artigos em jornais e revistas.

(Fonte: A crucificação do Diabo - São Paulo: Editora Moderna, 1978).

Obras publicadas:

- A crucificação do Diabo (São Paulo: Editora Moderna, 1978).



285. NIEDJA AGRA DE ARAÚJO

286. NILCE DE FRANÇA COSTA

Nilce de França Costa nasceu em Campina Grande (PB). Estudou no Colégio Imaculada Conceição (DAMAS), onde fez o curso primário, o ginásial e o segundo grau de contabilidade. Estudante, já gostava de escrever, tendo colaborado com o Informativo do CEC, nos anos 50. Ingressou no SESI em agosto de 1954 como diretora financeira. É membro da Rede Feminina de Combate ao Câncer, na qual é secretária. Teve cinco filhos, a quem chama de “estrelas” iluminadoras de sua vida e de seus poemas.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991).

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



287. NÍSIA NÓBREGA LEAL

Obras publicadas:

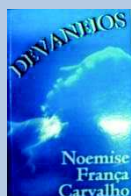
- Nos braços leves do vento (Rio de Janeiro: F. Alves, 1951);
- Rosa distante (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953);
- Completamente amor (Rio de Janeiro: Pongetti, 1953);
- Ramo de saudade (Rio de Janeiro: Pongetti, 1965).

288. NOEMI PORDEUS GADELHA

289. NOEMISE FRANÇA CARVALHO

Obras publicadas:

- Devaneios (São Paulo: Lua Nova, 1987, poesia).



- Falando à Saudade (São Paulo: sem editora, 1996).



- Floresções da primavera (São Paulo: BH Gráfica e Editora, 2004).



290. ODETE COSTA SOUZA

291. ODILIA ASSIS ALBUQUERQUE

Obras publicadas:

- Momentos de uma vida.

292. OFÉLIA BOISSON CARDOSO

Obras publicadas:

- Faça o seu filho feliz (João Pessoa: A União, sem data);
- Os quatro grandes conselhos (João Pessoa: Editora Universitária, 1976).

293. OLIVINA CARNEIRO DA CUNHA

Olivina Carneiro da Cunha nasceu em João Pessoa (PB) no dia 26 de maio de 1892. No ano de 1904 diplomou-se pela Escola Normal Oficial da Paraíba. Desde cedo mostrou seu interesse pelo magistério dedicando-lhe grande parte de sua vida e mais tarde também as letras. A poeta colaborou em vários jornais e revista da Paraíba. Na década de 30, juntamente com outras adeptas a emancipação feminina fundam a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino, onde sua metade era licenciar as mulheres em busca dos seus direitos como ser pensante e atuante na sociedade. No dia 06 de abril de 1938 entra para o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e do IPGH. Das suas colaborações podemos destacar os jornais “A União” e “A Imprensa”, na coluna Página Feminina, além da revista “Era Nova”, “Manaíra”, entre outros. Olivina faleceu no dia 12 de março de 1977, em João Pessoa.

(Fonte: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>)

294. ONÉLIA SETÚBAL ROCHA DE QUEIROGA

Onélia Setúbal Rocha de Queiroga nasceu em Fortaleza (CE). Radicada na Paraíba desde sua infância, é escritora, advogada, professora universitária, mestra em ciências jurídicas, professora de Direito Internacional, Teoria Geral de Estado, Direito Penal e Criminologia na UFPB e UNIPÊ. Sempre voltada à educação e à cultura. Foi professora nas cidades de Pombal, Catolé do Rocha e Campina Grande; ex-coordenadora do Departamento do Ensino supletivo; ex-coordenadora do curso de Direito da UFPB. Foi fundadora e a 1ª presidente da Academia de Letras de Pombal.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- Contos Pombalenses (João Pessoa: Ideia, 2005).



- Sinestesia (2003).

295. OTACIANA CÁSSIA MOREIRA DA SILVA

296. PALMEIRA GUIMARÃES

Obras publicadas:

- Deixe o coração voar (1989).

297. PEPITA RODRIGUEZ

Obras publicadas:

- Tempo de colher (1993).



- Segundo Tempo (1994).



298. PETRA RAMALHO



Petra Ramalho nasceu em João Pessoa (PB). Depois de uma breve experiência no curso de Física, passou-se para o curso de Letras da UFPB, graduando-se em Letras/Língua e Literatura Inglesa. Fez Mestrado em Teoria Literária na UFPE, pesquisando a dramaturgia de Nelson Rodrigues. A dissertação de mestrado foi modificada para fins de publicação com o título de “As mulheres de Nelson: representações sociais das mulheres em ‘Os sete gatinhos’ de Nelson Rodrigues”. Tem atuado em peças teatrais e dirige, atualmente, a Divisão de Literatura, Biblioteconomia e Editoração da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE).

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



299. PIÉ (MARIA DA PIEDADE) FARIAS

Maria da Piedade Farias nasceu em Campina Grande; é arquiteta e restauradora de obras sacras e bens culturais. Também é artista plástica.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Estórias de se contar.

300. REGYNA CELLY MEDEIROS

301. REGINA LYRA

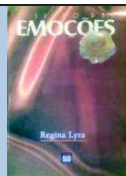


Regina Lyra nasceu em João Pessoa (PB). Fez seus estudos de 1º grau no Instituto João XXIII, tendo concluído o 2º grau no Lyceu Paraibano. Formou-se em Administração, ingressando no magistério superior. Realizou curso de pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais, e é mestre em Administração de Recursos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba. Sua vida profissional tem sido dedicada à Universidade, onde já exerceu alguns cargos, tais como: chefe e sub-chefe do Departamento de Administração; assessora de extensão do departamento e do centro. Atualmente, exerce o cargo de Vice-Diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba.

(Fonte: O livro das emoções - João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1998).

Obras publicadas:

- O livro das emoções (João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1998).



- Sonhos e Fantasias (João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2000).



- Insensatas Palavras (João Pessoa: UFPB, 2003).



- Atos em Arte (São Paulo: Editora Scortecci, 2006).
- Tempo de Encanto (João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2004).

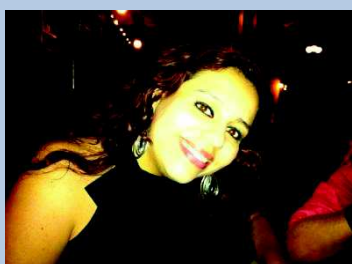


- Vão da palavra (João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011).



302. REJANE SOBREIRA (MINATO)

303. ROCHELLE MELO PEREIRA



Rochelle Melo Pereira nasceu em Campina Grande (PB), onde mora até hoje. É poeta, cronista, membro e diretora de eventos da POEBRAS/CG (Casa do Poeta Brasileiro de Campina Grande).

304. ROSÁLIA RIBEIRO

305. ROSALINA COELHO LISBOA

Obras publicadas:

- O desencantado encantamento (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927, crônicas);
- Passos no caminho (Rio de Janeiro: Renascença, 1933, poesia);

- A seara de Caim: romance da revolução no Brasil (Rio de Janeiro: José Olympio, 1952)

306. RITA ALBINO RAFAEL

307. RITA DE CÁSSIA ALVES

Obras publicadas:

- Pele submersa.

308. SABRINA DE SOUSA CORREIA

Obras publicadas:

- Sonhos alados [1990]

309. SALETE CORDEIRO

310. SAMELLY XAVIER



Samelly Xavier nasceu em Campina Grande (PB) no dia 7 de dezembro de 1986. Formada em Letras pela UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), tem especialização e mestrado pela mesma instituição. É professora e coordenadora de uma curso de leitura e escrita.

Obras publicadas:

- Ousadia (Campina Grande: RG Editora);
- Universo: o verso une (Campina Grande: RG Editora);
- ETC (Fortaleza: Tecnograf Editora).

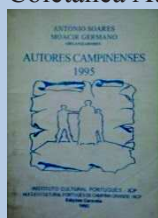
311. SELMA BARRETO NÓBREGA

Selma Barreto Nóbrega, cujo pseudônimo artístico é Risadinha, nasceu em Campina Grande (PB) no ano de 1966. cursou História na UFPB (Campus II). Faz parte da Associação Campinense de Poetas e Escritores de que é atualmente tesoureira. Foi convidada para fazer parte da Associação Brasileira de semiótica Regional da Paraíba.

(Fonte:Coletânea Autores Campinenses-95).

Obras publicadas:

- Reflexos (1993, crônicas);
- Coletânea Autores Campinenses-95 (Campina Grande: Edições Caravela, 1995).



312. SELMA DE CARVALHO OLIVEIRA

313. SELMA VASCONCELOS

Obras publicadas:

- Cio das águas.

314. SELMA VILAR

Obras publicadas:

- Estrela confidente.

315. SEVERA CABRAL

Severina Cabral de Melo, chamada de Severa, nasceu Alagoinha(PB) em 1953. Concluiu o 1º e 2º graus no Colégio Estadual de Alagoa Grande (PB). Possui licenciatura plena em Estudos Sociais pela FAFIG, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarabira (PB), atual Campus III da UEPB. De Alagoa Grande teve como fonte de leitura e inspiração literária, a Biblioteca do Colégio Estadual e a Biblioteca Pública.

(Fonte:Folhas de outono).

Obras publicadas:

- Sermão Vermelho;
- Folhas de outono (João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2008).

**316. SHIRLEY CABRAL DE VASCONCELOS****317. SHIRLEY STELLA GOMES****318. SILINHA DE OLIVEIRA LIMA**

Obras publicadas:

- Retratos da vida (João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora: 1993).

319. SÍLVIA PERAZZO BARBOSA

Obras publicadas:

- Sons em neblina (Campina Grande: Editora RG, 1998);



- Sons perdidos no tempo;
- Campânulas (Campina Grande: Editora RG, 2005);



320. **SOCORRO COSTA**

321. **SOCORRO LEADEBAL**

322. **SOCORRO LIRA**

Obras publicadas:

- Aquarelar poemas (2007).

323. **SOCORRO LOUREIRO**

324. **SÔNIA MARIA SOBREIRA DA SILVA**

Sônia Maria Sobreira da Silva nasceu em Campina Grande (PB) no dia 1º de maio de 1944. É membro da Academia Paraibana de Poesia e da Casa do Poeta do Rio de Janeiro. Participou do primeiro Concurso Internacional de Trova e Poesia Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, sendo uma das finalistas. Este ano recebeu, em Barra Mansa, troféu de Menção Honrosa no Festival SESC de Poesia.

(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1999).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



325. **SUMAIA TIMANI**

Sumaia Anis Hamad El Timani nasceu em Campina Grande (PB). Filha de libaneses naturalizados brasileiros, a maior parte de sua educação ocorreu em colégio de freiras, o que não impediu Sumaia de ser uma garota descontraída que já conseguiu obter vários títulos esportivos em olimpíadas estudantis campinenses. Aos 15 anos de idade, lançou-se

no mundo da literatura com o livro “Pedaços de mim”.

(Fonte:Pedaços de vida - Campina Grande: Grafset, 1983).

Obras publicadas:

- Pedaços de vida (Campina Grande: Grafset, 1983);



- Além do arco-íris (Campina Grande: 1984).



326. TÂNIA ROCHA DOMICIANO

Obras publicadas:

- Verbo amar (1997);
- Imaginação a solta.

327. TAMAR ARAÚJO CELINO

Tamar Araújo Celino nasceu em Campina Grande (PB). Formada em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco-UCP, tem especialização em Direito Urbano pelo IBAM, no Rio de Janeiro. Foi assessora jurídica da Secretaria de Obras do município, tendo tido expressiva participação na implantação do Projeto CURA, nesta cidade. É advogada de Ofício do Estado e ocupou o cargo de Chefe de Gabinete da Presidência da Câmara Municipal de Campina Grande. Há dez anos milita na Imprensa paraibana tendo sido colaboradora do Diário da Borborema, Gazeta do Sertão e Jornal de Agá. Assina a coluna no jornal contrerrâneo “A Palavra”.

(Fonte:Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991).

Obras publicadas:

- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



328. TELMA EULÁLIO ALBUQUERQUE

329. TEKA'S

330. THEREZA RODRIGUES

331. TERMUTIS DO SOCORRO FIGUEIREDO AGRA

332. TEREZINHA FIALHO



Terezinha Fialho nasceu no Rio de Janeiro. Radicada na Paraíba. Graduada em Letras, ex-professora do Curso de Artes da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), especialista em Teatro da Educação. Atualmente é professora da UVA/UEPB.

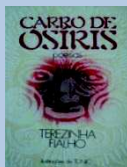
(Fonte:Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- Contradições (João Pessoa: A União, 1977);



- Carro de Osíris (1984);



- Versos em azul e branco (João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1998, poesia);



- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



333. TERESILDA DIAS DE QUEIRÓZ

Teresilda Dias de Queiróz nasceu em Itabaiana (PB). Com poucos anos de idade radicou-se em Campina Grande. Aqui, se formou em Serviço Social e atua na FEBEMAA. (Fonte:Coletânea Autores Campinenses-1986).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Campinenses-1986 (Campina Grande: Edições Caravela).



- Coletânea Autores Campinenses 97 (Campina Grande: Edições Caravela, 1997).



- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



334. TERESILMA DIAS DE QUEIRÓZ

Teresilma Dias de Queiróz nasceu em Campina Grande (PB). Assistente social; poeta; artista plástica; participa do coral “Coro Encanto” da UFPB.

(Fonte: Coletânea Autores Campinenses 1999).

Obras publicadas:

- Traços abstratos (Campina Grande: TS Editora, 1989);



- Coletânea Autores Campinenses 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



335. TEREZINHA FIGUEIREDO

Obras publicadas:

- Crônicas (Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé, 1981).



336. TEREZINHA MONTEIRO LINS FIALHO

337. THEREZA FREIRE VIEIRA



Obras publicadas:

- Encontro com o Passado (São Paulo: Scortecci, 2005, ficção).



338. TETÉ ASSIS DE OLIVEIRA

339. VALDÉLIA BARROS

Obras publicadas:

- Janelas de frente (João Pessoa: A União, 1983, romance);



340. VALÉRIA VILLARIM PIMENTEL NOBRE ALENCAR

Obras publicadas:

- Meu Mundo (Campina Grande: Gráfica Olímpio Rocha, 1978).

341. VÂNIA PERAZZO



Vânia Perazzo nasceu em Areia (PB). Cineasta e Roteirista, iniciou sua carreira como documentarista, o que lhe deu um senso agudo de observação da realidade do seu entorno, seja no Brasil ou no exterior. Em Paris realizou estágios na associação VARAN/Núcleo de Cinema (UFPB), passando em seguida a cursar o D.E.A. (Paris I/Sorbone) e Doutorado em Cinema (Paris X – Nanterre).

(Fonte: Berceuse - João Pessoa: Ideia, 2014).

Obras publicadas:

- Nas teias das moiras (João Pessoa: Ideia, 2012);



- Berceuse (João Pessoa: Ideia, 2014).



342. VALQUÍRIA LINS

Valquíria Lins (Kira) já ganhou inúmeros prêmios: Concurso de Poesia “Prêmio Sérgio de Castro Pinto”, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da UFPB; no XV Concurso de Poesia SESC de Campina Grande (PB); no concurso de Poesia do FESERP, Prêmio Augusto dos Anjos, na cidade de Aparecida (PB), todos no ano de 1996. Ganhou ainda Certificado de Menção Honrosa no 1º Concurso de Poesia da Biblioteca do CAAP/API e no Concurso Augusto dos anjos, de Leopoldina, Minas Gerais.

(Fonte: Outono - João Pessoa: Ideia, 1993, poesia).

Obras publicadas:

- Outono (João Pessoa: Ideia, 1993, poesia);



- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Fragmentos Poéticos (1996);
- Conto em “Crepúsculo na Filipeia” (Sebo Cultural, 1997);
- Húmus (1998).
- Velas de Abril (João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006).



343. VERA FERREIRA

344. VERA LÚCIA BARBOSA

Vera Lúcia Barbosa nasceu em Itabaiana (PB) no dia 12 de fevereiro de 1966. Coursou Letras (UEPB). Especialização em Linguística Textual/UFPB. Professora do Estado. Escreve poesia desde os 13 anos.

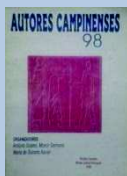
(Fonte: Coletânea Autores Parahybanos 1998).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998);



- Coletânea Autores Campinenses-98 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



345. VERA MEDEIROS

Vera Medeiros nasceu em Esperança (PB). É pedagoga, advogada, poeta e acadêmica. Abraçou o magistério superior na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde lecionou no Centro de educação por 10 anos. Em seguida, ingressou no UNIPÊ, onde ocupou o cargo de Pró-reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão. Hoje ocupa a diretoria de Patrimônio e Finanças. É uma das fundadoras da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba. Há 10 anos vem registrando seus instantes poéticos. Casada, mãe de três filhos e

avó de cinco netos.

(Fonte:Da cor dos meus sonhos).

Obras publicadas:

- Da cor dos meus sonhos (João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2013).



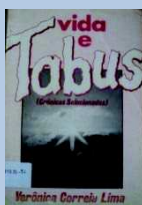
346. VERANEIDE WANDERLEY

347. VERÔNICA LIMA DE ALMEIDA

348. VERÔNICA CORREIA LIMA

Obras publicadas:

- Vida e tabus (crônicas selecionadas).



349. VESPERTINA MELO RIBEIRO

Vespertina Melo Ribeiro nasceu em João Pessoa (PB) no dia 9 de março de 1899. É poetisa, auxiliar de bibliotecária, declamadora de versos e sócia da Academia Paraibana de Poesia desde 1974.

(Fonte:Coletânea Autores Parahybanos 1999).

Obras publicadas:

- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



350. VICENTINA VITAL DO RÊGO

351. VICTÓRIA CHIANCA

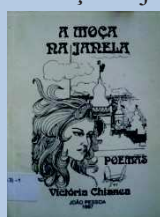
Maria das VictóriasChianca nasceu em Areia (PB) no dia 8 de agosto. Sua família

residiu em Campina Grande (PB) e depois em João Pessoa (PB). Victória frequentou o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Imaculada Conceição, Escola de professoras. Licenciou-se em História e Geografia. Depois de desquitada começou a escrever poemas, crônicas nos diversos jornais. Pesquisadora na fundação Casa de José Américo. Aposentou-se como professora do estado. É sócia do Instituto de Genealogia e heráldica e da Academia Paraibana de Poesia.

(Fonte:A moça na janela - 1997).

Obras publicadas:

- Biografia de José Américo (1986);
- Bio-bibliografia de José Américo de Almeida (s/ data);
- João Pessoa e suas pessoas (João Pessoa: Rigrafic Editora, 2001).
- A moça na janela (1997).



352. VILMA MARIA DE MACEDO

353. VIOLETA FORMIGA

Obras publicadas:

- Contra cena (João Pessoa: Editora Macunaíma, 1983).
- Sensações (1983).

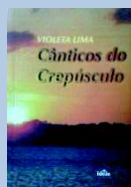
354. VIOLETA LIMA

Obras publicadas:

- Histórias de Amor (João Pessoa: Ideia, 2003);



- Cânticos do crepúsculo (João Pessoa: Ideia).



- Quando o inverno chegar... (João Pessoa: Ideia, 2004)



355. VITÓRIA LIMA



Maria das Vitórias de Lima Rocha nasceu em Recife (PE). Com quatro anos veio morar em Campina Grande (PB) e com 22 anos se transferiu para João Pessoa (PB). cursou Letras na UFPB. Fez Mestrados em Literaturas de Língua Inglesa e de Estudos Shakespeareanos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Foi professora de Literatura e Língua Inglesa da UFPB. Atualmente leciona as mesmas disciplinas na UEPB, Campina Grande. Participou de Antologias em Recife e Portugal.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- ‘Antologia Contemporânea da Poesia Paraibana’ (1995);
- Anos Bissexto (1997).



- Estação Recife 3 (2004);
- Integrou a antologia ‘Imagem passa Palavra’ (2004);
- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Fúcsia (João Pessoa: Linha d'Água, 2007).



356. WALDICE MENDONÇA DA SILVA PORTO

Obras publicadas:

- Sonetos em Sonata (João Pessoa: A União, 2001).



- Íntimas do íntimo.



357. WANDA ELIZABETH DE AZEVEDO

Wanda Elizabeth de Azevedo nasceu em Salvador (BA). Cidadã campinense desde 1968 por serviços prestados à Educação. Fundadora dos Colégios Estaduais da Prata, em 1953, e de José Pinheiro. Exerceu a vice-diretoria do Estadual da Prata na gestão do professor Francisco Aldo. Fez Geografia e Pedagogia, especializando-se em Administração Escolar. Casada, 6 filhos, 15 netos. Faz parte da Academia de Letras de Campina Grande. Foi secretária de Promoção Social, passando a secretaria a chamar-se do Trabalho e Promoção Social. Aposentou-se depois de 36 anos de atividades educacionais.

(Fonte: Pingos Literários - Campina Grande: Offset Marccone, 1991).

Obras publicadas:

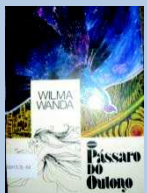
- Coletânea Pingos Literários (Campina Grande: Offset Marccone, 1991).



358. WILMA WANDA (DE SOUZA EMERI)

Obras publicadas:

- Coletânea 'Buscando as Flores';
- O Pássaro do Outono (João Pessoa: A União, 1977, crônicas).



359. YAPONIRA CASTRO SÁ

Obras publicadas:

- Todavia (Maceió: Grafcerta, 2005).

360. YÓ LIMEIRA

Maria Yolanda de Miranda Limeira nasceu em João Pessoa (PB). Professora, animadora cultural e jornalista. Licenciada em História pela UFPB e em Língua Francesa pela Universidade de Nancy (Aliança Francesa). Criou o suplemento infanto-juvenil “Correinho das Artes” – do jornal “A União” e a revista também infanto-juvenil “Verdes Anos”. Editora da UFPB e da Revista Augusta (poesia). Tem publicado seus poemas em jornais e revistas locais e nacionais.

(Fonte: Memórias rendilhadas: vozes femininas).

Obras publicadas:

- Memórias rendilhadas: vozes femininas (João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2006, coletânea de contos).



- Era domingo... (João Pessoa: Ideia, 2008).

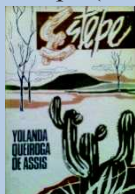


- Coletânea de Poetas Paraibanos (Editora da UFPB).

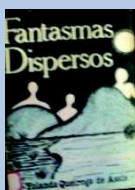
361. YOLANDA QUEIROGA DE ASSIS

Obras publicadas:

- Psicose;
- Árvore Cortada;
- Espectros;
- Estepe (João Pessoa: Fênix, 1991);



- Fantasmas Dispersos (João Pessoa: Unigraf, 1989);



- Fiapos de minha vida;
- Encruzilhada de Emoções (João Pessoa: J. B. Editora, 1993).



- Feixe Desfeito;
- Soprar dos ventos (João Pessoa: Ideia, 1996);



- Sombras;
- Palco do meu eu;
- Disfarces do destino (João Pessoa: Pentágono, 1998)..



- Flor sem haste (João Pessoa: Real Gráfica, 1999):



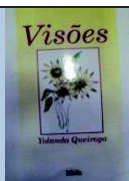
- Eu em mim (João Pessoa: Editora Imprell, 2001):



- Sonhos no deserto (João Pessoa: Imprell Gráfica, 2002):
- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- Visões (João Pessoa: Ideia, 2004);



- Recortes da Alma (João Pessoa: Ideia, 2006, poesia).



362. YVANNA OLIVEIRA



Obras publicadas:

Diversos: poesia e cotidiano (João Pessoa: Editora Ideia, 2013).

363. ZÉLIA ALMEIDA

Obras publicadas:

- Ecologia de sonhos (João Pessoa: Ideia, 2006).



364. ZÉLIA MONTEIRO BORA



Zélia Monteiro Bora nasceu em João Pessoa (PB). Doutora em Portuguese and Brazilian Studies, pela Brown University, EUA (1998). É professora de Literatura Brasileira e Comparada na Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolve pesquisas sobre Gênero, Etnicidade, Literatura e Ecocrítica. Militante pelo Direito do Animais, ela é presidente da Associação Fórum de Proteção e Defesa Animal (PB). Durante o período de 2006-2007 foi bolsista da AAUW Foundation (American Association for Women University) na Universidade da Califórnia,

Berkeley, onde desenvolveu pesquisa para pós-doutorado, intitulada: “Memórias da Religião: Me Zozó, passado e presente no Candomblé baiano”. Como bolsista Fulbright em 2012, Zélia atuou como ministrante do Curso RethinkingRace, ClassandGender in Brazilian Cinema andLiterature, na Universidade da Califórnia, Berkeley (African American Studies).

(Fonte:Poemas das cidades mortas e dos pequenos seres invisíveis).

Obras publicadas:

- A Grande Mãe e outros poemas (2006).
- De Heloísa para Abelardo: poemas nunca escritos (João Pessoa: Editora Baraúna, 2008).



- Poemas das cidades mortas e dos pequenos seres invisíveis (Belo Horizonte: Nandyala, 2013).



365. ZENILDA BRASIL

366. ZILMA FERREIRA PINTO



Zilma Ferreira Pinto nasceu em Tacima (PB). Autora de vários trabalhos, incluindo-se o gênero da trova, da literatura de cordel, a pesquisa histórica e a genealogia. Membro da Academia Paraibana de Poesia. Sócia da UTB (União Brasileira de Trovadores)-PB e de outras agremiações culturais.

(Fonte:O Romance de Ferdinando e Maria - Prêmio Novos Autores Paraibanos, 1998).

Obras publicadas:

- Cancioneiro Experiencial (João Pessoa: sem editora, 1987);



- A História da Pedra Maliciosa (Infanto-Juvenil, Prêmio Novos autores Paraibanos, 1996);
- O Romance de Ferdinando e Maria (Cordel, Prêmio Novos Autores Paraibanos, 1998);



- Coletânea Autores Parahybanos 1998 (Campina Grande: Edições Caravela, 1998).



- Coletânea Autores Parahybanos 1999 (Campina Grande: Edições Caravela, 1999).



- O Eu de Augusto dos Anjos em trovas e notas (João Pessoa: Edições O Sebo Cultural, 2008).



4. TENDÊNCIAS DA LITERATURA PARAIBANA DE AUTORIA FEMININA

A literatura produzida por mulheres no estado da Paraíba passa por uma carência no que diz respeito a tentativas de sistematização dessa produção, tanto no que se refere ao estilo pessoal quanto ao papel dessas autoras no quadro da literatura do estado em questão; aspectos estes considerados aqui em seu caráter processual. Os raros livros que tratam da história da literatura paraibana elaboram uma “história masculina”, deixando a produção feminina em segundo plano ou merecendo apenas menção rápida. “História masculina” porque possui uma tendência à valorização dos textos escritos por homens; e porque ocorre a exclusão de nomes de “mulheres escritoras”. Ou seja, a literatura de autoria feminina no referido estado é escamoteada em relação à produção masculina; e, conseqüentemente, o estudo sobre suas características, tendências e impasses é pouco explorado.

Dessa forma, apontaremos neste capítulo algumas tendências da literatura feminina na Paraíba, tomando como base os dados resultantes da catalogação e de leituras já realizadas de obras contidas no Catálogo (vide Apêndice 4). A hipótese, ora proposta, é a de que a literatura de autoria feminina paraibana assume tendências como: 1. Filosófica-existencial; 2. Lírica; 3. Memorialista; 4. Regionalista; 5. Interdiscursiva; 6. Sacro-profana. A intenção, por ora, não é mostrar como ocorreu o processo de tais tendências, mas sim proporcionar uma visão geral dessa literatura a fim de que, com isso, haja uma maior sistematização dessa produção para que sirva de orientação para outros trabalhos que se interessem por esse assunto; como também apresentar com mais profundidade aspectos da autoria literária paraibana de lavra feminina, visto que, pelo já anunciado, não há, por parte dos historiadores e críticos literários um “interesse” em analisar obras na perspectiva que aqui fazemos. O apontamento dessas tendências não se pretende redutor ou ser um mero esquema estilístico da produção feminina. Esta atividade é o ponto de partida para futuros estudos, que dialoguem ou não com este, estabelecendo ou não outras diretrizes que sirvam de análise.

Trabalharemos neste capítulo com a noção de texto emblemático, isto é, identificadas as características a partir da leitura de algumas obras e da análise dos dados da catalogação, elegemos obras emblemáticas que exemplifiquem as tendências acima mencionadas. São textos que exemplificam de maneira satisfatória as considerações elaboradas neste capítulo. Como principal critério adotado nesta seleção

buscou-se obras que mostrem de forma suficiente as tendências aqui pensadas, não nos prendendo a datas de publicação. Obviamente, algumas delas, como a interdiscursiva, vão ser melhores representadas por obras publicadas recentemente. Isso também não significa que as características das obras apontadas neste espaço aprisionarão determinada escritora em uma das tendências. Elas podem possuir obras que possam fazer parte de mais de uma tendência. A intenção não é aprisionar ou simplesmente classificar uma obra ou autora, nosso objetivo é trazer à tona essa produção, uma vez que não há estudos que se debrucem sobre esse tema. Entendemos que o processo de valorização dessa literatura passa por uma necessária organização, cuja finalidade é evitar que continuem desconhecidas e/ou à sombra das figuras masculinas.

Conforme aponta Barbosa Filho (1985), pensar a produção literária paraibana como recorte da literatura brasileira é deparar com um espírito retardatário e com o epigonismo, que consiste na adoção de uma consciência literária calcada na noção clássica de modelo. Dadas às devidas proporções críticas feitas por este autor, já que esse pensamento foi estabelecido na década de 1980, há uma conseqüente relação de comparação entre uma “literatura local”, restrita a uma região geográfica, e uma “literatura nacional”. Porém, temos que considerar que a manifestação literária de âmbito nacional inclui (ou deveria ser levada em consideração) as diversas manifestações multifacetadas que compõem nossa cultura, advindas de vários rincões da nação. Na Paraíba, por exemplo, há uma forte tendência à poesia lírica, o que ocorre em âmbito nacional em menor grau; ao mesmo tempo, há neste estado a tendência geral pelo cultivo da narrativa curta e o aparecimento de textos que promovem a discussão dos limites e deslimites dos gêneros literários e, conseqüentemente, do que é literatura, ou seja, textos que levam à reflexão sobre os limites dos gêneros literários no que diz respeito a suas características e à dissolução dessas fronteiras textuais, o que ocorre com os gêneros híbridos. Logo, há tendências em conformidade com o quadro geral da literatura brasileira, bem como características próprias da produção local, uma vez que as influências e o contexto cultural diferentes propiciam o desenvolvimento de peculiaridades literárias.

Se não houver uma organização em torno da literatura de autoria feminina na Paraíba, essa produção continuará sendo considerada “manifestação literária” e não fazendo parte de um “sistema literário”. Isso implica a constituição de uma tradição, no entanto, não no sentido comumente tratado pela crítica. É uma tentativa de

estabelecimento de uma tradição dentre outras tantas tradições possíveis, que não são excludentes entre si, ao contrário, são complementares e importantes em termos de legitimação de grupos sociais diversos. A busca por uma sistematização propicia o fortalecimento da literatura paraibana, visto que isto propicia que mais pesquisadores possam vir a se dedicar a seu estudo, valorizando-a, e as próprias escritoras poderão se sentir fazendo parte de um conjunto, e não testemunhando o desenvolvimento dessa produção sendo alocadas em guetos locais. Para a existência de uma literatura enquanto sistema é necessário:

“a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (CANDIDO, 2000, p. 23).

Logo, é fundamental para a consolidação de uma literatura nacional a interação entre autor, obra e público. Estes três elementos estão na base do que é entendido como sistema e tornam a literatura uma atividade orgânica capaz de manter uma continuidade. Essa noção, no entanto, deve ser entendida também em nível estadual, para que a denominação “nacional” não seja uma expressão excludente. Se numa democratização da literatura novos espaços e sujeitos ganham vez, então a participação das literaturas estaduais e regionais precisa ser considerada na constituição da literatura nacional. Ou seja,

“num país de dimensões continentais como o Brasil e onde a jovem democracia ainda não diminuiu de forma expressiva a desigualdade social, a circulação de através da web, capaz de neutralizar as grandes distâncias e o afastamento dos tradicionais centros produtores de cultura (São Paulo e Rio de Janeiro, em especial, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, em seguida, cada um com seu perfil) impõe uma nova cartografia literária, ao mesmo tempo em que estabelece novos fluxos de circulação artística na relação entre a produção artística local e global” (RESENDE, 2010, p. 112).

Além de demandarem por uma revisão do conceito de literatura, a produção literária contemporânea, em sua multiplicidade de formas e lugares de fala, clama por uma reflexão em torno da validade desses centros de poder cultural. A insistência em manter a literatura brasileira baseada em alguns centros que não representam toda a

nação corre o risco de anacronismo, uma vez que as formas de interação e a democratização do espaço de criação literária, ainda que defendido bravamente por tradicionalistas, impõem novos desenhos no mapa do Brasil quanto ao fenômeno literário, com territórios despontando-se e conquistando espaço. Negar que existem estes espaços e que vozes de parcelas populacionais ainda precisam de representação no âmbito literário é ignorar a realidade social brasileira, ou seja, como afirma Regina Dalcastagnè (2012, p. 193), “negar isso é insistir na perpetuação de uma forma de opressão, que elimina da literatura tudo o que traz as marcas da diferença social e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras em potencial”. Assim, evidenciar a produção literária de um território invisibilizado é lutar contra vetores de diversas ordens responsáveis pela manutenção do poder social e econômico:

“nosso campo literário é um espaço excludente, constatação que não deve causar espanto, já que ele se insere num universo social que é também extremamente excludente. (...) O resultado é que, como conjunto, nossa literatura apresente uma perspectiva social enviesada, tanto mais grave pelo fato de que os grupos que estão excluídos da voz literária são os mesmos que são silenciados nos outros espaços de produção do discurso – a política, a mídia, em alguma medida, também o mundo acadêmico.” (DALCASTANGNÈ, 2012, p. 193)

O campo literário é uma engrenagem dentre outras tantas que funcionam como mecanismos de manutenção e fortalecimento do pensamento social vigente, que é falocêntrico, heterocentradoe excludente das parcelas sociais que não seguem o padrão masculino, branco, heterossexual, classe média e morador da região Sudeste.

Queremos mostrar com isso, que, devido às dimensões continentais do Brasil, as tendências e estilos literários levam a uma divisão do território nacional, que nem sempre, ou quase nunca, irá coincidir com a divisão político-administrativa. Para que haja uma interação maior entre os artistas desses polos, fazendo com que as obras tenham uma maior circulação e divulgação, é necessário que as fronteiras entre essas áreas sejam atenuadas, o que não significa que cada região perderá suas características. Essas fronteiras já estão sendo apagadas em virtude da troca de informações e interações proporcionadas pelos meios de comunicação, como a televisão e, sobretudo, a internet, através dos blogs e outros meios virtuais. A internet pode se transformar numa arma poderosa de circulação de textos, fazendo com que autoras atinjam leitores de regiões distantes.

4.1 TENDÊNCIA FILÓSOFICA

A arte poética e a filosofia apresentam origens intimamente ligadas. A maioria dos filósofos pré-socráticos expressava-se em versos e os poetas refletiam sobre temas que mais tarde seriam desenvolvidos pelos filósofos, como a natureza da poesia e aspectos metafísicos que circundam a natureza humana (a exemplo da existência de divindades e a busca pela verdade). Assim, “a relação entre filosofia e literatura pertence à história de ambas em sua especificidade e em alguns momentos ambas confundem-se, pois muitas vezes o pensar filosófico se dá na literatura e a literatura refrata os grandes debates desenvolvidos na filosofia” (MAGALHÃES, 2009, p. 48). Há uma mútua contribuição no sentido de que uma ajuda a refletir sobre a outra. Em determinados períodos históricos essa reciprocidade ocorrerá em maior ou menor grau, determinando características dos movimentos literários, como o mito do “bom selvagem” de Rousseau, que foi a base ideológica para os poetas românticos brasileiros tomarem o índio como representante de um passado ainda não corrompido por influências estrangeiras.

Porém, os poetas passaram a ser considerados pensadores de menor valor pelos filósofos e houve uma separação entre as duas áreas. A reunificação ocorreu na Modernidade: “recentemente, as coisas passaram a modificar-se. Surge um Nietzsche, o pensador-poeta, e que precisamente por sê-lo sofreu um processo de marginalização até a poucos anos” (BORHEIM, ano, p. 61). A partir disso as duas áreas em questão começam a tratar de diversos temas em comum e a nutrir um diálogo enriquecedor. Hoje, existem vertentes que analisam a poesia, e a literatura em geral, à luz de correntes e teorias filosóficas, refletindo sobre a forma de diálogo existente entre elas. Portanto,

“não é refletir para que aconteça o diálogo, mas pressupor o diálogo entre filosofia e literatura, procurando não somente identificar as formas de diálogo, mas também as implicações de filosofias em formas literárias e de literatura em diálogo com enfoques filosóficos, com o fito de refletir sobre a filosofia em seus conteúdos e formas literárias e a literatura em seus conteúdos filosóficos” (MAGALHÃES, 2009, p. 53).

Atualmente, a separação entre essas duas áreas do saber torna-se muito difícil justamente em razão da forte ligação entre ambas. As transformações nas formas literárias são resultados, dentre outros fatores, da filosofia que está imbuída em tal corrente literária e no tipo de efeito que se quer causar no leitor. No conjunto de textos

poéticos das autoras paraibanas que apresentam traços filosóficos também estamos considerando aqueles textos de cunho existencial e/ou que tratem de questões metafísicas, entendidos como integrantes do discurso filosófico.

Esta tendência é representada principalmente pelos textos em versos. A produção poética das autoras paraibanas carrega consigo aspectos existenciais e metafísicos, observados em poemas que proporcionam uma reflexão em torno das várias dimensões do ser humano⁷. Podemos afirmar que são raras as exceções de obras que tratem de outros aspectos. Há um mergulho nos sentimentos humanos e nas aflições que atingem a maioria dos indivíduos (como o que é felicidade; a busca por uma grande paixão; a morte; questões sociais, a exemplo do consumismo desenfreado, lutas sociais, capitalismo, pobreza). A principal escritora representante desta linha temática é Maria do Socorro Cardoso Xavier. Já é possível verificar tais características nos títulos de duas de suas obras, como em *Filosoando a vida* (1991) e *Penso, Logo Insisto* (2009).

A primeira obra, publicada pela Editora Scortecci (São Paulo), traz poemas em versos livres e brancos nos quais predomina uma intensa ansiedade por respostas ou soluções para conflitos humanos, a exemplo de *Interrogações*:

Por quanto tempo
ficará
minha vida
adiada?

São nossos corpos
que se atraem?
São nossos corações
que se evitam?
O contrário?
Ou os dois?
(XAVIER, 1991, p. 36)

Neste poema o eu lírico se pergunta qual o tempo necessário para que esqueça a paixão outrora vivenciada e consiga seguir outro caminho, esquecendo as dores causadas por tal sentimento. No entanto, ele não tem certeza do desejo do afastamento

⁷ Com base nas obras que tivemos acesso, indicaremos algumas autoras pertencentes a esta tendência. Logo, algumas escritoras presentes no catálogo não serão mencionadas em nenhuma das tendências visto que não houve a leitura de tais livros. Desta forma, na poesia filosófica temos: Maria do Socorro Cardoso Xavier; Teresilma Dias de Queiroz; Verônica Correia Lima; Valdelia Barros; Yolanda Queiroga; Sumaia Timani; Amélia de Souza Ferreira; Maria do Socorro Ribeiro; Nair Gusmão; Aíla Diogo; Cristina Simone Ramos Barbosa; Dilma Stael Alexandre Mariz; Vera Lúcia Barbosa; Luciana Belarmino Cavalcante; Diana Martins; Elaine de Souza Castro; Sônia Maria Sobreira da Silva; Elisa Diniz Soares; Micheline Brasil.

uma vez que há um jogo de sedução e entrega no qual não se sabe quem é o responsável, ou mesmo se há responsáveis. Esse impasse entre permanecer na mesma situação de desconforto e buscar outro modo de vida também aparece em “Devaneios”, de Dilma Stael Alexandre Mariz:

Paixão, sonho, identidade,
 medo, desilusões, saudades.
 Que fazer? Se lidar com o abstrato me atemoriza,
 como segui, se o destino tem sido impiedoso...
 pregando peças no meu caminhar
 e como fugir, se quero mesmo é ficar. (...)
 (MARIZ, 1998, p. 29).

Assim como no poema anterior, o eu lírico deste texto também se encontra em um dilema porque está preso em uma situação que lhe causa tristeza ao mesmo tempo em que sente a vontade de seguir em busca de novas experiências. No entanto, o fato de encontrar obstáculos nessa jornada faz com que ele tenha medo, além disso, ele reconhece que realmente deseja ficar, mesmo continuando a sofrer. Esse medo é resultado da falta de habilidade em lidar com noções abstratas, como projetos de vida, cujos modos de concretização não são totalmente controláveis.

Conforme aponta Hildeberto Barbosa Filho (1985, p. 56), esta tendência “resiste às vanguardas, aos excessos de experiências técnicas da poesia contemporânea”. Ou seja, este tipo de produção poética possui terreno fértil ao longo da história da literatura paraibana, mesmo havendo as iniciativas vanguardistas da *Geração 59*⁸ e do *Grupo Sanhauá*⁹. No caso deste grupo, formado por jovens poetas que publicaram uma antologia poética patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura em homenagem a Augusto dos Anjos e Silvino Olavo, buscou-se romper com a linguagem moderna

⁸É como ficou conhecido um movimento artístico-cultural surgido em João Pessoa na segunda metade da década de 50. Sob a liderança de Vanildo Brito, um grupo de jovens escritores inconformados com o marasmo intelectual, e inspirados no Movimento Modernista, iniciou um processo de renovação da linguagem e na estética literária na Paraíba. Divulgados principalmente no Correio das Artes (suplemento do jornal A União), os textos destes autores provocaram balburdia, levantaram polêmicas e influenciou também o cinema, a música e o teatro. Em 1959 houve a publicação do livro “Antologia Geração 59”, com poemas dos integrantes do grupo em questão.

⁹Nome dado ao movimento artístico-literário paraibano sintonizado com as vanguardas literárias já surgidas no país. O movimento, encabeçado por Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Marcus Vinicius e Marcos dos Anjos, buscava caminhos próprios para a produção paraibana, sem negar as heranças, mas buscando estéticas próprias. Em 1963, o poeta Marcos dos Anjos publica “Alguns Gestos”, dando início a uma série editorial chamada Sanhauá, caracterizada pela concepção artesanal, com livros mimeografados e de capas feitas com papel de embrulhar carne. Esta série imprime um aspecto de renovação da linguagem poética no cenário paraibano, opondo-se aos modelos literários tradicionais. A partir daí, o nome tem seu uso generalizado a várias práticas artístico-culturais.

(poemas de formas livres, linguagem cotidiana, temas do cotidiano) e cultivar as formas tradicionais de expressão poética. Logo, não houve uma negação do aspecto metafísico, uma das orientações estéticas era justamente a adoção de um temário lírico e metafísico, se aproximando, ainda na visão do estudioso acima citado, da dicção neossimbolista do movimento espiritualista da Geração de 45 (BARBOSA FILHO, 1985, p. 29), se observarmos o quadro da literatura brasileira. O *Grupo Sanhauá*, por sua vez,

“põe a província em contato pleno com a contemporaneidade estético-literária, na medida em que busca soluções técnico-formais do mais atualizado vanguardismo. Por outro lado, inaugura o compromisso sistemático com os procedimentos expressivos da lírica moderna. (...) Assim, podemos situar o fenômeno poético do Grupo Sanhauá em torno de algumas matrizes fundamentais, a saber: a verve crítica da paródia característica de certos segmentos do Modernismo; o divisor de águas representado pela dicção contida de João Cabral de Melo Neto e, finalmente, as vanguardas dos anos 50 e 60, como o Concretismo e a Poesia Práxis”. (BARBOSA FILHO, 1985, p. 31).

Portanto, a poesia desse grupo configurou uma ruptura mais radical com a tradição poética, não somente a nível temático-formal, mas sobretudo ideológico e editorial, visto que os autores pertencentes ao *Grupo Sanhauá* se recusavam a entrar no mercado editorial tradicional e conservador, produzindo de forma artesanal edições mimeografadas e encapadas com papel de embrulhar carne.

Em *Penso, Logo Insisto*, obra da mesma autora publicada em 2009 pela Editora Ideia (João Pessoa) temos poemas e pensamentos, como o próprio título denuncia através da apropriação do famoso aforismo de René Descartes: “Penso, logo existo”; frase símbolo do racionalismo proposto a partir das ideias deste filósofo. Passemos a leitura do poema *Carrossel*:

Nas esquinas da vida
Eclipsa-se mais um sonho
E nasce uma nova vida
Na outra esquina
Mais uma história que finda
Outra que se repete
Com outros conteúdos
Outra contingência
Assim é o carrossel da vida
E o irreversível destino.
(XAVIER, 2009, p. 56)

Através de uma consciência calcada na irreversibilidade das coisas, o eu lírico demonstra uma preocupação com o fim de uma etapa de sua vida e o início de outra,

porém, reconhece que todos os fatos levam a um só caminho para cada indivíduo. E esse constante recomeçar se configura como o carrossel do título. Esse medo de pequenas ou grandes mudanças na vida é um sentimento encontrado com frequência na leitura dos poemas dessas autoras, bem como o desejo por essas transformações. Como podemos perceber em “Frustração”:

Um pouco de amor
 um pouco de paz,
 foi o que sempre quis...
 Uma vida sadia
 para depois morrer feliz!
 Hoje, no fim da jornada,
 sem Amor e sem Paz,
 e por isso sem nada,
 não posso morrer
 sem primeiro viver...
 E agora? O que fazer?
 (GUSMÃO, 1984, p. 98).

O eu lírico expõe neste poema um forte desejo de ter vivido momentos de “Amor e Paz”, porém, agora, no final da vida, ele percebe que está frustrado porque não pode morrer sem antes passar por essas experiências. As duas perguntas do último verso mostram claramente que o eu poético não sabe o que fazer diante dessa situação. Essa sensação de que mais nada pode ser feito aparece em outros escritos.

A ansiedade e necessidade por uma vida cheia de emoções, com aventuras amorosas e realizações pessoais, é um tema constante na produção literária feminina na Paraíba. Uma vida apática, que não provoque no eu lírico o florescimento dos mais variados sentimentos (paixão, amor, realização profissional), é a principal aflição na poesia tratada neste tópico. Dessa forma, através da poesia as escritoras se questionam também sobre sua existência, proporcionando uma reflexão filosófica a partir do texto poético. Esses conteúdos filosóficos ajudam na construção temática dessas obras literárias, ao mesmo tempo em que estas contribuem para um fortalecimento e proliferação de questões filosóficas.

4.2 TENDÊNCIA LÍRICA

A poesia lírica surgiu na Idade Média, costumava ser cantada ao som de um instrumento de cordas popular da época chamado “lira”, que deu origem a “lírica”. Em razão de seu aparecimento ter sido intimamente ligado à música, a poesia lírica passou a

ter uma metrficação peculiar que lhe garante um ritmo, a qual é caracterizadora dos gêneros líricos. Ainda no plano da forma, a noção do “eu lírico” tornou-se fundamental para a estruturação desse texto e para a exposição dos sentimentos através desta categoria, adquirindo uma forte subjetividade e existindo de maneira diferente em cada tipo de gênero lírico. No que diz respeito ao conteúdo, há uma intensa exposição de sentimentos e emoções, sejam amorosos ou outro tipo de sentimento. Esse caráter emocional intensifica-se pelo ritmo, ou seja, “no texto lírico, os recursos sonoros e de significação se aliam de tal forma, que se cria uma unidade” (SOARES, 2007, p. 26). Assim, há uma harmonia entre forma e conteúdo, e há variações dependendo do gênero lírico e do tipo de sentimento que o eu lírico quer causar ao leitor. Segundo Bosi (1977, p. 25-26), “o discurso é sempre arranjo de enunciados que se comportam como processos integradores de níveis diferentes, cujos extremos são o simbólico e o sonoro”. Esses diferentes níveis (semântico, sintático, sonoro, simbólico) atuam na constituição da linguagem poética, afetando diretamente a construção de sentidos por parte do leitor.

No entanto, ao longo do tempo a poesia lírica sofreu algumas modificações passando a expor temas sociais: “é comum, nessa lírica de temática não intimista, a substituição gramatical da primeira pela terceira pessoa. O sujeito, então, mais do que nunca, identifica-se na e pela linguagem, através da dicção própria de cada poema, de sua estruturação singular” (SOARES, 2007, p. 26). Assim, conteúdos sociais foram incorporados mantendo-se o aspecto rítmico, que assume dicções diversas dependendo do tema e do sentimento coletivo injetado no texto. A tensão entre individual e coletivo faz nascer essas variações temáticas e formais, uma vez que, como qualquer outra manifestação artística, a poesia acompanha as mudanças pelas quais a sociedade passa. Logo, todas essas transformações são reflexos de uma macroestrutura social que influencia todas as áreas do conhecimento humano. Desse modo, levando em consideração os textos integrantes do catálogo, conceituamos poesia lírica como o texto poético no qual o eu lírico deixa transbordar suas emoções, principalmente o amor, os quais são plasmados por meio de uma linguagem subjetiva. Quanto ao aspecto formal, na maioria das produções há o lirismo em formas livres; após o movimento modernista houve um enfraquecimento da rigidez das formas, ocasionando uma maior liberdade em relação ao modo de estruturação dos poemas. No aspecto contedístico manteve-se o ritmo e o sentimentalismo acrescidos dos conflitos sociais, a exemplo do poema *Companheira*, de Sílvia Perazzo:

A juventude que morava em mim
 levou-me aos píncaros da alegria
 também envolveu-me na dor
 ao fazer-me conhecer o amor
 Abandonando-me
 no meio da vida
 chorei!...
 Quem veio morar comigo
 então?
 Nunca pensei!
 A solidão.
 (PERAZZO, 1996, p. 109).

Os versos livres conferem uma maior dinamicidade ao poema: os primeiros versos são mais extensos, representam a força da juventude do eu lírico e a intensidade de sua alegria, tristeza e amor; à medida que esse amor vai acabando os versos ficam mais curtos, e, numa reviravolta de sentimentos, uma vez que da extrema felicidade vai-se à tristeza mais profunda, o último verso revela seu destino: a solidão. Os sentimentos, assim como os poemas líricos da Idade Média, são representados de forma intensa. Já a liberdade formal conquistada no Modernismo proporcionou um trabalho linguístico e estrutural que está em harmonia com o destino solitário do eu poético. Há o cultivo de versos regulares e versos livres por parte dessas autoras. De qualquer modo, quando o poema possui versos regulares normalmente não significa que ele pertença a uma forma fixa específica da poesia lírica, como soneto ou canção. Estes são formas fixas pouco encontradas nessa produção literária. Isso pode ser explicado em razão do “versolivrismo” fortemente aceito após a instituição da poesia moderna, como já apontado acima.

Esse é um tipo de poesia muito cultivado pelas autoras paraibanas, aparecendo também o lirismo metalinguístico e, em menor incidência, o social, como veremos adiante¹⁰. O tema mais recorrente é o amor (como já mencionado neste tópico e no

¹⁰ Algumas autoras que fazem parte desta tendência lírica são as seguintes: Valquíria Lins; Sílvia Perazzo; Anna Apolinário; Zélia Bora; Jane Luiz Gomes; Maria Helena Coelho; Mirtes Waleska Sulpino; Maria das Dores Medeiros de Souza; Regina Lyra; Maria do Carmo Barbosa Coura; Zélia Almeida; Vera Medeiros; Fidélia Cassandra; Cyelle Carmem; Magna Vanuza Araújo; Shirley Cabral de Vasconcelos; Gêlda Maria Moura; Victória Chianca; Iêda Muniz Nóbrega; Maria do Socorro Domingos; Maria Pires da Silva; Socorro Carneiro; Sabrina de Sousa Correia; Ana Hígina; Terezinha Fialho; Nísia Nóbrega Leal; Valéria Vilarim Pimentel; Socorro Lira; Marisa Barros; Rita de Cássia Alves; Hélvia Callou; Selma Vilar; Palmeira Guimarães; Samelly Xavier; Lourdes Cordeiro; Cassandra Figueiredo; Tânia Rocha Domiciano; Teté Assis de Oliveira; Icléa Vasconcelos de França; Fátima Barros; Judith Amorim de Moraes; Elizete Cassiano; Luzia Limeira de Carvalho; Clélia Lopes de Mendonça; Francisca Vânia Rocha Nóbrega; Helena Pessoa; Guiomar Travassos Chianca; Célia Carvalho; Clélia Silveira.

primeiro capítulo deste trabalho), porém há ainda a tematização de outros sentimentos (medo, alegria, tristeza, luto, solidão), referências ao cotidiano, à infância e à natureza.

Encontramos diversas autoras que refletem sobre a arte ou ofício de escrever poemas, como Maria do Socorro Domingos, Mirtes Waleska Sulpino, Fátima Barros, Maria Pires da Silva, Célia Carvalho e Valquíria Lins, é desta este poema:

Entrelinhas

Fazer poemas
É ver
O que o outro não viu
No que se viveu
Ou
Não ser
O que o outro viu
No que se viveu.
(LINS, 2006, p. 85)

A leitura do poema revela a reflexão que a autora realiza sobre o que motiva um indivíduo a compor um poema. Se no início o eu lírico afirma que o poeta tem um olhar privilegiado, que percebe fatos e acontecimentos que outras pessoas não percebem, no final do poema o eu poético questiona sua própria visão, indagando se não é justamente o contrário: negar o que o outro viu trazendo à tona uma realidade confrontadora motivada por essa percepção alheia. A conjunção alternativa “ou” provoca essa quebra de percepção do eu lírico e do leitor, bem como o paralelismo sintático e semântico dos versos “o que o outro não viu/no que se viveu” com as últimas linhas: “o que o outro viu/no que se viveu”, provocando o efeito final de reflexão metalinguística. A partir do século XX esse tipo de poema, em que se questiona e/ou há a reflexão sobre o fazer poético tornou-se mais comum. No Brasil, esse tipo de discurso possuía um caráter combativo à poesia produzida no período do Parnasianismo, cujas matrizes estéticas defendiam uma construção rígida do poema seguindo formas regulares, não havendo liberdade composicional. Noção esta que os modernistas combatem, sobretudo Manuel Bandeira ao declarar estar farto do “lirismo comedido, bem comportado, que não é libertação”; contribuindo para uma visão menos “burocrática” e mais “espontânea” da poesia.

Quanto à poesia lírica de cunho social não há uma produção tão consistente quando comparada à amorosa, apontando para o fato de que as mulheres apresentam

uma tendência à exposição de sentimentos amorosos em seus escritos, o que pode ser explicado em razão do contexto sociocultural no qual as mulheres são educadas e influenciadas em sua personalidade e formação identitária (não entraremos nesta discussão visto que não há espaço teórico para isso neste tópico). Diversas autoras (como Fidélia Cassandra, Terezinha Fialho, Luzia Limeira de Carvalho) trazem em seus livros algum poema que trate de algum conflito social, raras são as que possuem obras norteadas por essa temática, uma delas é Zélia Bora:

Fixo meu olhar
sobre os canteiros verdes das praças de Hiroshima.
Pequenos monumentos
erguem-se
sobre canteiros.
Atrás de mim, o porto lembra-me a morte
cravada sob o solo da sofrida cidade.
(BORA, 2013, p. 14)

Este poema faz parte do livro intitulado *Poemas das cidades mortas e dos pequenos seres invisíveis*, cujos escritos fazem referência direta à cidade de Hiroshima, no Japão, onde houve a explosão de uma bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1945, deixando milhões de mortos, feridos e contaminados pelas substâncias liberadas pela explosão do artefato. A obra trata, assim como o poema transcrito acima, do clima de dor e sofrimento deixado na cidade mesmo depois de passados tantos anos. Através do olhar do eu lírico o leitor capta a sensação de tristeza e desolação dos versos, cujo ritmo irregular nos remete às catástrofes físicas sofridas pela cidade e pelas pessoas e as suas lembranças traumáticas. Também há em sua poética outros espaços nos quais o eu poético expõe uma tensão entre o fato observável e o mais profundo sentimento e percepção: São Francisco (Estados Unidos) e Rio de Janeiro (Brasil). O próprio título do livro (*Poemas das cidades mortas e dos pequenos seres invisíveis*) sugere isso, lugares acometidos por grandes desastres que os deixam sem vida e onde os seus habitantes passam despercebidos; as preposições “das” e “dos” reforça a ideia de que o eu lírico extraiu seus sentimentos desses locais, com todas as dimensões (humana, social, natural, física) que o compõem.

Assim como a tendência filosófica (abordada adiante), a poesia lírica resistiu fortemente ao longo das décadas e em meio a novas formas de composição do texto poético, bem como “marcada por uma linguagem de semântica agudamente transfigurada, onde predominam a metáfora, a imagem, o símbolo, o mítico”

(BARBOSA FILHO, 1985, p. 56). A dinâmica formal desta poesia adquirida ao longo do tempo permite o tratamento de velhos temas (amor, infância, velhice) através de novas formas poéticas, que possuem um lugar de destaque na literatura paraibana (poemas com maior liberdade formal que não seguem uma estrutura fixa, uma vez que são constituídos por versos livres, opondo-se ao cultivo de formas fixas cultivadas antes do Modernismo, como o soneto e a canção).

Dessa forma, as tendências lírica e filosófica (esta abordada no item anterior) são responsáveis por pouco mais da metade da produção literária de autoria feminina no estado da Paraíba, visto que na catalogação poema ocupa 55% de toda a produção. Esse fato revela que a poesia produzida no nosso estado ainda se encaixa nos moldes clássicos no que diz respeito às temáticas, embora haja uma maior liberdade no aspecto formal. Ou seja, há um avanço formal, mas não uma mudança de paradigma temático. Os grupos mencionados (Geração 59 e Grupo Sanhauá) se configuram como iniciativas vanguardistas, cujos participantes foram influenciados pela onda modernista de inovação artística iniciada com a Semana de Arte Moderna de 1922. O impacto dessa semana foi sentido com mais força décadas mais tarde no território paraibano através desses grupos, que obtiveram considerável sucesso, cuja duração foi rápida e cujos efeitos foram deixados em alguns aspectos da poesia paraibana, como a maior liberdade formal mencionada acima. Em suma, foram grupos de grande importância para o amadurecimento da poética paraibana.

4.3 TENDÊNCIA MEMORIALISTA

Muitos escritores brasileiros tomaram fatos de suas vidas como aspectos constitutivos de suas obras e/ou usaram de suas memórias para a construção de narrativas. Isso foi comum com alguns escritores do Regionalismo de 30, cujas obras são marcadas pelo memorialismo (os autores rememoram em suas obras a época na qual os senhores de engenho do Nordeste perdem seu poder econômico, testemunhando um deslocamento de poder para a região Sudeste; bem como períodos de seca e fome que marcaram o povo sertanejo). Dessa forma, a literatura memorialista é aquela na qual o autor injeta fatos de sua memória no texto literário, que pode ou não coincidir com sua própria vida. Nas obras de cunho memorialista o autor faz da escrita

“um fluxo imanente e analítico da própria constituição mnemônica daquilo que narra, o narrador memorialista cria uma espécie de metamemória literária, pensada sob a estrutura do recordar e a partir do próprio discurso memorialístico num jogo espelhar, num jogo de linguagem onde as entrelinhas são as linhas e vice-versa, onde o profundo e a superfície interagem para compor o ato de criação. É diferente da tentativa de escrita (auto)biográfica, quando se pretende escrevê-la unicamente como registro e ‘ilusão’ histórica, como se a existência humana e a memória ou até mesmo os documentos dessa existência fossem lineares. Por sua vez a escrita memorialista se lança às reminiscências para também pensá-las pelos seus avessos, nas idas e vindas, e ao pensá-las repensar ressentimentos e esquecimentos, através das falhas, das lacunas de uma história, dos ‘brancos’ como numa ‘cegueira branca’ também da História” (PORTO, 2011, p. 196).

Textos dessa natureza são semelhantes a depoimentos e testemunhos sobre fatos e acontecimentos. No entanto, essas narrativas diferem dos textos autobiográficos, uma vez que o autor não está envolvido na história (não estamos considerando o texto autobiográfico no mesmo esquema teórico dos escritos memorialistas). Segundo Maciel (2004, p. 14), as memórias “são uma busca de recordações por parte do eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve”. O autor (chamado de eu-narrador) se reporta a um passado presentificando-o através de sua escrita pensando nos possíveis futuros leitores. Logo, essa rememoração também ajuda no processo de autodescoberta dos autores, atuando na formação de sua personalidade literária e contribuindo para o amadurecimento de sua escrita.

Se antes, textos dessa natureza não eram considerados literatura, hoje a flexibilidade maior dos estudos literários permite estudá-los como tal. A literatura confessional ou intimista (como pode ser chamado o conjunto dos textos memorialistas) produzida principalmente por mulheres sofreu processo semelhante. Os teóricos tendiam a considerar tais escritos como diário ou simplesmente autobiografia. Vale a pena ressaltar aqui a diferença entre memória e autobiografia:

“A diferença entre a memória e a autobiografia é também tênue e parece estar evidenciada na busca específica para qual este "eu", de vida comprovada (ou não), se remete: se a busca das memórias equivaleria a de um historiador que procura no passado aquilo que explique o presente e o desenrolar de fatos diversos, na autobiografia o relato se daria segundo critérios que sirvam para reforçar a história de uma personalidade, ou seja, da existência deste eu-narrador. Se nas memórias temos um "eu" que quer tirar do passado uma leitura do mundo, na autobiografia temos um "eu" que quer tirar do mundo o que seja a sua própria história”. (MACIEL, 2004, p. 14-15).

A mudança de perspectiva desse “eu” referido pela autora altera a dicção do texto determinando o modo como o texto se estruturará. Alguns estudiosos passaram a defender que as escritas memorialistas não se configuram como um retrato fiel da realidade, visto que em toda rememoração haverá lacunas preenchidas com a imaginação, o que faz com que a linguagem adquira um caráter literário: “as memórias são a parcela da literatura autobiográfica mais reconhecida como puramente literária, muito provavelmente pela maior liberdade imaginativa que a elas está vinculada” (2004, p. 14). O conceito de literatura discutido no capítulo 2 deste trabalho (Historiografia literária e escritoras paraibanas: aspectos teórico-conceituais) aponta justamente para essa flexibilidade dos estudos literários¹¹. Além das peculiaridades linguísticas e estéticas, o texto literário elabora sua própria verdade, sua própria objectualidade, não havendo a necessidade de a literatura ser um retrato fidedigno da realidade representada: “e fato, as inexatidões da memória, capacidade humana de armazenar dados, transformam os fatos em recordações por meio da linguagem” (MACIEL, 2004, p. 14).

Nesse sentido, o texto memorialista também não se configura como uma representação fiel da memória da autora. No momento em que se estrutura esse tipo de narrativa são acionados elementos narrativos (ações) que preenchem possíveis vazios discursivos ocasionados pela não lembrança de todos os detalhes necessários para a construção do texto. A ênfase é dada aqui ao conteúdo e ao modo de dizer, à dicção presente no texto. Isso nos remete aos limites cada vez mais fluidos entre a ficção e a não ficção. São questões instigadas por esse tipo de produção que incentivam a reflexão contemporânea sobre os aspectos definidores do fenômeno literário.

A narrativa memorialista se mostra como uma das mais fecundas no âmbito da produção feminina na Paraíba. São textos nos quais as autoras se posicionam como testemunhas de acontecidos circundantes, geralmente envolvendo conhecidos próximos, parentes ou narrativas locais que eram vivas na mente de algumas comunidades¹². Algumas autoras optam por contar acontecimentos que exaltam a vida de parentes,

¹¹ Refiro-me ao tópico “2.1 Considerações sobre o conceito de literatura”.

¹² As escritoras que seguem essa tendência são: Victória Chianca; Amira Rose Costa Medeiros; Molina Ribeiro; Maria Regina Cavalcanti da Silveira; Silinha de Oliveira; Maria Lindalva Xavier Amaro; Terezinha Figueiredo; Yolanda Queiroga de Assis; Lúcia Navarro Braga; Maria Julita Nunes; Maria do Socorro Ramos Loureiro; Zilma Ferreira Pinto; Waldice Mendonça da Silva Porto; Verônica Correia Lima; Thereza Freire Vieira; Maria Auxiliadora de Carvalho Guedes; Helena de Lucena Beltrão; Eunice Rodrigues Moreira; Maria da Conceição Imperiano; Maria das Graças Ataíde Dias.

usando-as como motivação ou mote narrativo, chegando mesmo a haver narrativas que mostram a formação de clãs que deram origem a determinados povoados e até mesmo municípios paraibanos, sobretudo no sertão, como as escritoras Maria Lindalva Xavier Amaro, Lúcia Navarro Braga, Maria Julita Nunes e Maria do Socorro Ramos Loureiro¹³. As autoras de uma faixa etária mais elevada são as que mais se dedicam a este tipo de narrativa. Quantitativamente, muitos textos de cunho memorialista estão registrados em coletâneas, sobretudo aquelas das Edições Caravela dos anos 1990 e início dos anos 2000.

Em *Memórias de um menino da vila* (Editora Utopia, 2005), de Amira Rose Costa Medeiros, o narrador-protagonista André relata suas memórias acerca do lugar onde viveu e cresceu: uma vila de pescadores. Sua trajetória, seus dramas e dúvidas o fazem querer conhecer novas experiências, fazendo-nos enxergar como sua atitude em desejar sempre algo mais o leva a uma mudança de perspectiva de vida:

“Ali era como uma porta aberta para o mundo. Eu sentia meus sonhos adolescentes nascerem e, muitas vezes, por lá mesmo, serem despedaçados e esquecidos. Por isso tinha medo e tinha esperança, sempre de uma maneira otimista. Era ali que eu buscava coragem para acreditar e lutar por dias melhores para minha família. Ali eu podia me sentir pequeno diante de Deus e sua criação, mas me sentia grande diante das pessoas e daquele lugar, como se os raios de sol refletidos da água em mim pudessem me fazer mais forte a cada segundo que eu permanecesse diante deles” (MEDEIROS, 2005, p. 15).

Como se confessasse sua vida a alguém, a linguagem intimista proporciona um mergulho nos sentimentos mais profundos do garoto, que se sente forte quando está no lugar onde cresceu. O espaço físico atua como uma força exterior influenciando seus aspectos psicológicos e emocionais. Na vila, André se sentia pequeno diante da natureza exuberante que lhe era apresentada e da força divina mantenedora do lugar. O “eu” narrador busca no passado uma base psicológica e uma leitura de mundo que o ajude a entender o presente, o que ajudará a lidar com os eventuais problemas do futuro.

Dessa forma, o discurso memorialista também proporciona imagens da geografia de alguns vilarejos, comunidades e cidades, revelando como o espaço físico é importante para esses escritos por proporcionar um maior grau de realismo ou convencimento em relação ao leitor (como podemos verificar no trecho supracitado). A vivência (real ou os causos e narrativas orais) e as experiências culturais atuam como

¹³ Refiro-me aos livros: *Memórias de um anjo*; *Tempo de viver, tempo de contar*; “Miga”, uma teixeirense; *Sempre nunca mais*; *Vivências compartilhadas*.

eixo norteador em busca dos elementos que compõem o imaginário de tal local. Como em *Tempo de viver, tempo de contar*, no qual a autora Lúcia Navarro Braga narra a história de duas famílias que se misturam: Navarro e Braga. Os políticos advindos deste clã obtiveram grande reconhecimento no estado e ajudaram no desenvolvimento econômico e social da Paraíba. Neste caso, a narrativa assume uma dicção diferente do exemplo citado acima, lembrando o gênero diário.

A autora, em *Tempo de viver, tempo de contar*, narra uma história da qual ela faz parte e da qual quer ser lembrada. Tomamos conhecimento dos fatos através de sua ótica, sua perspectiva narrativa nos guia pela saga de duas famílias. Nesse sentido, os diários, de um modo geral, “criam a ilusão da espontaneidade e do imediatismo por meio tanto das fragmentações e das elipses, quanto do pacto entre autor e leitor, cristalizado num modo de leitura que não se modificou na mesma proporção que os próprios diários” (MACIEL, 2004, p. 16). A linguagem que, à primeira vista parece ser espontânea, possui um modo de organização muito bem planejado, sobretudo para não deixar brechas na história. Porém, é nessa operação que os fatos são passíveis de modificações devido à tentativa de restauração da capacidade máxima da memória.

O conteúdo vivido pelas escritoras paraibanas se torna substância narrativa; outras assumem uma dicção memorialista pelo modo de construção linguística e pelo tom confessional garantido por meio de uma linguagem intimista, mesmo nos casos de histórias das quais elas não tenham sido testemunhas, mas adeptas dessa forma de narrar.

4.4 TENDÊNCIA REGIONALISTA

Consideramos obra regionalista aquela que traz em seu bojo uma linguagem regional, plasmando-se nela ambientes e territórios específicos de caráter provinciano. Porém, como afirmamos em capítulo anterior, para uma obra ser chamada de regionalista dependerá de outros fatores fundamentais, como a escolha das temáticas a serem tratadas, o objetivo da autora, o estilo de escrita e até mesmo o gosto pessoal. Dessa forma, é um conjunto de características que permitem tal denominação; dentre elas as mais preponderantes são o aspecto estético e a temática plasmada no texto.

O fato de a autora ser paraibana não significa que sua obra necessariamente será de cunho regionalista. Entendido como tendência, essa linha temática é uma dentre

tantas outras cultivadas pelas autoras da Paraíba. Voltamos aqui á ideia de que o fenômeno da globalização impulsiona o surgimento de obras dessa natureza, uma vez que tais escritos exaltam peculiaridades locais que tentam ser superadas e/ou apagadas pela crescente globalização. No entanto, a produção dessas autoras não pretende ser uma compensação do deslocamento do poder econômico, como já fora no passado com José Lins do Rego e outros autores nordestinos. Há nelas uma exaltação dos costumes do povo nordestino com o objetivo de expor a força e a capacidade de auto-regeneração desse povo, pois sempre encontram uma maneira de resistir ao sofrimento e recomeçar a vida.

A principal representante da tendência regionalista na literatura de autoria feminina na Paraíba é Lourdes Ramalho¹⁴. Com uma vasta obra, vencedora de diversos concursos e reconhecida nacional e internacionalmente, a autora recupera uma memória nordestina através da representação de tipos locais¹⁵, colocando em pauta aspectos sociais e humanos próprios dessa região. Assim, a obra de Lourdes Ramalho é considerada regionalista por colocar em cena figuras típicas do Nordeste brasileiro, cuja geografia se configura como cenário de quase todos os seus textos teatrais. Além disso, a linguagem por ela empregada é a fala coloquial do povo nordestino, com todas as suas peculiaridades: ditos populares, construção sintática, ambiguidades, e pontuação reveladora da entonação da fala nordestina da classe social pobre, como nesse trecho inicial de *A Feira*:

“Zabé – Chega depressa, mãe, parece que tá peada?
 Filó – Peraí, menina, é a dor me tomando de novo a arca do peito.
 Zabé – Ô conversa abusada. É uma dor aqui, outra ali, outra acolá.
 Filó – É, quem sente a dor é que sabe gemer. – Enquanto vocês num acharem eu tesa num canto, num diz que eu tou doente.
 Zabé – Num já veio se consultar? – agora largue essa cara de enterro – parece até que deixaram a porta do cemitério aberta?
 Filó – Que culpa tenho eu de viver amorrinhada, esquecida? (...)”
 (RAMALHO; LEMAIRE (org.), 2011, p. 90).

Mais que o protagonismo do nordestino na obra de Lourdes Ramalho, existem os conflitos humanos em diversos níveis e tipos de relação afetiva, assumindo assim uma dimensão universal. A obra *As velhas* trata justamente da relação conflituosa entre duas mulheres, matriarcas de famílias rivais marcadas pela perda do mesmo homem. Mariana

¹⁴ Outras autoras que podem ser consideradas regionalistas: Ignez Mariz; Ezilda Milanez Barreto; Janaína Azevedo; Zilma Ferreira Pinto; Onélia Setúbal Rocha de Queiroga; Carmem Coelho de Miranda Freire.

¹⁵ Esses tipos locais podem ser de outras épocas que não a atual, distantes no tempo da atual geração.

é abandonada pelo marido pouco tempo depois do casamento; como casara jovem, com 20 anos e, devido aos acontecimentos que lhe cercam e à própria vivência no sertão, torna-se uma mulher amarga. Seu marido fugiu com Ludovina, que também sofre com a fuga do marido. Após muitos anos elas se reencontram e travam uma “batalha”, entre acusações, insultos e provocações. Porém o amor de ambas as matriarcas pelos seus filhos lhes obrigam a se ajudarem mutuamente com o objetivo de irem resgatá-los do poder da polícia local. Dessa forma, as mulheres são as protagonistas deste texto (e de muitos outros), evidenciando a força da mulher sertaneja diante de uma sociedade fincada no patriarcalismo. De acordo com Möller-Zeidler (1993, p. 201), essa maneira com que Lourdes Ramalho trata as personagens femininas chama a atenção uma vez que, enquanto na literatura em geral a atuação das mulheres é menos relevante, na sua escrita a figura feminina é sempre marcante e ocupa um lugar de destaque na trama. Portanto, a mulher sertaneja assume um papel fundamental no conjunto da obra desta escritora paraibana.

Ezilda Milanez Barreto, por sua vez, retrata a região em torno da cidade de Guarabira, no brejo paraibano. O romance *O meu mundo é assim* (1985) se passa na fazenda Recanto, situada numa área geográfica de vegetação mista por estar localizada numa zona mista (brejo e caatinga), e narra a história da tradicional família do proprietário da fazenda Júlio Fernandes e seus empregados. Já *A Barragem* (1937), de Ignez Mariz, retrata o semi-árido paraibano da década de 1930 através da saga de uma família de retirantes que buscam trabalho nas obras de um açude em São Gonçalo (na cidade de Sousa) para garantir sua sobrevivência, pois a seca de 1932 os obrigou a abandonar suas terras em busca de outra alternativa:

Estremunhado, Zé Mariano salta da rede e começa o arremedo de toaleta: pega um caneco, mete-o no pote sustentado por tripé no canto da parede, esfrega os dentes com o indicador, passa a mão molhada na cara.

– Avia Mariquinha, ande depressa.

O cheiro já lhe chegou do vão que serve de cozinha.

Numa xícara de louça mal-casada com pires de agatha a mulher traz o café que ele bebe de dois goles.

Não misturado com leite, como nos bons tempos de inverno, mas uma bebida fraca, a desenxabida garapa, que mal dá para enganar o estômago.

Mas, está satisfeito. Todo mundo está contente, aliás. Um homem não precisa mais estender a mão, humilhado, para matar a fome. Tem agora em que se ocupar.

Eles convergem para a futura Barragem, atendendo ao chamado amigo da casa-de-força. (MARIZ, 1937, p. 3-4).

Dessa forma, a autora coloca em evidência a vida de classes operárias, a saber, os trabalhadores da barragem de São Gonçalo; expondo a luta pela sobrevivência numa região que possui um pequeno índice pluviométrico anual, forçando seus habitantes a se adaptarem à escassez de água e ao trabalho pesado. Mesmo assim, Zé Mariano (retratado acima) está satisfeito porque está trabalhando e na sua compreensão não precisa se humilhar para conseguir o sustento de sua família. No entanto, muitas vezes, as condições de trabalho impostas a esses indivíduos são exploratórias e os tratam como seres humanos inferiores. Em *A Barragem*, a esperança de dias melhores com o término do reservatório de água alimenta a esperança daquele povo. Assim, a autora, ao focar a “produção social, relações de propriedade, estrutura política e vida cotidiana da família do cassaco Zé Mariano, tece uma rede entre desenvolvimento histórico, causalidade e finalidade como fatos ontológico-sociais que se entrelaçam na trama de *A Barragem*” (SALES, 2005, p. 100). É a força do sistema capitalista invadindo o sertão, revelando a ideologia que mantém a estrutura da sociedade em funcionamento.

No romance, também aparecem outras temáticas, como a fome, a valorização da instituição familiar, a arbitrariedade dos homens com maiores recursos financeiros, bem como a exposição de comportamentos e atitudes femininas consideradas inapropriadas para a época, principalmente na figura de Maria dos Remédios, filha de Zé Mariano: “Remédio vai à luta, refaz o modelo estereotipado de menina obediente e ultrapassa os limites estabelecidos para o comportamento de uma moça bem educada, transgredindo todos os costumes da época” (SALES, 2005, p. 118-119). Ela é uma menina que quebra regras e costumes da época através de seu comportamento de jovem “traquina e enxerida”, opondo-se e ao mesmo tempo questionando qual o comportamento adequado no que se refere a uma “moça direita e bem educada”.

A Barragem, portanto, pode ser colocada ao lado de grandes obras produzidas mais ou menos na mesma época pelos paraibanos José Américo de Almeida e José Lins do Rego¹⁶. Entretanto, a produção de Ignez Mariz ficou invisível em razão do sucesso dos já renomados romancistas citados. Isso reforça o caráter excludente do cânone literário e a função de coadjuvantes relegadas às mulheres. Vale salientar que a 1ª edição deste romance de Ignez Mariz foi publicada pela Editora José Olympio, a mesma

¹⁶A obra *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, foi publicada em 1928; e Zé Lins inicia sua produção romanesca em 1932 com *Menino de Engenho*. Já *A Barragem* é de 1937.

que publicou toda a obra de José Lins do Rego. Assim, o mercado editorial também contribuiu com a manutenção do poderio masculino do cânone literário brasileiro¹⁷. *A Barragem*, antes de *Fogo Morto* (1943), mostra a classe operária lutando pela sobrevivência num mundo sendo devastado pelo capitalismo crescente. Mesmo com esse aspecto pioneiro, a paraibana em questão só foi reconhecida bem mais tarde, sobretudo após uma nova edição do romance em foco de iniciativa do Conselho Estadual de Cultura do estado da Paraíba, publicado pela editora União em 1994.

O foco no povo nordestino, nos seus costumes e na sua força de resistência mostram que o literatura regionalista continua tendo o “fôlego de gato¹⁸”; ainda resiste bravamente em meio à uma crítica descreditada e ao desafio de reinventar sempre, o que se torna possível graças à substância de suas narrativas: os sentimentos humanos.

4.5 TENDÊNCIA SACRO-PROFANA

Nesta tendência reunimos textos literários de cunho religioso, erótico (há também aqueles que realizam uma fusão destes dois aspectos) e os que tematizam questões concernentes ao universo feminino¹⁹. A seguir vamos abordar cada uma dessas vertentes presentes nesta tendência.

Tratamos por texto religioso ou sagrado os escritos nos quais o eu lírico ou narrador se reportam a Deus ou a outras figuras divinas com o intuito da reflexão e questionamento em torno de questões pessoais das personagens; além disso, cenas e fatos bíblicos podem ser utilizados como mecanismo intertextual de composição do texto. O discurso religioso constantemente aparece na produção poética das autoras paraibanas, porém em números absolutos não representa uma quantidade comparável com os poemas filosóficos e os líricos. Ou seja, dificilmente uma escritora não produziu um texto religioso, a exemplo de Maria de Fátima Araújo, com seu *Poema N° 2 – Desamor*:

¹⁷ Questões outras são acionadas com esse fato, mas não aprofundaremos em razão de não haver espaço dentro do objetivo do capítulo.

¹⁸ Expressão usada pela primeira vez por José Carlos Garbuglio em artigo de 1979 sobre o regionalismo e suas versões.

¹⁹ Nesta tendência reunimos as autoras: Maria de Fátima Araújo; Janaína Azevedo; Mercedes Cavalcanti; Irene Dias Cavalcanti; Henriqueta Belminda; Clotilde Tavares; Cristina Guedes; Maria Oliveira Araújo Soares; Maria do Socorro Ribeiro; Maria Lúcia Chianca; Bella Santiago; Cybelle Cabral; Maria Helena Campos Beltrão; Maria Lindalva Xavier Amaro; Tânia Rocha Domiciano; Ana Paula Cavalcanti; Dora Limeira.

(...) “Faltou tempo? Amor? Capacidade?
 Faltou o que, meu Deus, ao homem, ao mundo?
 Faltou, será, o acabamento?
 Faltou anjos ao mundo ou há demônios demais?
 Faltou pão à terra ou há voragem em excesso?
 Por outro lado faltou, Senhor, ao Rei da criação
 Poesia, amor, humanismo!”
 (ARAÚJO, 1975, p. 51).

Dirigindo-se diretamente a Deus, o eu lírico questiona os motivos que levaram a atual situação da humanidade, cuja falta de humanismo o assusta. E mostrando uma dualidade na existência humana, pois não se sabe se faltam boas ações ou se as pessoas é que não as merecem, o eu poético chega à conclusão de que faltou poesia, amor e humanismo no instante da criação do mundo e seus habitantes. Essa convocação de figuras divinas, seja questionando-os ou exaltando suas qualidades, é uma constante na poesia religiosa.

Na prosa, há uma incidência menor desta temática, porém, algumas escritoras apresentam obras que dialogam com o discurso bíblico, mantendo uma relação intertextual. No romance *A volúpia dos anjos* (2007)²⁰, de Mercedes Cavalcanti, a intertextualidade com o texto bíblico é o que norteia toda a trama. O início da história ocorre na época do aparecimento de Jesus Cristo no plano terreno, quando o descobrimento de um diário secreto traz revelações à protagonista Hannah, filha de Madalena. O diário escrito por ela mesma em época anterior a faz pensar ser duas pessoas, tão diferente que é a pessoa representada no diário. Personagem da trama, Jesus é representado mais em seu aspecto humano que divino, possuindo uma relação de amizade com Hannah, cujos sentimentos ultrapassam a amizade e a fazem se apaixonar por Ele: “– Eu... Meu coração bate forte... Parece que minha respiração não me basta, sinto-me asfixiar... (...) Meus joelhos amolecem, como que se recusando a sustentar o peso do meu corpo... O mundo inteiro roda à minha volta e no centro dele só há Jesus... (CAVALCANTI, 2007, p. 57). Em certo momento da narrativa, durante a Santa Ceia, um apóstolo de Cristo, João, é transportado instantaneamente para os tempos atuais e aparece em plena encenação da Paixão de Cristo, em Pernambuco. A partir daí, ele acha estranho os comportamentos das pessoas com quem interage e conhece o poder de sedução feminino.

²⁰ A primeira edição de *A volúpia dos Anjos* é de 2005, pela Editora Ideia (João Pessoa).

Os textos eróticos são aqueles cuja linguagem contém imagens eróticas, proporcionando imagens sensuais ou sugerindo ações que despertem o desejo sexual dos indivíduos: “toda concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (BATAILLE, 1987, p. 14). Geralmente, esse desejo sexual é observado em personagens femininas ou em poemas cujo eu lírico é do sexo feminino. Esta tendência é exemplificada através da poesia e da prosa. Nesta, sobretudo nos contos, encontramos alguns escritos que unem o sagrado e o profano, erotizando a relação da mulher com a figura divina. Na poesia, as obras *Eu mulher, mulher* e *Literótica*, ambas de Irene Dias Cavalcanti, são as principais representantes da face erótica da poesia paraibana:

dá-me um/presente de/afeto,/um coquetel/de ternura,/uma doação/de amor.../faz do/meu corpo/o teu caminho,/nele passeia/como bem/quiseres.../sussurra-me/palavras de/doçura, que/eu te darei/a flor/das noites/rubras...
(CAVALCANTI, 2013, p. 37).

Neste poema, que não possui título uma vez que seus textos são apenas enumerados, o jogo de sedução do eu lírico convoca o outro de seu afeto a carinhos mútuos. Há uma gradação no modo sedutor de se dirigir ao outro corpo, iniciando com carícias e chegando ao ato sexual em si (“te darei a flor das noites rubras”). Isso aponta para o fato de que o erotismo é a metáfora da sexualidade, como defende Octávio Paz (1994). Os versos curtos imitam sussurros ao pé do ouvido; e a quebra de frases (os enjambements) confere um ritmo cheio de pausas, característico de falas nas quais há uma tensão emocional. Assim, o poema permite a criação por parte dos leitores de imagens mentais da cena erótica presente no texto.

Vale ressaltar que a 1ª edição de *Eu mulher, mulher* foi publicada em 1972. Uma época na qual eram raros textos que abordassem tal temática, principalmente numa sociedade tradicional, longe dos grandes centros urbanos, onde havia uma maior liberdade para este e outros tipos de escrita. Em *Literótica*, publicado em 1974, temos: “pênis/valoroso/forte/erguido/não vem/embalar/meu triste/devaneio/você de você/nas ânsias/de querer/meu sexo/lhe espera/nas noites/mal dormidas/nas noites/poluídas/de triste/anoitecer” (CAVALCANTI, 2013, p. 84). Neste poema, o pênis desperta desejos no eu lírico, se configura como um objeto de desejo. Entretanto, não significa objeto indispensável; mesmo fazendo visitas ao eu lírico durante a noite e invadindo seu sexo,

as noites são tristes e mal dormidas, ser penetrada pelo pênis não indica uma necessária satisfação sexual e afetiva. Como afirma Octávio Paz (1994, p. 12), “o erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora”. Dessa maneira, esta tendência não só proporciona belas imagens eróticas, como contribui para uma reflexão sobre o corpo e o sexo.

Já os contos do livro *Marias*, de autoria de Janaína Azevedo, possuem uma intertextualidade com o texto bíblico no que diz respeito a nomes de personagens e a ações desenvolvidas por meio de uma temática sacro-profana proporcionando as imagens poéticas e eróticas transfiguradas na linguagem, como afirma o estudioso acima. O próprio título *Marias* já é um indício desse jogo intertextual. No conto *Dá-me tua mão, ó Virgem*, presente nesta obra, Fátima é uma moça visitada por uma mão todas as noites. Sua mãe, viúva muito religiosa, cobra-lhe idas à missa, mas Fátima não quer ir enquanto estiver com essas “heresias” na cabeça. O que lhe consola é o fato de seu irmão estar no seminário. Só sua amiga Irene sabe do fascínio que a mão exerce sobre Fátima, cujo olhar sempre é atraído para um quadro da Virgem Maria.

O ápice da narrativa é quando a protagonista, desejando que a mão lhe apareça naquela noite, não consegue dormir e decide ir à cozinha. Ao passar pelo referido quadro a mão da imagem lhe atrai de um modo tão intenso que ela vai tomar um banho para acalmar sua volúpia, volta para o quarto e adormece. Na manhã seguinte, ao entrar seminua na cozinha, ela vê a mão lavando a louça. Nesse momento, a imagem da Virgem Maria e da menina que sua mãe contratou como empregada doméstica se confundem. Atordoada, Fátima volta rapidamente para o seu quarto, porém, ao atravessar a sala ela percebe que só há a moldura quebrada do quadro. Então, ela só tinha a certeza de que deveria esperar pela mão. Ela acorda ao ouvir alguns passos e, já sem medo, se entregar aos braços da mão corporificada:

– Mesmo tensa adormeci. Despertei com seus passos leves, ergui-me. Não tinha mais medo algum. Vi-a nitidamente com seu vestido azul aproximar-se de mim com a mão. Devagarinho sua mão agarrou o meu seio esquerdo e eu fechei os olhos. Abraçou-me e eu senti a forma redonda do seu corpo. A mão iniciou o ritual. A mão agora tinha um rosto, um corpo, um coração, um sexo. Eu estava predestinada ao sagrado. Armagedon: “Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer”.
O regozijo. (AZEVEDO, 1999, p. 26).

A erótica do conto aliada à religiosidade mal resolvida resulta na crise identitária pela qual passa a protagonista, pois sua mãe pergunta-lhe constantemente se ela não vai à igreja ou se não vai ajudá-la no trabalho doméstico. Essa cobrança de sua mãe contribui para deixar a personagem confusa. No trecho acima citado, Fátima chega a ter uma relação com uma pessoa do mesmo sexo como forma de tentar compreender os mistérios e desejos que rondam sua mente e seu corpo. Ela sente uma mão – que agora tem corpo, coração, sexo e usa um vestido – agarrar-lhe. Nesse momento ela sente a forma redonda desse outro corpo, o que aponta para o gênero feminino, uma vez que formas redondas, circulares, simbolizam o corpo da mulher. Uma das simbologias do círculo refere-se à imutabilidade, pelo fato de não ter começo nem fim, é também uma forma de proteção, asseguradora dentro de seus limites (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 254). Essa imutabilidade é quebrada provisoriamente pelo corpo que agarra Fátima, logo, ele funciona simultaneamente como quebra e proteção, pois o prazer que ele proporciona à personagem abre maiores possibilidades para que ela conheça a si mesma. Dessa forma, assim como em alguns poemas de Adélia Prado, a mulher é retratada como sagrada e profana: ao mesmo tempo em que questiona sua religiosidade deixa florescer seu lado erótico para conhecer a si própria.

Em *A puta de Deus*, conto da mesma autora, verificamos a união do aspecto sagrado ao profano em maior grau, no que diz respeito à linguagem e às imagens proporcionadas por esta, bem como à temática. A narradora-personagem afirma que Deus lhe procurou quando ela estava bêbada. Então, em meio a um devaneio, ela se masturba imaginando que está com Ele e se diz sua “puta”:

“Ele me pegou no colo, elevando-me a nobres altares. Eu, a puta de Deus segui contente, alturas tantas! Deitei na cama macia d’Ele. Senti trêmula e palpitante a rija carne de Seu santo espírito. Molhei-me de Deus. Ganhei diademas de ouro sagrado. Brindei os mais saborosos vinhos com Ele (ah, quão eterna delícia a solidão perfeita com Deus!). Tão eterna, que enquanto o Senhor se banhava, desci e vim me fartar de novo na mesa dos homens: prazeres e delícias ao som maravilhoso dos salmos do pecado”. (AZEVEDO, 1999, p. 47)

Após sua elevação a esse momento voluptuoso, ela desce ao ambiente terreno no qual outros homens a desejam, porém ela já não pode se relacionar com nenhum. Essa exclusividade a deixa triste e confusa, visto que sente falta de outros regozijos. Diante do conselho do Senhor, que diz que ela “de nada sabe”, a personagem se convence de que deve amar somente a Ele. Então, perante tal acontecimento, o povo comemora, traz

o véu e joga arroz, no entanto, ela não quer casar porque foi eleita a “puta santa de Deus”. Esta titulação contém um paradoxo: o vocábulo “puta” está no campo semântico das palavras chulas, pornográficas, ao passo que “santa” pertence ao âmbito do sagrado. Ambos se opõem, o que reforça o conflito religioso pelo qual a personagem está passando, uma vez que há um rebaixamento do sagrado, sua dessacralização, ao passo que a autora eleva o erótico ao plano do sublime. Além disso, o devaneio desta personagem lembra o gozo de Santa Tereza D’Ávila, que, do mesmo modo, num momento de devaneio foi capaz de chegar ao gozo imaginando que Deus estava a sua frente, desejando-a.

Em alguns escritos de autoras paraibanas também é exposta a situação na qual algumas mulheres se encontram no contexto doméstico, familiar ou profissional, levando em consideração a base heteronormativa e falocêntricas quais a nossa sociedade está fncada. Assim, não são mulheres transgressoras da Ordem imposta que encontramos em algumas narrativas. São textos que denunciam formas pelas quais diversas mulheres ainda podem ser submetidas a um poder masculino, representado por um homem ou por uma instituição, como a família:

“Sou funcionária pública de baixo escalão do município. Moro numa favela urbanizada. Lá temos água, luz e temos até um posto médico para emergências. Ganho um salário mínimo e trabalho meio expediente. O restante do expediente diário preencho-o vendendo produtos da avon. Minha renda, portanto, não me permite comer quando tenho fome. Se fosse para matar a vontade, eu comeria o dia inteiro, pois estou permanentemente faminta. Minha renda também não me permite dormir: estou endividada, ameaçada de despejo. Portanto, nunca tenho sono. Mesmo porque meu marido, que está desempregado, bebe o dia todo. Eu nunca sei como ele vai chegar em casa, de madrugada. (...)” (LIMEIRA, 2003, p. 23-26).

A protagonista está presa em uma situação da qual não deseja se desvencilhar. Embora seja funcionária pública, ela não tem nenhum tipo de autonomia, pois vive para trabalhar e sustentar a casa e seu marido, já que ele está desempregado. Mais que isso, ele passa o dia todo bebendo enquanto ela batalha por sobrevivência, ou seja, ela possui o primeiro item necessário a uma vida autônoma: uma possível independência financeira. Na prática, não existe essa independência, pois ela sustenta a casa e o marido. O poder que o “macho” lhe impõe é tão forte que a impede de enxergar a possibilidade de fuga dessa situação, ou simplesmente ela não queira sair. Ela não

consegue forças para lutar e sair desse sistema que lhe oprime de todos os lados, seja trabalho, marido, família ou a sociedade em geral.

Nos textos das autoras paraibanas em questão observam-se essas várias nuances envolvendo aspectos conteudísticos referentes ao discurso religioso. Elas são herdeiras de uma tendência que se tornou uma das marcas da literatura feminina brasileira. No contexto paraibano, essa linha temática passou por um processo de “profanização”, em que obras mais recentes tendem a ampliar o universo profano explorado de modo mais contido por escritoras cujos escritos foram publicados há mais tempo. E ampliam justamente aliando o sagrado ao profano de maneira mais substancial, adquirindo um caráter mais elaborado de diálogo com o discurso religioso, em que episódios, personagens, imagens e alegoria bíblicas passam a funcionar como aspecto central do texto, servindo como eixo norteador da compreensão textual.

4.6 TENDÊNCIA INTERDISCURSIVA

Esta tendência toma emprestada da linguística a noção de gêneros do discurso e interdiscursividade para caracterizar uma espécie de escrita que vem surgindo nas últimas décadas. Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995, p. 42), defende que os gêneros do discurso são formas de interação verbal vinculadas às condições sociais. Dessa forma, cada época e cada grupo social produz um repertório de formas de discurso para sua comunicação, ou seja, os gêneros discursivos estão em constante transformação: “podemos começar por dizer que os gêneros discursivos são ‘movediços’ porque dependem da situação comunicativa, da posição social e das relações sociais dos participantes no evento comunicativo” (GOMES, 2005, p. 160).

As transformações sociais e as necessidades comunicacionais e discursivas dos indivíduos surgidas com o passar do tempo e influenciados pelos meios de comunicação proporcionam o surgimento de gêneros discursivos que fundem características de dois ou mais gêneros em um único texto. Os textos híbridos articulam um jogo discursivo a partir das características dos gêneros apropriados, tornando difícil a identificação dos limites de onde termina um e começa o outro. Essa quebra de fronteiras desses textos mostra os “(des)limites” possíveis, isto é, os jogos que podem ser articulados entre esses textos para que ocorra a criação de uma terceira espécie de texto. Este, por sua vez, não

será nenhum dos anteriores, pois o resultado dessa articulação permite a criação de gêneros outros, com objetivos mais amplos e mais complexos.

Os caracteres estruturais peculiares de cada um dos textos são usados para a criação de outro tipo de gênero discursivo, essa “recontextualização e articulação das ordens do discurso são realizadas no texto, através dos processos de intertextualidade e interdiscursividade, por meio de alguns elementos, quais sejam: tipos de discursos, gêneros discursivos, estilos, tipos de atividades e voz” (GOMES, 2005, p. 163). Portanto, denominamos de tendência interdiscursiva as obras que trazem em seu bojo um hibridismo no que diz respeito ao gênero literário, ou seja, são textos que se confundem com outros gêneros textuais, de forma intencional ou não²¹. Além disso, em razão dessa hibridização, a própria linguagem utilizada sofre alterações para se adequar a esse tipo de escrita. Essa tendência surgiu nas últimas décadas, dificilmente há obras pertencentes a esta categoria publicadas no século passado. As principais representantes desta vertente são as escritoras Mayara Almeida e Letícia Palmeira, embora a obra *Penso, Logo Insisto*, de Maria do Socorro Xavier e comentada em momento anterior neste capítulo (no tópico 3.1), também possa se encaixar nesta tendência, visto que este livro é uma mistura de poemas e pensamentos, tomado aqui como gênero textual.

Na obra *Entre nós e laços*, de Mayara Almeida, encontramos textos escritos em um tom confessional que assumem uma dicção mais pessoalizada que o comum, levada ao extremo, uma vez que os escritos tem um caráter de conselhos, quanto a vários aspectos da vida cotidiana, como questões amorosas e relações humanas; apresentam questões filosófico-existenciais em formas de pensamentos; além de reflexões sobre como encontrar esperança, felicidade e maturidade, a exemplo do texto intitulado “Imaturidade de(s) prazer”:

Algumas pessoas esperam encontrar felicidade ali, logo ali, quase lá. E trocam de companhia para acertar, e trocam de cor, de carro, de casa, de sobrenome, de sexo, e tudo mais que estiver disponível neste mundo tão moderno e ao mesmo tempo tão longe de ser menos limitado. Mas o prazer, esse aí do título, exige maturidade, mais do que idade elevada e formação acadêmica, é coisa encantada, pertencente às estrelas ou constelações – sideral – e também vontade de potência pessoal, coragem, porque se não for assim, não importa a mudança externa que se faça, vai doer o mesmo, de novo, porque a imaturidade causa desprazer. (ALMEIDA, 2013, p. 41).

²¹ Algumas das autoras que fazem parte desta tendência são: Letícia Palmeira; Mayara Almeida; Maria do Socorro Cardoso Xavier; Vania Perazzo Barbosa; Janaína Azevedo; Maria Valéria Rezende; Iara Rodrigues; Ivanilde Baracho de Alencar.

Por meio da leitura deste texto (que está transcrito na íntegra) podemos perceber características apontadas no parágrafo anterior. O tom e a dicção de “Imaturidade de(s) prazer” lembram também o discurso dos livros de autoajuda, o que leva àquela velha discussão entre os limites do texto de autoajuda e o literário. Mas, além disso, nos induz a refletir acerca do que entendemos por “conto”. Na ficha catalográfica de *Entre Nós e Laços* diz-se ser de contos. No entanto, verificamos, a partir do texto extraído da obra, que não existem ali as categorias narrativas que tradicionalmente dão suporte para a identificação do texto como sendo um conto (me refiro às categorias personagens, tempo, espaço, enredo, foco narrativo) ou uma narrativa. O que há é uma voz que reflete sobre os sentimentos e conflitos do ser humano, numa dicção que denuncia o tom de conselho em relação ao leitor. Os próprios títulos dos textos apontam para essa questão: alguns são perguntas (“Você já teve que diminuir para seguir?”; “Você diz eu te amo?”; “Afeto ou distração?”); outros só trazem o nome do sentimento que será tratado no texto (“O amor e a dor”; “Esperança”; “Amor reprimido”). O pronome de tratamento pessoal “você”, utilizado em alguns títulos, mostra essa relação direta estabelecida entre texto e receptor. Além disso, o fato de esse pronome ser empregado no título dessa maneira lembra as estratégias de sedução do leitor utilizadas em textos de autoajuda.

Tradicionalmente, o conto é definido como uma narrativa curta, que possui uma unidade de efeito, flagrando momentos especiais da vida, favorecendo a simetria no uso do repertório composicional (GOTLIB, 2006, p. 82). Essa teoria, que leva em conta a extensão da narrativa, também trata do mini-conto, cuja extensão se apresenta ainda mais reduzida, apresentando uma condensação de ações e elementos narrativos (personagens, tempo, espaço, enredo, foco narrativo) ainda maior (por isso o emprego do prefixo ‘mini’). Nesse caso, os textos de Mayara Almeida, se insistíssemos em classificá-los como contos, estariam mais próximos da estética observada nos mini-contos. Entretanto, mesmo no caso deste gênero é preciso que haja elementos narrativos que o tornem uma narrativa, o que não é o caso dos textos em foco. Não queremos aqui, delimitar uma categoria classificatória, mas sim refletir sobre as formas discursivas surgidas na produção contemporânea dessas autoras.

No *Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, de autoria de Leticia Palmeira, também existem as características apontadas na obra comentada anteriormente, entretanto, não são levadas ao extremo como em *Entre Nós e Laços*. Nos escritos de Leticia Palmeira acrescentamos o fato de fazer referência ao gênero textual diário,

indicado no próprio título do livro. Porém, ao contrário do que poderíamos supor, uma vez que essa similaridade com diário poderia atribuir aos textos um tom mais confessional do que o verificado na primeira obra analisada, isso não acontece, ou seja, não é levado ao extremo. Os textos de *Diário Bordô e outras pequenas vastidões*, classificados na ficha catalográfica como contos, apresentam títulos, diferentemente de um diário convencional, e são datados no final, característica em comum com os diários. Não há nenhuma outra semelhança direta com o gênero diário (este é caracterizado como o registro diário de acontecimentos e emoções do cotidiano do autor através de uma linguagem coloquial, próxima da oralidade, e, geralmente, sua estrutura consiste no vocativo inicial, data, corpo do texto e assinatura). O que existem são caracteres que nos remetem ao gênero confessional (no caso, o diário; outros gêneros confessionais são memória e autobiografia, cuja finalidade é o registro das vivências do sujeito, utilizando para isso uma linguagem em primeira pessoa, em um tom de intimidade com o leitor), como o fato de os textos tratarem de aspectos cotidianos, através de uma linguagem irônica, próxima da oralidade, e cheia de expressões ligadas ao mundo cibernético das redes sociais e dos jovens:

“Já percebeu como é difícil dizer a verdade? Eu mesma venho mentindo a mais de uma década. Ou duas. Ou três. Constatei isto após levar o cano. Cano extenso e de grosso calibre. E, para completar o coreto, me senti tresloucada ao ouvir duas meninas conversando. Elas se perguntavam: Tá ligada? Eu, flutuando em meu culto linguajar, fiquei feito louca, procurando o fio e a tomada. Eu não estava ligada. Era dia e eu quis agradar. Decidi comprar lingerie. A melhor forma de lidar com a imbecilidade é aceita-la. De cara. Sem dó nem piedade. Comprei um monte de lingerie. Todas as peças mais ridículas que se possa imaginar” (PALMEIRA, 2013, p. 22).

Podemos verificar neste trecho que a matéria narrada não é o que usualmente poderíamos encontrar em um diário. Não são confissões despretensiosas, que revelam somente o medo e angústias de uma jovem com relação ao seu “pequeno mundo”. *Diário Bordô* apresenta um tom irônico que lhe garante um caráter crítico em relação aos acontecimentos observados no cotidiano da sociedade em geral. Ou seja, partindo de uma aparente confissão pessoal, individual, o texto assume um aspecto coletivo, na medida em que essas “pequenas vastidões” afligem a quase todas as pessoas na atualidade, trazendo junto com isso reflexões e pensamentos filosóficos como os observados na obra. Essas características verificadas em *Diário Bordô* já foram

anunciadas nas obras anteriores de Leticia Palmeira²², porém, nesta obra tais particularidades atingiram um nível mais elevado de elaboração.

Dessa forma, estas duas obras nos permitem afirmar que há em seus textos uma escrita de si. Não no sentido tradicionalmente empregado, isto é, como um texto memorialista e/ou de cunho autobiográfico, no qual há o retorno do autor através do discurso literário, como uma espécie de depoimento, mas no sentido indicado por Diana Klinger (2007, p. 25): uma escrita de si que se afasta do depoimento, uma escrita que não se apresenta sob a marca da memória da classe, do grupo ou do clã, mas aparece como indagação de um eu que, a princípio, parece ligado ao narcisismo midiático contemporâneo. Os textos das autoras aqui comentadas carregam um pesado tom confessional (através da linguagem em primeira pessoa do singular e das características apontadas acima), plasmando-se ali conselhos de ordem diversa e confissões num tom descontraído, nos quais suas experiências pessoais podem se configurar como matéria-prima para o texto narrado. Ou seja, é um falar de si mesmo. No entanto, “cada narrativa de si se posiciona de diferente maneira segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na auto-indagação, ou na restauração da memória coletiva” (KLINGER, 2007, p. 26). Cada escritora, portanto, se colocará de maneira distinta no texto, mostrando seu posicionamento ideológico por meio das imagens e das ideias observadas em seu discurso, tomando como ponto de partida sua subjetividade, que estará pautada, em níveis diferentes, em uma consciência coletiva.

Embora, quantitativamente são poucas as escritoras presentes nesta tendência. Entretanto, este tipo de produção literária configura-se como uma vertente contemporânea muito importante para o fortalecimento da literatura de autoria feminina, bem como aponta para os novos rumos possíveis da literatura. Este tipo de escritura, em que fica difícil uma classificação quanto ao gênero literário, é cada vez mais recorrente em nossa literatura, principalmente no âmbito da autoria feminina. Assim, essa tendência reflete um fenômeno nacional de estilo de escrita literária, mostrando que algumas autoras estão acompanhando as mudanças pelas quais a arte literária vem passando. Em seu processo de escrita, elas provavelmente não ficam preocupadas se seus textos são ou vão ser chamados de crônica, conto ou qualquer outra categoria. O processo indicado, portanto, aponta justamente para a dissolução dos limites desses gêneros.

²² Estamos nos referindo às obras de contos *Artesã de Ilusórios* (2009) e *Sinfônica Adulterada* (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O catálogo integrante desta pesquisa reúne mais de 350 nomes de escritoras paraibanas sob o critério principal de já terem publicado livro, seja individualmente ou em coletânea. A obra mais antiga catalogada é do ano de 1924 (trata-se do livro de poemas “Cirrus e nimbus”, publicado em 1924 em João Pessoa, de autoria de Eudésia Vieira) e desde então o número de publicações aumentou gradativamente. Nos anos 1990 e 2000 houve um grande salto em número de publicações em razão do desenvolvimento dos instrumentos gráficos e editoriais. Esses números mostram que a mulher vem ganhando espaço no cenário das letras na Paraíba, mas que ainda não é um espaço suficiente ou reconhecido pelo seu valor literário. Embora hajam iniciativas públicas e de instituições literárias do estado na tentativa de divulgar estas autoras (bem como autores, uma vez que estas iniciativas não eliminam a presença da figura do “escritor do sexo masculino”), a exemplo da Flibo (Feira Literária de Boqueirão), o Festival de Artes e o Festival de Inverno (ambos em Areia), e eventos de menor porte e prêmios literários em João Pessoa, ainda paira uma nuvem de desconhecimento sobre elas. Essas iniciativas ajudam no fortalecimento dessas manifestações, porém, salientamos que, mesmo com esse crescimento, a literatura de autoria feminina se mantém a sombra da “literatura masculina”.

No entanto, enfatizamos que esse aumento do número de escritoras e de publicações não mantém uma relação direta com o reconhecimento e divulgação dessa produção. Esse fato contribui para que ela permaneça marginalizada, elegendo-se poucos nomes tidos como representantes dessa literatura, sendo assim, o aumento de publicações não significa um reconhecimento imediato. O eventual destaque dado pela crítica literária a alguma escritora, porém, geralmente partiu de uma constatação do que já estava evidente. Ou seja, como não havia mais a possibilidade de ignorar o destaque de autoras e obras isoladas, em alguns casos, ocorreu a “oficialização” do reconhecimento já verificado pelo destaque estadual e/ou nacional. Essa constatação é reflexo das estratégias usadas pelo grupo dominante da sociedade para manter o mesmo esquema de distribuição de poder social.

Essa “oficialização” do reconhecimento através da crítica literária se configura, então, como uma forma de manipulação desses grupos marginais, no caso as mulheres. Se para uma autora adquirir notoriedade ainda precisa entrar nos jogos de poder

impostos pelo poder patriarcal, então ela está sendo forçada, de certa maneira, a aceitar tal configuração sociocultural. Por isso, defendemos que com a gradual valorização da literatura de autoria feminina e a luta por seu reconhecimento podem gerar outras formas de aquisição de notoriedade, que não dependam exclusivamente do poder masculino. “A afirmação de posições contra-ideológicas por parte das escritoras pode levar a uma lenta revolução no terreno das ideias. Mesmo que esta não tenha efeito no plano prático imediato, constrói novos valores na história das mentalidades” (LOBO, 2006, p. 16). O avanço da tecnologia e dos meios de comunicação já anuncia isso; o uso da internet, por exemplo, seja por meio de ferramentas como blogs ou outras, está ganhando cada vez mais espaço e força no âmbito literário.

Nesse sentido, na tentativa de entender o processo de visibilidade dos autores de uma literatura nacional, precisamos entender o lugar social de onde os sujeitos escritores falam, os aspectos socioeconômicos que influenciam e determinam o contexto cultural. Não podemos desconsiderar o espaço geográfico, com todas as suas implicações, do qual surgem esses nomes. Ou seja, o fato de tratarmos de um grupo marginalizado que habita uma das regiões mais pobres e mais desprestigiadas do Brasil obriga a acionarmos elementos de diversas ordens que expliquem a dificuldade de reconhecimento desse grupo. Novos locais produtores de literatura surgem e demandam por uma nova conjuntura literária, mais ampla e democrática. E isso aponta para uma urgente reflexão em torno do cânone literário. O lugar de onde se fala, ou seja, o lugar geográfico de vivência do indivíduo acrescido dos aspectos econômicos, sociais, culturais e sexuais, atua diretamente no fato de conseguir ou não a legitimação de sua manifestação artística.

Queremos mostrar com isso que, devido às dimensões continentais do Brasil, as tendências e estilos literários levam a uma divisão do território nacional, que nem sempre, ou quase nunca, irá coincidir com a divisão política. Para que haja uma interação maior entre os artistas desses polos, fazendo com que as obras tenham uma maior circulação e divulgação, é necessário que as fronteiras entre essas áreas sejam atenuadas, o que não significa que cada região perderá suas características²³. E isso contribui para o processo de divulgação e valorização da literatura paraibana de autoria feminina. A insistência em manter a literatura brasileira baseada em alguns centros que

²³ Essas fronteiras já estão sendo apagadas em virtude da troca de informações e interações proporcionadas pelos meios de comunicação, como a televisão e, sobretudo, a internet, através dos blogs e outros meios virtuais.

não representam toda a nação corre o risco de anacronismo, uma vez que as formas de interação e a democratização do espaço de criação literária, ainda que defendido bravamente por tradicionalistas, impõem novos desenhos no mapa do Brasil quanto ao fenômeno literário, com territórios despontando-se e conquistando espaço.

Essa ampliação do mercado literário (editorial e surgimento de novos nomes) também mantém uma relação íntima com relação à questão da qualidade e acesso à educação formal. De uma maneira geral, nos centros econômicos do país comentados acima a educação é mais desenvolvida em comparação aos espaços com menor renda per capita. Isso implica em dizer que à medida que o processo de educação se democratizar em todo o território nacional haverá mais possibilidades de surgimento de novos nomes e espaços de incentivo à produção de objetos culturais, entre eles o objeto literário.

O conceito de texto literário, por sua vez, aqui adotado, também indica que a atual configuração literária necessita adotar uma noção mais aberta de texto literário. Nesse sentido,

“a literatura e o feminismo existem, como fenômenos culturais e sociais, dentro da história e modificam-se no tempo e no espaço. Criam-se novas concepções, novos mundos, que se sucedem de forma cada vez mais rápida, à medida que irrompem novos contextos, leis e avanços sociais, como hoje ocorre na era da informática” (LOBO, 2006, p. 25).

O próprio conhecimento dessa produção literária traz uma renovação no delineamento do conceito de literatura e de historiografia. O propósito não foi estabelecer uma lista geral das escritoras, nem sugerir outro cânone literário, pois “se há escritos de autoras contemporâneas que ainda não estão recebendo a devida atenção por parte das investigações acadêmicas, há a necessidade de colocá-las na pauta de discussão, verificando que lugar lhes cabe no contexto da História da Literatura”(SANTOS, 2014, p. 112). Como já dissemos, a finalidade foi trazer à tona essa produção e propiciar, através da tentativa de sistematização utilizando-se o critério de tendências, uma base de leitura que possa servir para outros estudos acerca do universo literário paraibano construído pelas mulheres. Nesse sentido, “o reconhecimento da literatura de autoria feminina é um processo que continua em construção, atingindo, não só novo público produtor e leitor feminino, como também incorporando outras visões de alteridade” (SANTOS, 2014, p. 111). Novas perspectivas literárias nas quais as escritoras expõem visões da realidade a partir de diversos sujeitos

são construídas, atingindo não só o público feminino, mas também os outros tipos de público leitor.

As tendências apontadas aqui proporcionam ao leitor uma visão geral da literatura feminina produzida na Paraíba e podem servir como uma orientação de leitura para a escolha de autoras, gêneros literários ou por temática. Essas linhas temáticas não se limitam as anunciadas nesta pesquisa, uma vez que não são categorias fixas e imutáveis. Os poucos críticos que apontaram tendências na literatura paraibana se baseavam majoritariamente na produção masculina, portanto, o leitor terá contato com o outro lado dessa literatura. Através do estabelecimento dessas tendências não pretendemos descrever um perfil único de escritora paraibana, mas expor a escritura de cada uma delas caracterizando a produção paraibana como plural, abrangendo o maior número possível de características dessa literatura. Assim, a intenção foi perceber a diferença entre essas escritoras, seus diversos tipos de escrita e em quais gêneros literários.

O estabelecimento dessas linhas temáticas aponta para o surgimento de novas bases teóricas no que diz respeito ao estudo da literatura paraibana como um processo multiforme abrangendo as produções feminina e masculina. Os estudos de crítica e história literárias não podem negar a importância e contribuição dessa produção no quadro geral da literatura paraibana e nacional, visto que, embora ainda se mantenha num lugar à margem da produção masculina, encontra um caminho rumo a um gradativo fortalecimento de seus caracteres e de sua inserção no meio literário.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. O conceito de literatura. In: _____. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976, p. 21-80.
- ALMEIDA, Mayara. **Entre Nós e Laços**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2013.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do Regionalismo na Literatura Brasileira: do pitoresco à realização inventiva**. Revista Letras, nº 74. Curitiba: Editora UFPR, 2008, p. 119-132.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Disponível em: <http://C/site/livros_gratis/arte_poetica.html>. Acesso em: 16 ago, 2014.
- AZEVEDO, Janaína. **Marias**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **A convivência crítica: ensaios sobre a produção literária da Paraíba**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice, 2007.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: _____. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995, p. 23-47.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- BORA, Zélia. **Poemas das cidades mortas e dos pequenos seres invisíveis**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 7-53.
- _____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BRAGA, Lúcia Navarro. **Tempo de viver, tempo de colher**. João Pessoa: A União, 1996.

- CÂNDIDO, Gemy. **História Crítica da Literatura Paraibana**. João Pessoa: A União, 1983.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000, p. 22-37.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CAVALCANTI, Irene Dias. **Eu mulher, mulher; Literótica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- CAVALCANTI, Mercedes. **A volúpia dos anjos: romance**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Tradução: Vera da Costa e Silva [et al]. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Revista Estudos Históricos, vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 153-159.
- _____. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 665-702.
- _____. Regionalismo(s) e regionalidade(s) num mundo supostamente global. In: MACIEL, Diógenes André Vieira (org.). **Memórias da Borborema 2: internacionalização do regional**. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 21-64.
- CHIZZOTTI, Antonio. Da pesquisa qualitativa. In: _____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-106.
- _____. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CULLER, Jonathan. O que é Teoria? In: _____. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999, p. 11-25.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- D'ONOFRIO, Salvatore. Introdução. In: _____. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 1990, p. 9-22.
- EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: _____. **Teoria da literatura: uma introdução**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-22.

- FERRÉZ. Terrorismo literário. In: _____ (org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 9-14.
- FREADMAN, Richard; MILLER, Seumas. Os poderes e limites da teoria literária. In: _____. **Re-pensando a teoria: uma crítica da teoria literária contemporânea**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994, p. 245-322.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2000.
- GOMES, Maria Carmen Aires. **A questão do hibridismo na relação entre gêneros discursivos e mudança social**. Revista de Estudos da Linguagem. v. 13, n 1, jan/jun 2005, p. 155-170.
- GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GUSMÃO, Nair. **Catarse**. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé, 1984.
- KAISER, Wolfgang. Introdução. In: _____. **Análise e interpretação da obra literária – introdução à ciência da literatura**. Coimbra, Portugal: Arménio Amado Editora, 1985, p. 3-17.
- KLINGER, Diana. A escrita de si – o retorno do autor. In: _____. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucuro, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 19-65.
- KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial: ensaio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LE GOFF, Jacques. A história nova. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério Forastieri da (orgs.). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 128-176.
- LIMEIRA, Dora. **Arquitetura de um abandono**. João Pessoa: Manufatura, 2003.
- LINS, Vera; MOREIRA, Luiz Franco. Apresentação. In: _____. **Terceira Margem**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade Letras, Pós-Graduação, Ano XIV, n. 23, jul-dez 2010, p. 9-14.
- LINS, Valquíria. **Velas de abril**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.
- LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Faperj/Eduerj, 2006.

- MACIEL, Diógenes André Vieira Maciel. A discussão em torno dos regionalismos e regionalidades ou uma tentativa de apresentação. In: _____ (org.). *Memórias da Borborema 2: internacionalização do regional*. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 7-20.
- MACIEL, S. D. "A literatura e os gêneros confessionais" in: _____. **Em diálogo: estudos literários e linguísticos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 5-20.
- MAGALHÃES, Antonio. **Partilhas do saber: diálogos entre filosofia e literatura**. Revista Páginas de Filosofia, v.1, n.2, jul/dez 2009, p. 47-59.
- MARIZ, Ignez. **A barragem**. 2 ed. João Pessoa: A União, 1994.
- MEDEIROS, Amira Rose Costa. **Memórias de um menino da vila**. João Pessoa: Utopia, 2005.
- MOISÉS, Massaud. Introdução. In: _____. **História da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 9-17.
- MOISÉS, Massaud. Historiografia. In: _____. **História da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 154-155.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da pesquisa. In: _____. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 69-94.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Metodologia, métodos e técnicas. In: _____. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 42-62.
- PALMEIRA, Leticia. **Diário Bordô e outras pequenas vastidões**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.
- PARAÍBA. **A Nova Literatura Paraibana: Poesias**. João Pessoa: A União, 1979.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. **Narrativas memorialísticas: memória e literatura**. Revista contemporânea de Educação. N 12, agosto/dezembro de 2011, p. 195-211.
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis**. Antares: Letras e Humanidades, vol.6, nº11, jan-jun 2014, p. 109-121.
- RAMALHO, Lourdes; Ria Lemaire (org.). **A feira; O Trovador Encantado**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- REIS, Carlos. A literatura como instituição. In: _____. **O conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 19-95.

- RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira num mundo de fluxos. In: **Terceira Margem**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano XIV, n 23, 2010, p. 103-112.
- SANTINI, Juliana. **Entre a memória e a invenção**: a tradição na narrativa brasileira contemporânea. Revista Cerrados, n 27. 2009.
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Autoria feminina, memória e subjetividade**: relações possíveis. Revista Antares: Letras e Humanidades. Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul. Vol. 6, n 11, jan-jun 2014, p. 109-121.
- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução. In: _____. **História da literatura brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 1-31.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. Introdução. In: _____. **História da literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 17-25.
- TAVARES, Hênio. Literatura. In: _____. **Teoria literária**. 5 ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1974, p. 27-44.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- _____. A história conceitualizante. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério Forastieri da (orgs.). **Nova história em perspectiva**. Volume 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 484-514.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. Definições e distinções. **Teoria da Literatura**. Publicações Europa-América, 1983, p. 11-62.
- WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: _____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 97-116.
- XAVIER, Maria do Socorro Cardoso. **Filosofoando a vida**. São Paulo: João Scortecci Editora, 1991.
- _____. **Penso, logo insisto** – pensamentos temáticos. João Pessoa: Ideia, 2009.
- ZAPPONE, Mirian HisaeYaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005, p. 19-29.

ZINANI, Cecil. Escrita feminina: por uma nova história da literatura. In: _____.
História da literatura: questões contemporâneas. Caxias do Sul, RS: Educ, 2010, p.
151-164.

APÊNDICES

- Apêndice 1** – Documento enviado às secretarias municipais de educação e cultura do estado da Paraíba 225
- Apêndice 2** – Imagem da tela inicial do Blog “Paraibanas”..... 226
- Apêndice 3** – Imagem da tela inicial da fanpage “Paraibanas”..... 227



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
Mestrado em Literatura e Interculturalidade

Ilmo.(a) Secretário (a) de Cultura e de Educação,

Sou aluno do mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e estou pesquisando sobre a literatura escrita por mulheres no estado da Paraíba, sob a orientação do Prof. Antonio de Pádua Dias da Silva. Meu projeto de mestrado centra-se na catalogação de escritoras paraibanas que comporão o resultado final da pesquisa, a saber, A História da Literatura Paraibana de Autoria Feminina. Para prosseguir com a pesquisa e obter dados mais precisos, estou entrando em contato com todas as secretarias de cultura dos municípios paraibanos. O objetivo é obter, oficialmente, através desta secretaria, informações precisas que possam constar no registro da história em construção. Para tanto, solicito, gentilmente, as seguintes informações: existe alguma escritora, da atualidade ou do passado, natural do seu município? Se existe, gostaria que fosse informado:

- O nome da escritora, data de nascimento (e morte, se for o caso); título de sua(s) obra(s);
- Se existem exemplares dos livros em seu município;
- E alguns dados da vida da escritora;

Sua ajuda é de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa. Em caso negativo, gostaria de ser comunicado também. Sua colaboração constará no resultado final da pesquisa. Muito obrigado por contribuir para o enriquecimento de nossa cultura.

Atenciosamente, José de Sousa Campos Júnior.

Favor responder para o seguinte endereço: Rua José Peixoto, Centenário.
Campina Grande – PB, nº 227. CEP: 58428-105
Ou para o e-mail: c.josedesousa@yahoo.com.br

escritorasparaibanas.blogspot.com.br

Paraibanas

Este blog destina-se a reunir e divulgar informações sobre a literatura produzida por mulheres na Paraíba.

INÍCIO

sábado, 12 de julho de 2014

XV Festival de Artes de Areia: da Paraíba para a América Latina

Na próxima semana (14 a 20 de julho) Areia sediará o seu XV Festival de Artes. O evento marcará o início do "Caminhos do Frio", rota cultural e turística que percorre diversas cidades do brejo paraibano. Atrações musicais nacionais (como Tiê, Céu e Ivan Lins) prometem agitar as frias noites do festival, bem como os shows que ocorrerão no decorrer do "Caminhos do frio".

O festival contará com uma programação culturalmente diversificada: música, literatura, dança, teatro, circo, artes visuais, audiovisual.



Por



Júnior Campos
Seguir 8

Meu nome é Júnior Campos. Sou de Massaranduba (PB), formado em Letras pela UEPB, aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade na mesma universidade, pesquisador e admirador da literatura paraibana escrita por mulheres.

[Visualizar meu perfil completo](#)

13:12
17/09/2014

The image shows a screenshot of a Facebook page for 'Paraibanas Comunidade'. The browser's address bar displays 'https://www.facebook.com/paraibanas?ref=hl'. The page header includes the Facebook logo, the name 'Paraibanas', and navigation options like 'Página inicial'. Below the header, there are tabs for 'Página', 'Atividade', 'Informações', and 'Configurações'. The main content area features a cover photo with a stylized illustration of a woman's face and the text 'Paraibanas Comunidade'. Below this, there are buttons for '+ Seguir' and 'Compartilhar'. A 'Linha do tempo' (Timeline) section shows a post from 'Paraibanas' sharing a photo of 'Livre Pauta', published by José Campos Júnior on September 15, 2014. The post text reads 'Projeto Furne das Artes homenageia o Sesquicentenário de Campina Grande' and includes a link to 'http://www.livrepauta.com/2014/09/projeto-furne-das-artes-homenageia-'. On the right side, a sidebar displays statistics for 'ESTA SEMANA': 1 curtida na página, 35 alcance das publicações, 0 notificações, and 0 mensagens. Below these are sections for 'Recente' (Recent) with years 2014 and 2013, and 'Pessoas' (People) with 202 curtidas. A 'Promover página' button is also visible. The bottom of the image shows the Windows taskbar with various application icons and the system tray displaying the time as 13:10 on 17/09/2014.

ANEXOS

| | |
|--|-----|
| Anexo 1 – Ofício da cidade de Olivedos (PB)..... | 229 |
| Anexo 2 – Ofício da cidade de Gurinhém (PB)..... | 230 |
| Anexo 3 – Ofício da cidade de Emas (PB)..... | 231 |
| Anexo 4 – Ofício da cidade de Lucena (PB)..... | 232 |
| Anexo 5 – Ofício da cidade de Brejo do Cruz (PB)..... | 233 |
| Anexo 6 – Ofício da cidade de Vieirópolis (PB)..... | 234 |
| Anexo 7 – Ofício da cidade de Barra de São Miguel (PB)..... | 235 |
| Anexo 8 – Ofício da cidade de João Pessoa (PB)..... | 237 |

Anexo 1 – Ofício da cidade de Olivedos (PB)

Estado da Paraíba
PREFEITURA MUNICIPAL DE OLIVEDOS
Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo

OFÍCIO S/Nº Olivedos-PB, 19 de dezembro de 2013

Sr. José,

Em atendimento a vossa solicitação, informo que na nossa cidade não existe nenhuma mulher escritora, viva ou já falecida.

Ao mesmo tempo, nos colocamos a sua disposição para qualquer outro esclarecimento que precise ou venha a precisar.

Cordialmente,

Claudiana Costa de Albuquerque
CLAUDIANA COSTA DE ALBUQUERQUE
Secretária Municipal de Cultura, Esportes e Turismo

Claudiana Costa de Albuquerque
Secretária de Cultura, Esporte e Turismo
Mat. 590359-9

Ao Sr. José de Sousa Campos Júnior
De Claudiana Costa de Albuquerque
Secretaria Municipal de Cultura. Olivedos PB.

Anexo 2 – Ofício da cidade de Gurinhém (PB)



Estado da Paraíba
Prefeitura Municipal de Gurinhém
Secretaria de Educação, Cultura e Esportes

Ofício Nº 155/2013

Gurinhém, 28 de Novembro de 2013.

Senhor José de Sousa Campos Júnior

Aluno do mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Em resposta ao seu ofício que pede informação sobre a existência de escritora com obra publicada, informo-lhe que em nosso município não existe escritora com obras publicadas e conseqüentemente nenhum exemplar.

Aproveito a oportunidade para renovar meus votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Maria Alcieli Rangel de Paiva Alcântara

Coordenadora Pedagógica

Anexo 3 – Ofício da cidade de Emas (PB)

**Prefeitura
Municipal de Emas
Paraíba**

SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO

Ofício 026/2013.

Em, 02 de dezembro de 2013

Caro Sr. José!

Atendendo sua solicitação feita através de e-mail a respeito de um levantamento das escritoras paraibanas, informo que no nosso município não tem nenhuma escritora com algum livro editado e catalogado.

Sem mais para o momento, renovamos votos de apreço e consideração.

Atenciosamente,



Eraldo Morais Carneiro
Sec. de Administração

Ao Sr.
José de Sousa Campos Júnior.
Rua José Peixoto, Centenário.
Campina Grande – PB, nº 227.
CEP:58428-105.

Prefeitura de Emas
Av. Vice Prefeito João Kennedy Gomes Batista, nº2 Centro
Emas - PB
CEP:58763-000
CNPJ: 089440840001-23


Emas
No caminho do Trabalho

Anexo 4 – Ofício da cidade de Lucena (PB)**Prefeitura Municipal de Lucena****Secretaria de Cultura**

Ofício nº34/2013

Lucena, 18 de dezembro de 2013

Caríssimo José de Sousa,

Dirijo a V.^a para dar-lhe nossa contribuição ao seu trabalho, que digo ,de grande relevância para cultura Paraibana e ao nosso município

Temos o registro em nosso Município da poetisa ANTONIA ODILIA DE FRANÇA, carinhosamente chamada de BILA. Nasceu em Lucena aos 26 de março de 1902, neta de escravo legítima, era uma pessoa maravilhosa e de grande humor. Viajou muito mundo a fora, em seus depoimentos sempre falava na morte do governador João Pessoa, estava ela hospedada na época numa pousada vizinha ao hotel Gloria onde houve o assassinato do então governador. Saiu de Lucena aos 14 anos dentro dos navios, e sempre escreveu e adorou a poesia. Sempre nos mostrava suas poesias, e ate que aos seus cem anos conseguimos publicar e comemorar com ela ainda viva, já debilitada, mas muita sóbria. Fizemos uma grande festa com um coquetel e muitos convidados. Existe em nossa biblioteca alguns exemplares, e nós que fizemos o trabalho de edição temos ainda em nossa residência, mas todos disponíveis. Bila morre no dia 15 de dezembro de 1903 em Lucena de morte natural, na casa de sua sobrinha onde morava.

Qualquer duvida estou a disposição.

Maria Ernestina Cornélio do Nascimento
Secretaria de Cultura

Anexo 5 – Ofício da cidade de Brejo do Cruz (PB)



**ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE BREJO DO CRUZ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

Ofício nº 177/2013

Brejo do Cruz-PB, 17 de dezembro de 2013

Senhor José de Sousa Campos
Aluno do Mestrado da UEPB,

Estamos encaminhando anexo, as informações solicitadas a essa Secretaria sobre os escritores do nosso município, os quais publicaram livros. Sem mais para o momento, renovamos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Marta Lúcia de Paiva Rocha
Secretária de Educação

Marta Lúcia de Paiva Rocha
Sec. Municipal de Educação

Anexo 6 – Ofício da cidade de Vieirópolis (PB)

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE VIEIRÓPOLIS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Ofício nº 42/2013

Vieirópolis, 02 de dezembro de 2013

Ilmo. Sr. José de Sousa Campo Júnior**Aluno do mestrado da UEPB**

Sirvo-me do presente expediente para cumprimentar **Vossa Senhoria**, ao mesmo tempo em que, lhe informo não haver em nosso município nenhuma mulher que tenha escrito livros de literatura.

Sem nada mais para o momento, envio votos de estima e apreço.

Francisca Vieira Barbosa

Técnica da Secretaria de Educação

Anexo 7 – Ofício da cidade de Barra de São Miguel (PB)



BARRA DE SÃO MIGUEL - PARAÍBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO CULTURA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE CULTURA

Ofício nº 100/2013 – DC

Barra de São Miguel/PB, 17 de Dezembro de 2013.

Ao

Sr. José de Souza Campos Junior

Mestrando da UEPB

Prezado Senhor,

Ao mesmo tempo que, o cumprimentamos, respondemos a solicitação feita por e-mail em relação a existência ou não de escritoras em nosso município.

Felizmente, dentre entre outras artes que também existe personagens em nosso meio, podemos dizer que contamos com duas escritoras. Ambas atuais, vivas.

*A primeira dela trata-se de **Juliana Maria Soares dos Santos**, professora da Rede Municipal de Ensino, nascida no município de Cabaceiras, mas residente na*

comunidade rural Sítio Maniçobade Barra de São Miguel, que fica a beira do rio Paraíba. Nascida em 27 de maio de 2008, pedagoga, com formação pela UEPB, além de lecionar, traz para sala de aula a arte de envolver em seu trabalho a música e a poesia. Tem 03 (três) cordéis lançados, com a seguinte titulação:

- **Curso de Educadores Populares Juvenis - Dez/2009**
- **Zeca Soares: um artista de verdade - Dez/2011**
- **Coisas do Nordeste - Jun./2012**

A nossa segunda escritora chama-se **Ermira Maria de Fátima Pinto**, natural de Barra de São Miguel, nascida em 08 de outubro de 1953, filha do Sr. Severino Ferreira Pedrosa (Biino) e da Sra. Josefa Gonçalves Pedrosa (Zefinha de Biino), casada com José Maria Pereira Pinto, é mãe de Fernando Pereira Pinto, contador. Além de escrever também possui a habilidade de fazer outras artes: crochê; bordado; pintura em tela; etc. Seu livro encontra-se no “forno” da gráfica da UEPB e deverá ser lançado em início de 2014. Tem a seguinte titulação:

- **Barra de São Miguel - Meus versos contam sua história.**

Acreditando ter podido contribuir com as informações solicitadas, agradecemos a oportunidade de podermos divulgar pessoas importantes.

Atenciosamente.

Maria da Conceição das Neves Lins

Secretária Adjunta da

Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desportos

Barra de São Miguel/PB

Anexo 8 – Ofício da cidade de João Pessoa (PB)

PREFEITURA DE
JOÃO
PESSOA
PRA VIVER MELHOR

Ofício nº. 1.350/13-GS/SEDEC

João Pessoa, 17 de setembro de 2013.

Senhor Secretário,

Ao cumprimentá-lo, e tendo em vista documentação anexa, encaminhamos a Vossa Senhoria, as informações solicitadas em apenso.

Sem mais para o momento e ao inteiro dispor, renovamos préstimos de elevada consideração.

Atenciosamente,


Giovanna Cristina Januário Alves
Chefe de Gabinete/ Sedec

Ao Sr.
JOSÉ DE SOUSA CAMPOS JÚNIOR
Rua: José Peixoto, nº. 227, Centenário
Campina Grande/PB

SEDEC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Av. DIÓGENES CHIANCA, 1777 • ÁGUA FRIA • JOÃO PESSOA
PARAÍBA • BRASIL • CEP: 58053-900 • FONE: 3218-9273/3218-0274
www.joaopessoa.pb.gov.br

Escritoras Paraibanas da Área de Literatura

Anayde Beiriz

Anayde Beiriz nasceu no dia 18 de fevereiro de 1905, em João Pessoa. Sendo seus pais José da Costa Beiriz e Maria Augusta de Azevedo. Estudou na escola Normal Oficial do Estado, onde recebeu seu diploma de professora em 1922. Lecionou em uma colônia de pescadores, em Cabedelo, durante o dia ensinava as crianças e a noite aos adultos. Aos 20 anos, ganha o concurso de beleza, promovido pelo Correio da Manhã, como a mais bela paraibana em 1925. Em 1927, habilitou-se em datilografia, na Escola Rimington, na primeira turma mista da conceituada Escola Poeta, escreveu várias poesias, que foram publicadas na Revista ERA NOVA. Foi noiva do bacharel João Dantas. Foi enterrada como mendiga no Cemitério Santo Amaro, Certidão de Óbito Nº2585. Seu resgate se deu 50 anos depois pelo historiador José Joffily. Faleceu no dia 22 de outubro de 1930.

Adamantina Neves

Adamantina Neves nasceu em João Pessoa no dia 26 de setembro de 1905. Filha de Arthur Jader de Carvalho Neves e Maria Gomes de Carvalho Neves, é a primeira filha de uma prole de 10 irmãos. Desde os 06 anos de idade declama, por influência de sua tia Fininha. Estudou na escola Normal Oficial do estado, onde recebeu o diploma de professora. Foi professora de várias gerações: da escola Santa Rosário ao Grupo escolar Epitácio Pessoa no Jardim de Infância sua maior paixão. Entre seus alunos podemos citar pessoas como Dr. Odilon Ribeiro Coutinho, a deputada Lúcia Braga, o deputado José Clerot, o prefeito Jader Pimentel, o jornalista e escritor Luiz Augusto Crispim, Dr. Everaldo Soares Júnior, o jornalista e escritor Otávio Sintônio Pinto e muitos outros alunos. Sua juventude foi marcada com vários fatos, como por exemplo: o seu apoio a Campanha de João Pessoa, foi liberal de corpo e alma. Para Adamantina o Presidente João Pessoa foi um ídolo e continua sendo. Suas obras: “Janelas” e “Portas Abertas” e “Folhas de Portas”, livro de poesias. Faleceu em 05 de janeiro de 2000.

Catarina de Moura

Catarina de Moura Amstein nasceu no dia 20 de dezembro de 1882, nesta Capital. Foram seus pais Misael do Rego Moura e Francisca Rodrigues Chaves Moura. Fez seus estudos primários e secundários na Escola Normal Oficial, onde recebeu o diploma de professora normalista, em 1902. Fez o curso de preparatórios no Liceu Paraibano, matriculou-se em 1908, na Faculdade de Direito do Recife, de onde saiu formada e laureada, em 1912, obtendo também o prêmio de viagem à Europa. Como quartanista de Direito, advogou no crime, na cidade de Pau d'Alho, em Pernambuco. Em 1913, no Governo Castro Pinto, fez conferências públicas, no Teatro Santa Rosa, sobre “Direitos da Mulher” e escreveu, no jornal “A UNIAO”, crônica assinada como pseudônimo de Paraguaçu. Na escola Normal desta Capital ensinou como professora, as cadeiras de Português, Desenho, Francês e História da Civilização, sendo em 1917, nomeada professora efetiva da cadeira de Português.

Francisca Rodrigues Moura

Francisca Moura, nasceu na capital da Província da Paraíba, no dia 02 de agosto de 1860. Filha de Francisco José Rodrigues Chaves e Catarina de Almeida Rodrigues Chaves. Fez seus estudos

primários nas escolas públicas desta capital e nos cursos particulares Veloso e Francisco Gonçalves de Medeiros. Os estudos secundários lhe foram ministrados, particularmente, pelo professor Joaquim Antônio Marques, educador do Liceu Paraibano, visto como naquele tempo, neste estabelecimento, só eram admitidos alunos do sexo masculino. Só mais tarde, quando já era viúva, é que se abriu a escola Normal Oficial do estado, onde recebeu o diploma de professora, no ano de 1890. Em 1894, foi nomeada professora efetiva da Escola Normal. Durante mais de meio século exerceu o magistério particular. O colégio Francisca Moura foi muito freqüentado. Escreveu as seguintes obras: "Compêndio de Geografia" e "Pontos de Português", contendo o programa completo do ensino da matéria na Escola Normal, programa que fora elaborado pelo Catedrático Dr. Maximiano José Inojosa Varejão. Faleceu no dia 02 de fevereiro de 1942.

Isabel Iracema Feijó da Silveira

Iracema Feijó, nasceu no dia 25 de dezembro de 1893, na cidade de João Pessoa, sendo seus pais Emídio de Oliveira e Maria Carolina de Lima Feijó. Fez seus estudos primários na Escola pública da professora dona Maria Amélia Cavalcante de Avelar e os secundários na escola Normal do Estado, onde recebeu o diploma de professora, no dia 26 de março de 1908. Em visita Aliança Liberal a santa Rita, em fevereiro de 1930, fez o discurso de saudação. Foi colaboradora em vários jornais como: A União e A Imprensa na Página Feminina, nas revistas Era Nova, Manaíra e Almanaque, desta capital, do Rio de Janeiro e dos Estados vizinhos, que estampam suas poesias. Iracema foi a primeira mulher a ter o título de eleitor em 1929 e a votar no Estado da Paraíba em 1930.

Olivina Olívia Carneiro da Cunha

Olivina Carneiro, nasceu no dia 26 de maio de 1892, em João Pessoa. Filha do Sr. Silvino Carneiro da Cunha, Barão do Abihay. No ano de 1904 diplomou-se pela Escola Normal Oficial da Paraíba. Desde cedo mostrou seu interesse pelo magistério dedicando-lhe grande parte de sua vida e mais tarde também as letras. A poeta colaborou em vários jornais e revista da Paraíba. Na década de 30, juntamente com outras adeptas a emancipação feminina fundam a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino, onde sua metade era licenciar as mulheres em busca dos seus direitos como ser pensante e atuante na sociedade. No dia 06 de abril de 1938 entra para o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e do IPGH. Das suas colaborações podemos destacar os jornais "A União" e "A Imprensa", na coluna Página Feminina, além da revista "Era Nova", "Manaíra", entre outros. Olivina faleceu no dia 12 de março de 1977, em João Pessoa.